



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

BRUNO VELOSO DE FARIAS RIBEIRO

HETERONORMATIVIDADE E VARIAÇÃO LEXICAL NOS SINAIS EM LIBRAS

RECIFE
2022

BRUNO VELOSO DE FARIAS RIBEIRO

HETERONORMATIVIDADE E VARIAÇÃO LEXICAL NOS SINAIS EM LIBRAS

Dissertação apresentada Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como pré-requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Linguagem, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Claudia Roberta Tavares Silva e sob coorientação do Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo.

RECIFE
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- R484h Ribeiro, Bruno Veloso de Farias
 Heteronormatividade e variação lexical nos sinais em Libras / Bruno Veloso de Farias Ribeiro. - 2022.
 136 f. : il.
- Orientadora: Claudia Roberta Tavares Silva.
 Coorientador: Iran Ferreira de Melo.
 Inclui referências e apêndice(s).
- Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Estudos da
 Linguagem, Recife, 2023.
1. Libras. 2. Variação Linguística. 3. Léxico. 4. Heteronormatividade. 5. Atitudes linguísticas. I. Silva, Claudia
 Roberta Tavares, orient. II. Melo, Iran Ferreira de, coorient. III. Título

BRUNO VELOSO DE FARIAS RIBEIRO

HETERONORMATIVIDADE E VARIAÇÃO LEXICAL NOS SINAIS EM LIBRAS

Dissertação apresentada Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como pré-requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Linguagem, a seguinte banca examinadora:

Prof. Dra. Claudia Roberta Tavares Silva (Orientadora) – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo (Coorientador) – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Prof. Dra. Liliane Correia Toscano de Brito Dizeu - Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL) (Membro Titular Externo)

Prof. Dra. Dorothy Bezerra Silva de Brito (Membro Titular Interno) – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Prof. Dr. Manu Cecil Souza dos Santos Rodrigues – Instituto Federal de Brasília (IFB) (Membro Suplente Externo)

Prof. Dra. Valéria Severina Gomes (Membro Suplente Interno) - Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à comunidade surda do Recife por ter aceitado participar desta pesquisa e mostrar para o mundo a sinalização da nossa região.

Agradeço a toda minha família, que me compreendeu nos momentos de ausência, especialmente ao meu avô, às minhas mães, ao meu pai, às minhas irmãs, aos meus tios, aos meus irmãos, às minhas primas e aos meus primos. Amo vocês.

Agradeço a Alessandro, Ariane, Davi, Edigleisson, Fábio, Laercio, Mathaus, Richard e Thalita, por sua amizade e por todo apoio me foi dado. Amo vocês.

Agradeço a cada professora e professor que passou por minha história acadêmica e contribuiu para que eu chegasse até aqui, especialmente a Adriana e a Francynne, minhas primeiras professoras de Libras.

Agradeço à UFRPE, ao PROGEL, à minha orientadora, Professora Cláudia, e ao meu coorientador, Professor Iran, por terem acreditado na pesquisa e por toda contribuição para levar este trabalho adiante. Viva a ciência brasileira!

E, por fim, agradeço ao(à) criador(a) do universo, por ter sempre segurado minha mão e me levantado quando caí.

RESUMO

Este trabalho investiga como a heteronormatividade se evidencia em Língua Brasileira de Sinais (Libras) através de sinais relacionados a gênero e sexualidade, levando em consideração as atitudes linguísticas dos(as) sinalizantes. As identidades de gênero e sexualidade são o ponto central da Teoria *Queer*, que questiona as normas pelas quais alguns corpos são marcados e outros não. Desse ponto de vista, o gênero e a sexualidade independem da anatomia genital, porém, em nossa cultura, assume-se (ou se espera) que todos os corpos sejam cisgêneros e heterossexuais, o que nos leva a discutir as práticas linguísticas que mantêm essa concepção. A Libras é uma língua viso-motora e muito de seus sinais surgem a partir da característica visual dos referentes, o que se define como “iconicidade”; é também heterogênea, portanto, possui variação linguística. Assim sendo, proponho investigar os sinais de “heterossexual”, “gay” e “lésbica”, suas variantes e suas etimologias; bem como a interação da Libras com o português, língua que mantém o *status* majoritário no Brasil; e a concepção de gênero e sexualidade que circula nas práticas linguísticas da comunidade surda. Essa análise partirá de pressupostos linguísticos teóricos apoiados na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972 [2018]), cujo público-alvo da investigação foi a comunidade surda da Região Metropolitana do Recife, centrando a atenção no domínio da avaliação diante de formas linguísticas variáveis. Ademais, para medir essas atitudes, foram feitos testes baseados em trabalhos como os de Cardoso (2015), Lambert & Lambert (1981), Likert (1932) e Rokeach (1974), já para análise e discussão da carga semântica dos sinais, foram retomados os trabalhos de Butler (2018), Capovilla *et al* (2019), Lanz (2017), Santos (2019) e Veloso (2020). Do ponto de vista da metodologia, trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva, comparativa, estatística e qualitativa. Somado a isso, foi aplicado o instrumento formulário, através de entrevista com 22 colaboradores(as), cujas sexualidades se distribuem entre gays, lésbicas, homens heterossexuais e mulheres heterossexuais surdos(as). Os dados coletados foram processados pelos softwares BioEstat versão 5.3, SPSS Versão 27 e tabulados para a análise comparativa e estatística. A principal hipótese sustentada e confirmada foi que a heteronormatividade revela-se em Libras através da etimologia morfológica ou icônica dos sinais relacionados às identidades de gênero e sexualidade aqui considerados. Além disso, sob o olhar da Sociolinguística Variacionista, não foi possível observar que a comunidade LGBTQIAP+ utiliza variantes distintas da comunidade heterossexual e cisgênera. Os resultados apontaram para percepção de estereótipos negativos relacionados à visualidade de sinais nessas identidades; nenhum sinal de heterossexual foi considerado ofensivo, ao contrário de dois sinais de LÉSBICA e um sinal de GAY; o uso da variante HETEROSSEXUAL, idêntica ao sinal de HUMANO, é verificado pela comunidade, com a diferenciação dependendo do contexto; houve uma homogeneidade no reconhecimento das variantes por todos os grupos pesquisados; e houve diferença nas atitudes linguísticas entre pessoas de identidades de gênero e sexualidade, faixa etária e escolaridade diferentes na avaliação de determinados atributos. Por esses motivos, este trabalho é relevante para as pessoas sinalizantes da Libras que se entendam dentro de, ou se interessem por, gênero e sexualidade dissidentes, no sentido de ter consciência acerca da utilização dos sinais de “gay”, “lésbica” e “heterossexual”.

Palavras-chave: Libras; Variação Linguística; Léxico; Heteronormatividade; Atitudes Linguísticas.

ABSTRACT

This work investigates how heteronormativity is evident in Brazilian Sign Language (Libras) through signs related to gender and sexuality, considering the linguistic attitudes of the speakers. Gender and sexuality identities are the central issue of Queer Theory, which questions the norms by which some bodies are marked, and others are not. From this point of view, gender and sexuality are independent of genital anatomy, however, in our culture, it is assumed (or expected) that all bodies are cisgender and heterosexual, which leads us to discuss the linguistic practices that maintain this conception. Libras is a visual-motor language and many of its signs arise from the visual characteristic of the referents, which is defined as “iconicity”; it is also heterogeneous, hence, it has linguistic variation. Therefore, I propose to investigate the signs of “heterosexual”, “gay” and “lesbian”, their variants and their etymologies; as well as the interaction of Libras with Portuguese, the language that maintains the majority status in Brazil; and the conception of gender and sexuality that circulates in the linguistic practices of the deaf community. This analysis will start from theoretical linguistic assumptions supported by Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972 [2018]), whose target audience of the investigation was the deaf community of the Metropolitan Region of Recife, focusing attention on the domain of evaluation in the face of variable linguistic forms. Furthermore, to measure these attitudes, I performed tests based on works such as those by Cardoso (2015), Lambert & Lambert (1981), Likert (1932) and Rokeach (1974), and for the analysis and discussion of the semantic load of the signs, I resumed the works by Butler (2018), Capovilla et al (2019), Lanz (2017), Santos (2019) and Veloso (2020). From the point of view of methodology, it is field research, descriptive, comparative, statistical and qualitative. Added to this, the form instrument was applied, through interviews with 22 deaf collaborators, whose sexualities are distributed among gays, lesbians, heterosexual men and heterosexual women. The collected data were processed by BioEstat software version 5.3, SPSS Version 27 and tabulated for comparative and statistical analysis. The main sustained and confirmed hypothesis was that heteronormativity is revealed in Libras through the morphological or iconic etymology of signs related to gender and sexuality identities considered here. In addition, from the perspective of Variationist Sociolinguistics, it was not possible to observe that the LGBTQIAP+ community uses different variants of the heterosexual and cisgender community. The results pointed to the perception of negative stereotypes related to the visibility of signs in these identities; no HETEROSEXUAL sign was considered offensive, unlike two LESBIAN signs and one GAY sign; the use of the HETEROSEXUAL variant, identical to the sign of HUMAN, is verified by the community, with the differentiation depending on the context; there was homogeneity in the recognition of the variants by all the researched groups; and there was a difference in linguistic attitudes between people with different gender and sexuality identities, age ranges and education in the evaluation of certain attributes. For these reasons, this work is relevant for Libras speakers who understand themselves within, or are interested in, dissident gender and sexuality, in the sense of being aware of the use of the signs of "gay", "lesbian" and "heterosexual".

Keywords: LIBRAS; Linguistic Variation; Lexicon; Heteronormativity; Linguistic Attitudes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Posição dos cotovelos em relação ao corpo	15
Figura 2: Sinal de “casa”	22
Figura 3: Sinal BIBLIOTECA (inicialização).....	22
Figura 4: Dicionário da Língua de Sinais do Brasil	23
Figura 5: Captura de tela do vídeo de Leo Viturino da plataforma <i>YouTube</i>	23
Figura 6: sinal GAY1	24
Figura 7: sinal GAY2	24
Figura 8: sinal GAY3	25
Figura 9: sinal VEADO	25
Figura 10: sinal GAY5	26
Figura 11: sinal GAY5	26
Figura 12: sinal LÉSBICA1	27
Figura 13: sinal LÉSBICA2	27
Figura 14: sinal dos números seis e nove	28
Figura 15: sinal LÉSBICA3	28
Figura 16: sinal LÉSBICA4	29
Figura 17: variantes do sinal VAGINA.....	29
Figura 18: sinal LÉSBICA5	29
Figura 19: sinal MULHER	30
Figura 20: sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1.....	30
Figura 21: sinal MULHER^HETEROSSEXUAL1	31
Figura 22 sinal MACHISTA	31
Figura 23: sinal HETEROSSEXUAL2	32
Figura 24: sinal HUMANO	32
Figura 25: sinal HETEROSSEXUAL3	33
Figura 26: sinal DIRETO	33
Figura 27: sinal HETEROSSEXUAL4	33
Figura 28: Exemplo de texto em SignWriting.....	41
Figura 29: Exemplo de texto em ELiS	42
Figura 30: Captura de tela da apresentação de imagens e perguntas no formulário	45
Figura 31: Captura de tela da apresentação de perguntas do formulário.....	46
Figura 32: sinal GAY1	50

Figura 33: sinal GAY2	54
Figura 34: sinal GAY3	58
Figura 35: sinal GAY4	61
Figura 36: sinal GAY5	65
Figura 37: sinal LÉSBICA1	67
Figura 38: sinal LÉSBICA2	71
Figura 39: sinal LÉSBICA3	75
Figura 40: sinal LÉSBICA4	78
Figura 41: sinal LÉSBICA5	82
Figura 42: sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1.....	84
Figura 43: sinal MULHER^HETEROSSEXUAL1	84
Figura 44: sinal HETEROSSEXUAL2	88
Figura 45: sinal HETEROSSEXUAL3	92
Figura 46: sinal HETEROSSEXUAL4	96
Figura 47: sinal GAY1	97
Figura 48: sinal GAY2	97
Figura 49: sinal GAY3	98
Figura 50: sinal GAY4	99
Figura 51: sinal GAY5	99
Figura 52: sinal LÉSBICA1	100
Figura 53: sinal LÉSBICA2	100
Figura 54: sinal LÉSBICA3	101
Figura 55: sinal LÉSBICA4	101
Figura 56: sinal LÉSBICA5	102
Figura 57: sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1.....	102
Figura 58: sinal MULHER^HETEROSSEXUAL1	103
Figura 59: sinal HETEROSSEXUAL2	104
Figura 60: sinal HETEROSSEXUAL3	105
Figura 61: sinal HETEROSSEXUAL4	105
Figura 62: sinais GAY1, LÉSBICA1 e HETEROSSEXUAL3.....	107

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Avaliação geral sobre o sinal GAY1.....	51
Gráfico 2: Avaliação geral sobre o sinal GAY2.....	54
Gráfico 3: Avaliação geral sobre o sinal GAY3.....	59
Gráfico 4: Avaliação geral sobre o sinal GAY4.....	62
Gráfico 5: Avaliação geral sobre o sinal LÉSBICA1.....	68
Gráfico 6: Avaliação geral sobre o sinal LÉSBICA2.....	71
Gráfico 7: Avaliação geral sobre o sinal LÉSBICA3.....	76
Gráfico 8: Avaliação geral sobre o sinal LÉSBICA4.....	79
Gráfico 9: Avaliação geral sobre o sinal HETEROSSEXUAL1.....	85
Gráfico 10: Avaliação geral sobre o sinal HETEROSSEXUAL2.....	88
Gráfico 11: Avaliação geral sobre o sinal HETEROSSEXUAL3.....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Células-socias esperadas.....	37
Tabela 2: Células-socias alcançadas.....	37
Tabela 3: Atitudes gerais sobre o sinal GAY1, Recife/PE, 2022	51
Tabela 4: Atitudes atribuídas ao sinal GAY 1 conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022	52
Tabela 5: Atitudes atribuídas ao sinal GAY1, conforme faixa etária, Recife/PE, 2022	53
Tabela 6: Atitudes atribuídas a sinal GAY 1, conforme a Escolaridade, Recife/PE, 2022	53
Tabela 7: Atitudes gerais sobre o sinal GAY2, Recife/PE, 2022	55
Tabela 8: Atitudes atribuídas ao sinal GAY2, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022	56
Tabela 9: Atitudes atribuídas ao sinal GAY2, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022	57
Tabela 10: Atitudes atribuídas ao sinal GAY2, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022.....	57
Tabela 11: Atitudes gerais sobre o sinal GAY3, Recife/PE, 2022	58
Tabela 12: Atitudes atribuídas ao sinal GAY3, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022	59
Tabela 13: Atitudes atribuídas ao sinal GAY3, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022	60
Tabela 14: Atitudes atribuídas ao sinal GAY3, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022....	61
Tabela 15: Atitudes gerais sobre o sinal GAY4, Recife/PE, 2022	62
Tabela 16: Atitudes atribuídas ao sinal GAY4, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022	63
Tabela 17: Atitudes atribuídas ao sinal GAY4, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022	64
Tabela 18: Atitudes atribuídas ao sinal GAY4, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022....	64
Tabela 19: Atitudes gerais sobre o sinal LÉSBICA1, Recife/PE, 2022	68
Tabela 20: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA1, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022	69
Tabela 21: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA1, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022	70
Tabela 22: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA1, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022	70
Tabela 23: Atitudes gerais sobre o sinal LÉSBICA2, Recife/PE, 2022	72

Tabela 24: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA2, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022	73
Tabela 25: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA2, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022	74
Tabela 26: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA2, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022	74
Tabela 27: Atitudes gerais sobre o sinal LÉSBICA3, Recife/PE, 2022	75
Tabela 28: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA3, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022	76
Tabela 29: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA3, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022	77
Tabela 30: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA3, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022	78
Tabela 31: Atitudes gerais sobre o sinal LÉSBICA4, Recife/PE, 2022	79
Tabela 32: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA4, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022	80
Tabela 33: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA4, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022	81
Tabela 34: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA4, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022	81
Tabela 35: Atitudes gerais sobre o sinal HOMEM´HETEROSSEXUAL1, Recife/PE, 2022 ..	85
Tabela 36: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL1, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022	86
Tabela 37: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL1, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022	87
Tabela 38: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL1, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022	87
Tabela 39: Atitudes gerais sobre o sinal HETEROSSEXUAL2, Recife/PE, 2022	89
Tabela 40: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL2, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022	90
Tabela 41: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL2, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022	91
Tabela 42: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL2, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022	91

Tabela 43: Atitudes gerais sobre o sinal HETEROSSEXUAL3, Recife/PE, 2022	93
Tabela 44: Atitudes gerais sobre o sinal HETEROSSEXUAL3, Recife/PE, 2022	94
Tabela 45: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL3, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022	95
Tabela 46: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL3, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022	95

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REFERÊNCIAL TEÓRICO	11
2.1	ATITUDES LINGUÍSTICAS	11
2.2	DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXUALIDADE	16
2.3	ICONICIDADE E INICIALIZAÇÃO EM LIBRAS	21
2.4	VARIÁVEL GAY	23
2.4.1	Variante GAY1	24
2.4.2	Variante GAY2	24
2.4.3	Variante GAY3	25
2.4.4	Variante GAY4	26
2.4.5	Variante GAY5	26
2.5	VARIÁVEL LÉSBICA	27
2.5.1	Variante LÉSBICA1	27
2.5.2	Variante LÉSBICA2	27
2.5.3	Variante LÉSBICA3	28
2.5.4	Variante LÉSBICA4	29
2.5.5	Variante LÉSBICA5	29
2.6	VARIÁVEL HETEROSSEXUAL	30
2.6.1	Variante HETEROSSEXUAL1	30
2.6.2	Variante HETEROSSEXUAL2	32
2.6.3	Variante HETEROSSEXUAL3	33
2.6.4	Variante HETEROSSEXUAL4	33
3	PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS	35
3.1	TIPO DE PESQUISA E DE MÉTODO	35
3.2	COLABORADORES(AS) DA PESQUISA	36
3.3	COLETAS DE DADOS	37

3.4	TIPOS SISTEMAS DE NOTAÇÃO EM LIBRAS.....	39
3.4.1	Sistema de Notação em Palavras	39
3.4.2	SignWriting	40
3.4.3	Sistema ELiS	41
3.5	INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS: O FORMULÁRIO	42
3.6	DESCRIÇÃO DO MÉTODO ESTATÍSTICO	47
4	ENFOCANDO AS ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	48
4.1	VARIÁVEL GAY	49
4.1.1	Variante GAY1	50
4.1.2	Variante GAY2.....	54
4.1.3	Variante GAY3.....	58
4.1.4	Variante GAY4.....	61
4.1.5	Variante GAY5.....	65
4.2	VARIÁVEL LÉSBICA	66
4.2.1	Variante LÉSBICA1	67
4.2.2	Variante LÉSBICA2.....	71
4.2.3	Variante LÉSBICA3.....	75
4.2.4	Variante LÉSBICA4.....	78
4.2.5	Variante LÉSBICA5.....	82
4.3	VARIÁVEL HETEROSSEXUAL.....	83
4.3.1	Variante HETEROSSEXUAL1.....	84
4.3.2	Variante HETEROSSEXUAL2.....	88
4.3.3	Variante HETEROSSEXUAL3.....	92
4.3.4	Variante HETEROSSEXUAL4.....	96
4.4	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	97
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

APÊNDICE A	113
APÊNDICE B.....	115
APÊNDICE C	118

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2005, com 12 anos, eu participei da minha primeira aula de Língua Brasileira de Sinais (Libras), em uma igreja evangélica do meu bairro. De família culturalmente ouvinte e eu mesmo ouvinte, sabia da deficiência auditiva genética que fizera meu avô e minha mãe perderem parte da audição e terem dificuldades de escutar. Além disso, sempre que voltava da escola, no centro da cidade do Recife, em direção a minha casa, havia muitas pessoas surdas conversando em Libras no ônibus, pois seu itinerário passava pela frente da Associação de Surdos de Pernambuco (ASSPE) e do Centro Educacional Bilíngue do Centro SUVAG de Pernambuco. No mesmo ano, 2004, fui para a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (Feneis) de Recife para continuar meus estudos em Libras, motivado pelas experiências que me despertaram a necessidade de aprender língua de sinais.

A partir dessa experiência e do aprendizado de Libras, a explicação da origem dos sinais foi um tema que sempre me interessou. O sinal de “heterossexual”, por exemplo, na Região Metropolitana do Recife, em alguns momentos, é sinalizado com um sinal igual ao sinal HUMANO, pois, fonologicamente, ambos possuem exatamente os mesmos parâmetros. Isso me fez refletir sobre quais corpos têm sua humanidade reconhecida e quais não. Essa reflexão me levou a pensar sobre os outros sinais de identidades de gênero e sexualidade, especialmente daquelas identidades dissidentes.

Numa reflexão teórica sobre essa percepção, a pós-modernidade trouxe consigo uma nova maneira de compreender as identidades: não são mais pensadas como fixas, permanentes, essenciais e estáveis, ao contrário, podem ser fluidas, diversas e performativas (HALL, 2019). Os estudos *queer* consideram essa mudança e questionam a hegemonia das identidades binárias de gênero e sexualidade, as quais ainda impõem as normas de conduta, desejo sexual e comportamento em várias sociedades (BUTLER, 2018). Esses estudos questionam a hegemonia cisgênera¹ e heteronormativa² também desvelando as violências e segregações contra as pessoas com identidades de gênero e sexualidade dissidentes, podendo ser representadas pela sigla LGBTQIAP+, referente às identidades de lésbica, gay, bissexual,

¹ Cisgênero(a) é “a pessoa que se encontra bem ajustada ao rótulo de identidade de gênero (mulher ou homem) que recebeu ao nascer em função do seu órgão genital exposto” (LANZ, 2017, p. 403).

² Heteronormativo(a): “disposição político-cultural, falsamente naturalizada como determinismo biológico, que estabelece a heterossexualidade como o único tipo de orientação sexual —normal, o que faz com que todos os demais tipos de sexualidade humana sejam considerados antinaturais e sócio desviantes” (LANZ, 2017, p. 413).

transgênero(a), transexual, travesti, *queer*, intersexo, assexual, pansexual³ e o símbolo de + referente a outras vivências de não conformidade de gênero e sexualidade (LANZ, 2017).

Os termos trazidos pela cultura *queer* estão paulatinamente sendo assimilados por diversas culturas, de diferentes países, com línguas distintas. No Brasil, além do português falado pelas pessoas ouvintes, a Libras também é reconhecida legalmente como meio de comunicação e expressão da comunidade surda. Essa comunidade assimila novos conceitos e cria novos sinais tendo por base sua visão de mundo, sua cultura, bem como a estrutura interna da Libras.

Nesse cenário, Strobel (2009) explica que, até a década de 1960, as línguas de sinais não eram reconhecidas na comunidade acadêmica como línguas de fato. A mudança começou com o artigo *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*, de William Stokoe, nos Estados Unidos da América. No Brasil, a Libras foi reconhecida como meio de expressão legal da comunidade surda apenas em 2002 e, só em 2006, foi aberto o primeiro curso de Letras/Libras em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, na modalidade EAD, para polos espalhados em todo Brasil.

Na continuidade desse processo histórico, atualmente se conferem poucos registros de sinais em Libras que representam expressões humanas relacionadas ao gênero e à sexualidade. Demonstrando esse fato, até a versão de 2019 do maior dicionário de Libras disponível, o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – Língua de Sinais Brasileira*, não constam os sinais de HETEROSSEXUAL, TRANSEXUAL, TRANSGÊNERO, GÊNERO etc. Entretanto, ainda que não estivessem no dicionário, alguns sinais eram produzidos pela comunidade surda.

Retomando o exemplo sobre o sinal HETEROSSEXUAL, a criação deste parece ser posterior à popularização do sinal de HUMANO, pois este outro foi registrado no período da criação dos cursos de Letras/Libras, nos materiais das disciplinas. Em contraste, os sinais de “bissexual”, “homossexual”, “gay” e “lésbica” não possuem nenhum traço fonológico que os aproxime do sinal HUMANO. Esses traços são percebidos conforme se verifica a etimologia

³ Segundo Lanz (2017):

- a) Transgênero(a), transexual: pessoa que não se identifica com o gênero imposto/atribuído no momento do nascimento;
- b) Travesti é uma identidade transgênero feminina;
- c) *Queer* “tem sido usado como um rótulo para identificar discursos, ideologias e estilos de vida que tipificam o universo LGBT” (p. 422), “originalmente a palavra quer dizer anormal, devasso, tarado, depravado” (p.422);
- d) Intersexo apresenta “características sexuais primárias e/ou secundárias de ambos os gêneros (p. 415);
- e) Assexual “não se interessa por nenhum tipo de parceiro ou de atividade sexual” (p. 400); e
- f) Pansexual é o(a) “indivíduo que tem atração sexual por pessoas de todos os sexos (...) e de todos os gêneros” (p. 420).

dos sinais, cujas características podem: (1) ter origem na visualidade dos referentes (iconicidade) (STROBEL & FERNANDES, 1998); (2) surgir a partir de letras de palavras em português, obedecendo aos critérios da inicialização (ANDRADE, 2013); (3) se originar através de outros processos morfológicos (KLIMSA & KLIMSA, 2010).

Tendo isso em vista, ocorreu-me uma questão que sinaliza o problema desta pesquisa: a heteronormatividade se revela em Libras através da etimologia dos sinais de gênero e sexualidade? Na tentativa de alcançar uma resposta a isso, objetivo, de maneira geral, investigar como a heteronormatividade se evidencia em Libras através dos sinais relacionados a gênero e sexualidade, levando em consideração as atitudes linguísticas. Somado a isso, aprofundando a questão, almejo especificamente: (1) investigar a etimologia dos sinais de lésbica, gay e heterossexual; (2) mapear as atitudes linguísticas em relação aos sinais de lésbica, gay e heterossexual na comunidade surda da Região Metropolitana do Recife; e (3) compreender o quão afetados por valores de ideologia heteronormativa estão os referidos sinais.

Esses objetivos foram traçados vislumbrando as seguintes hipóteses: a principal delas é que a heteronormatividade revela-se em Libras através da etimologia dos sinais relacionados às identidades de gênero e sexualidade GAY, LÉSBICA e HETEROSSEXUAL. Além disso, sob o olhar da Sociolinguística Variacionista, outra hipótese é que a comunidade LGBTQIAP+ utiliza variantes distintas da comunidade heterossexual e cisgênera. Uma terceira hipótese é que algumas etimologias têm origem icônica no papel sexual e/ou na expressão de gênero hegemônicos. Nessa hipótese, ainda é possível que haja um grupo de sinais estruturados por influências da língua portuguesa, indicando uma possível assimetria entre o português e a Libras, levando em conta o prestígio de cada uma.

Outra expectativa importante é a provável naturalização que existe entre o sinal HUMANO e o sinal HETEROSSEXUAL. A Teoria *Queer* deverá contribuir para a explicação do porquê a cultura que categoriza as pessoas em gênero oprime as LGBTQIAP+, mas privilegia as heterossexuais, atribuindo a estas reconhecimento de sua inteligibilidade como pessoa humana. Uma última hipótese é que os resultados dos testes de atitudes linguísticas indicarão um julgamento negativo do(a) colaborador(a) em relação às variedades de “gay” e “lésbica”, ao contrário das variantes de “heterossexual” – o que pode apontar uma possível relação entre as práticas linguísticas e os preconceitos contra pessoas LGBTQIAP+ em língua de sinais.

Na tentativa de alcançar os objetivos e verificar essas hipóteses, segui uma metodologia baseada em Labov (1972 [2018]), Lambert & Lambert (1975), Cardoso (2015), Rokeach (1974) e Likert (1932). Esses me auxiliaram a compreender o domínio da avaliação diante de formas

linguísticas variáveis e a estruturar os testes de atitudes linguísticas. Já para a análise e discussão dos aspectos de gênero e sexualidade são utilizados os trabalhos de Butler (2018), Foucault (2020) e Lanz (2017), tendendo a uma perspectiva socio-crítica e *queer* sobre os dados. Já acerca das técnicas e dos procedimentos, trata-se de uma pesquisa de campo, descritiva, quantitativa e qualitativa, que oferece aos participantes um risco mínimo, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, por exemplo. Assim, a participação na pesquisa poderia gerar insegurança quanto à quebra de sigilo, vergonha, pressão emocional ou sensação de constrangimento ao responder algum item. Nesse contexto, foi garantida a participação anônima e foi aplicado um formulário com 22 pessoas. Os dados foram processados pelos softwares BioEstat versão 5.3, SPSS Versão 27 e tabulados para a análise comparativa e estatística. Vale referirmos que, para a execução dessas etapas, foi necessária a aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP – UFRPE (CAAE: 47456921.6.0000.9547).

Acerca do estado da arte sobre gênero e sexualidade e Libras, fiz um levantamento bibliográfico nas seguintes bases de dados: Scielo e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Encontrei trabalhos sobre o tema apenas na BDTD, três dissertações de mestrado: Oliveira (2017); Silvestre (2014); e Abreu (2015). Desses trabalhos, destaco o de Oliveira (2017), pois os resultados mostram que os homens gays articulam os sinais de forma diferente, ou seja, essa variável extralinguística pode ser percebida no nível fonético.

Acerca dos estudos de Sociolinguística em Libras, fiz um levantamento bibliográfico nas bases de dados já mencionadas. Na BDTD, apenas nove trabalhos apresentaram uma abordagem sobre a variação linguística em Libras. Nesses estudos, ficou evidente que a Libras possui variáveis externas para padrões de variação linguística.

Após esse levantamento bibliográfico, reconheço que as pesquisas sobre variação linguística, crenças e atitudes dos(as) sinalizantes⁴ em Libras são escassas. Além disso, não foram encontradas pesquisas em Libras com abordagem variacionista que levem em conta a variável de identidade de gênero e sexualidade, na comunidade surda do Recife. Devido a isso, esta pesquisa se apresenta como um marco científico relevante e pretende preencher a lacuna teórica e metodológica no campo dos estudos da Sociolinguística Variacionista, tendo como objeto a Libras e trazendo contribuições acerca de gênero e sexualidade à luz da Teoria *Queer*.

⁴ Rodrigo (2019) afirma que o termo sinalizante é utilizado para demarcar a modalidade viso-motora das línguas de sinais, por isso o autor recomenda o uso do verbo “sinalizar” e dos substantivos “sinalização” e “sinalizante”, ao invés dos termos “falar”, “fala” e “falantes”, pois o verbo “falar” ainda carrega um significado próximo ao de “vocalizar”. O autor ainda defende que “a Libras precisa ser enxergada em igualdade à língua portuguesa em termos de direitos, de uso, de acesso e de reconhecimento, mas não em termos de sua constituição linguística” (p. 63 – 64).

Socialmente falando, segundo dados do censo de 2010 do IBGE, 9,7 milhões de pessoas brasileiras têm deficiência auditiva/surdez, isso representa 5,1% da população do país. Dentro desse índice, também existem pessoas que se consideram pertencentes à sigla LGBTQIAP+ e que convivem no país que mais mata pessoas de identidades de gênero e sexualidade marginalizadas. Sobre esse último fato, um relatório do Grupo Gay da Bahia, organizado por Oliveira & Mott (2020), afirma que, só em 2019, 329 pessoas LGBTQIAP+ foram assassinadas devido ao preconceito. Desses homicídios, 52,89% foram apenas contra homens gays, todos configurados como homofobia. Esses fatos também apontam sobre a relevância de tratar esse grupo de pessoas, sobretudo as que apresentam deficiência auditiva/surdez, na intenção de visibilizar essas vivências em fatores linguísticos e socioculturais.

Nas seções seguintes serão apresentados: a) o referencial teórico (seção 2) relacionado às atitudes linguísticas, às identidades de gênero e sexualidade em interface com a comunidade surda, e à iconicidade e inicialização em Libras, voltando à atenção aos sinais das identidades “gay”, “lésbica” e “heterossexual”; b) os procedimentos metodológicos (seção 3) voltados, por exemplo, à caracterização do tipo e dos métodos utilizados, os(as) colaboradores(as) da pesquisa e à coleta dos dados; a análise dos dados (seção 4) que centra a atenção nas atitudes linguísticas dos(as) colaboradores(as) advindas do método estatístico adotado; e, por fim, as considerações finais (seção 5) que sintetizam os principais resultados obtidos neste trabalho investigativo.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Nas subseções seguintes, será abordado o embasamento teórico que guiará as práticas desta pesquisa. Em 2.1 – atitudes linguísticas, apresento o conceito de atitudes linguísticas e resultados de trabalhos anteriores nesse campo de estudos, construindo, assim, um estado da arte que possa dialogar com a temática em análise nesta pesquisa; em 2.2 – diálogos sobre gênero e sexualidade, apresento os conceitos relacionados a gênero e sexualidade, especialmente o conceito de heteronormatividade, a luz dos estudos *queer*; em 2.3 – iconicidade e inicialização em Libras, explico sobre esses dois processos morfológicos para guiar a descrição e compreensão da visualidade dos sinais da pesquisa; e em 2.4 – Variável GAY, 2.5 Variável LÉSBICA e 2.6 Variável HETEROSSEXUAL, elenco os sinais registrados para essas identidades e apresento as suas descrições, fundamentando-as nas referências encontradas.

2.1 ATITUDES LINGUÍSTICAS

“Às vezes antropólogos só estão interessados em como a linguagem é usada no discurso, refletindo cultura, classe, e gênero – um enfoque que é chamado de sociolinguística ou etnolinguística” (BARRET, 2015, p. 17).

Todos (as, es)⁵ nós formamos opiniões e atitudes sobre diversos estímulos em nosso cotidiano. Segundo Lambert & Lambert (1975, p. 100), atitude constitui-se de “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo mais geral, a qualquer acontecimento no ambiente”. Os estímulos linguísticos também

⁵ Fiz uso não convencional da desinência não binária nessa ocorrência por um posicionamento político em relação à visibilidade de identidades de gênero não binárias, apenas nessa ocorrência, pois aqui estou tratando de pessoas como uma categoria universal e julgo necessário representar identidades não binárias de diversas culturas. A fim disso, baseado em Bechara (2009) e Fernandes (2022), fiz uso dos parêntesis, já previsto pela gramática normativa para alternância de gênero [(a), (as)], e acrescentei a desinência não binária separada por vírgula [(as, es)]. Em outros momentos, quando se trata de pessoas identidade de gênero ou masculina ou feminina, não utilizo essa desinência não binária.

entram nesse conjunto, ou seja, desenvolvemos atitudes ao escutar determinadas palavras ou ver determinados sinais e os percebemos como feios, bonitos, elegantes, desrespeitosos etc. (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2004; CARDOSO, 2015). Assim, para apreender e analisar as atitudes linguísticas, foi fundamental a união da Psicologia Social, da Etnografia, da Sociologia e da Sociolinguística, no intuito de que métodos usados nessas áreas do conhecimento pudessem ser combinados e possibilitassem a investigação de tais fenômenos (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2004; BARRET, 2015).

Burns, Matthews e Nolan-Conroy (2004, p. 181, tradução nossa) afirmam que “podemos sentir que um idioma ou variedade é “elegante”, “expressivo(a)” e “musical”, enquanto outro(a) é “vulgar”, “atrasado(a)” e “feio(a)”⁶. Os autores acrescentam que todos os níveis de expressão e análise linguística, línguas inteiras e variedades linguísticas são passíveis de serem objetos de percepção e avaliação. Ao final desse processo, certas formas serão consideradas de prestígio enquanto outras serão estigmatizadas (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2004; TARALLO, 2014).

Burns, Matthews e Nolan-Conroy ainda afirmam que as pessoas “raramente escolhem quais atitudes ter em relação a uma língua ou variedade – em vez disso, nós as adquirimos como um fator de pertencimento ao grupo”⁷ (2004, p. 181, tradução nossa). Os autores também elencam alguns fatores que condicionam as atitudes linguísticas como faixa etária, gênero, escolaridade, status socioeconômico, bagagem cultural etc. Dessa maneira:

nossos estilos perceptivos característicos ajudam alguns a ver através de filtros perceptivos róseos, e outros a ver através de filtros azuis, de forma que temos perceptos muito diferentes ou interpretações diferentes da mesma configuração estimuladora (LAMBERT & LAMBERT, 1975, p. 72).

Continuando, Cardoso (2015) explica que atitudes são tendências de reação de um indivíduo a um estímulo. A autora explica que crenças, sentimentos e emoções, construídos tanto pelas experiências pessoais, quanto pela cultura e pelos valores absorvidos por uma comunidade, também influenciam as atitudes. Rokeach (1974, p. 16), em diálogo com essa discussão, explica que uma crença possui três pilares:

⁶ No original: “We may feel that one language or variety is “elegant”, “expressive”, and “musical”, while another is “vulgar”, “backward” and “ugly””. (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2004, p. 181)

⁷ No original: “Language attitudes are complex psychological entities. Individuals seldom choose what attitudes to have toward a language or variety – instead, we acquire them as a factor of group membership” (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2004, p. 181)

1. pilar cognitivo: sustentado pelo conhecimento “acerca do que é verdadeiro ou falso, bem ou mal, desejável ou indesejável” (ROKEACH, 1974, p. 16);
2. pilar afetivo: desperta aspectos “de intensidade variável (...) que se centram (a) no objeto da crença, ou (b) em outros objetos (indivíduos ou grupos) que tomam uma posição positiva ou negativa a respeito do objeto da crença, ou (c) na própria crença” (ROKEACH, 1974, p. 16);
3. pilar de conduta: predisposição de resposta, uma reação, à qual uma crença convenientemente ativada conduz (ROKEACH, 1974).

Embora, à primeira vista, pareçam ser simplesmente um resultado, as atitudes são, na verdade, processos (CARDOSO, 2015). De maneira mais detalhada, “o componente cognitivo chegaria ao componente de conduta ativado pelo componente afetivo que, a partir das crenças, provoca reações determinadas, as quais, por sua vez, dão os contornos para ação final do indivíduo” (CARDOSO, 2015, p.18). Burns, Matthews e Nolan-Conroy (2004) também acrescentam que as atitudes são formadas de maneira subconsciente ou inconsciente, ou seja, no dia a dia, esse processo acontece continuamente, mesmo sem nos darmos conta.

Conforme destacam Pereira & Silva (2018), para a Sociolinguística, a heterogeneidade é um pressuposto basilar, pois é a partir dela que existe variação. Na tentativa de apreender padrões no aparente “caos” dos fenômenos linguísticos, surge o trabalho costumeiramente estatístico de sociolinguistas. Como produto desse trabalho, surgem conceitos importantes para a área, que são conhecidos enquanto variantes e variável. Segundo Tarallo (1997, p. 8), uma possível definição desses conceitos é que variantes linguísticas são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”, enquanto variável linguística, por sua vez, é um conjunto de variantes (TARALLO, 1997). O autor também explica que a variação pode ocorrer em todos os níveis de análise linguística.

William Labov (1972 [2018]) realizou uma pesquisa na ilha de Martha’s Vineyard, localizada no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos da América, e encontrou um padrão que influenciava a variação fonética dos ditongos (aw) e (ay), pertencentes a algumas palavras em inglês como por exemplo: “*white*”, “*night*”, “*pie*”, do ditongo (ay); “*brown*”, “*shiretown*” e “*backhouse*”, do ditongo (aw). Foi percebida uma escala de expressões fonéticas que iam desde [ay] e [aw], até, respectivamente, [əi] e [əu]. Essas escolhas eram feitas de modo inconsciente e as crenças eram influenciadas por questões socioeconômicas e desejos pessoais de continuar morando ou não na ilha. Assim, as pessoas que tinham uma visão mais positiva

sobre a vida local utilizavam uma variante mais centralizada em relação à produção do som [ə] e as pessoas que tinham uma visão negativa utilizavam uma variante mais aberta em relação a esse mesmo fonema [a]. Por conseguinte, as crenças, os valores e a identificação (ou não) com sua região de origem podem motivar uma variação fonética dentro de uma mesma comunidade (LABOV, 1972 [2018]).

Cardoso (2015) realizou uma investigação acerca das atitudes linguísticas de pessoas de Aracaju sobre os dialetos do Rio de Janeiro, de Salvador, de Maceió e da própria Aracaju. A autora utilizou um teste linguístico de atitudes dividido em duas partes. Através de questionário, os(as) colaboradores(as) deveriam responder sua concordância com enunciados sobre as atitudes que eles consideravam ter (na primeira parte) e sobre amostras gravadas de fala (na segunda parte) dos dialetos das cinco capitais acima citadas, numa escala com seis opções. As características investigadas nesse estudo foram:

- estéticas: “bonito” – “feio”; “agradável” – “desagradável”; “melodiosa” – “sem melodia”;
- dialetais: “cantada” – “não cantada”; “chiada” – “não chiada”; “lenta” – “rápida”;
- estilísticas: “clara” – “confusa”; “expressiva” – “inexpressiva”; e “simples” – “complicada”.

Cardoso (2015) concluiu que o prestígio para a variedade carioca foi a maior das amostras gravadas e curiosamente a amostra de fala menos aceita foi de uma pessoa de Aracaju, terra natal dos(as) colaboradores(as). Esses resultados, segundo a autora, justificam-se porque:

aqui no Brasil valoriza-se favoravelmente a fala carioca, uma vez que é dessa região que nasce a moda, desenvolve-se a cultura, afirma-se a nacionalidade. Por isso, a musicalidade da entonação carioca é carregada de atitudes positivas e as pessoas que usam essa musicalidade são altamente valorizadas (p. 118-119).

Portanto, nesse contexto, é necessário considerar a situação díspar de poder socioeconômico entre as regiões do país, a utilização dos sotaques do sudeste como padrão em novelas, músicas, jornais etc. transmitidos nacionalmente.

Obviamente, diferentes atitudes linguísticas também são observadas nas comunidades surdas em relação às línguas de sinais (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2004). Porém, nesse contexto, é importante considerar as relações de poder entre as línguas orais e sinalizadas dentro de uma mesma sociedade para aprofundarmos as compreensões sobre esses

fenômenos. Por exemplo, no contexto educacional, historicamente, o uso de língua de sinais na educação de surdos foi visto negativamente e considerado impróprio (STROBEL, 2009; BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2004).

Oliveira (2017) elaborou uma pesquisa utilizando vídeos de quatro surdos (dois homens gays e dois homens heterossexuais) sinalizando um mesmo vocabulário em Libras. Esses vídeos, a partir do uso de ferramentas tecnológicas, foi refeito com avatar computadorizado. Em seguida, o autor entrevistou 36 pessoas sinalizantes de Libras, em sua maioria surdas, utilizando um questionário de percepção linguística sobre as expressões sinalizadas. Os resultados mostram que os surdos gays foram percebidos como mais femininos, embora os participantes da pesquisa não tenham percebido que eles eram homens gays. Assim, os marcadores considerados mais femininos foram objeto de estudo e se fundamentaram na articulação dos braços e no uso do espaço sintático em Libras. Como demonstração desse resultado, foi percebido que os surdos gays sinalizavam com os cotovelos mais próximos ao corpo, indicando traços de feminilidade. Na figura 1 a seguir, no lado esquerdo, está ilustrada a posição dos cotovelos mais distantes do corpo e, no lado direito, mais próximos ao corpo:

Figura 1: Posição dos cotovelos em relação ao corpo



Fonte: Autoria própria

Rudner & Butowski (1981) foram outros teóricos que realizaram uma pesquisa, sobre língua de sinais, acerca de 14 sinais referentes aos termos da cultura LGBTQIAP+, com 45 pessoas surdas, sinalizantes da Língua Americana de Sinais (ASL), divididas em quatro grupos: homens heterossexuais, mulheres heterossexuais, homens gays e mulheres lésbicas. Os autores também investigaram as atitudes linguísticas utilizando uma escala de concordância de cinco pontos e, por fim, perguntaram como cada um dos sinais poderia ser usado, considerando a formalidade da situação e com quais pessoas se interage. Os autores perceberam que todos os sinais foram reconhecidos pelas pessoas homossexuais, mas nem todos foram reconhecidos

pelas pessoas heterossexuais, ademais, os grupos apresentavam atitudes distintas acerca das variantes.

Os autores Rudner & Butowsky (1981) mostram que alguns sinais eram utilizados de maneira secreta apenas dentro da comunidade de gays e lésbicas, para identificação própria ou identificação de seus(as) parceiros(as). Acerca dos sinais das identidades homossexuais, o sinal soletrado G-A-Y foi avaliado como o mais positivo e menos ofensivo. Assim, concluem que, o grupo de pessoas surdas homossexuais possuíam seus próprios padrões de atitudes e léxico divergentes das variantes registradas no dicionário de ASL consultado.

Ao fim, é possível afirmar, junto a Rudner & Butowsky (1981), que os alfabetos manuais podem ser utilizados para formar sinais de identidades de gênero e sexualidade, como visto no exemplo de G-A-Y, em ASL. Entretanto, considero importante mencionar que nem sempre os sinais soletrados são todos bem aceitos por uma determinada comunidade, pela crença de que, como o alfabeto manual é originado da cultura ouvinte, há uma relação de poder assimétrica entre as línguas, pois a língua oral tende a ser a língua oficial e majoritária no país (BURNS; MATTHEWS; NOLAN-CONROY, 2004). Isso posto, para o caso das variantes investigadas nesta pesquisa, levo em conta as discussões sobre atitudes linguísticas em línguas de sinais aqui apresentadas, bem como os conceitos de outras ciências humanas sobre relações de gênero e sexualidade nas sociedades contemporâneas a serem apresentadas na próxima subseção.

2.2 DIÁLOGOS SOBRE IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

As variantes pesquisadas neste trabalho são sinais que representam algumas identidades de gênero e sexualidade. Ao compreendermos que as crenças sobre essas identidades geram atitudes linguísticas, é necessária a contribuição de outra corrente teórica que traga um olhar sobre gênero, sexualidade e identidade. Essa contribuição é dada pela Teoria *Queer*, que possui relevância para a análise dos dados, para a compreensão e interpretação dos resultados.

A Teoria *Queer* questiona a cultura e as normas que produzem o gênero social. Este, segundo Butler (2018), é uma criação cultural que se dá através da linguagem por um viés performativo – o que quer dizer que os atos que o produzem são constantemente repetidos e reforçados de forma a serem aprendidos e impostos a todas as pessoas da nossa sociedade. O gênero é, portanto, um dispositivo regulador, político e social (BUTLER, 2018; LANZ, 2017).

Foucault (2020), ao fazer um apanhado histórico, explica que durante os últimos séculos, nas sociedades ocidentais, as discussões sobre o sexo foram paulatinamente aumentando. Como produto desse processo, as normas de gênero e sexualidade, em contraponto com as oposições binárias desviantes, foram sendo produzidas culturalmente. Nesse contexto, é importante salientar que o autor elenca sexo-natureza (tratado por uma abordagem biológica), sexo-história, sexo-significação e sexo-discurso, tratando da cultura e dos discursos que fazem do sexo um conjunto de relação de poder.

Abordando a questão do conceito de poder, Foucault (2020) buscar narrar os seus tipos e forças, ao longo da história, nas sociedades ocidentais. O poder soberano, por exemplo, acontecia no período feudal. Naquele tempo, o soberano, o rei, possuía um poder repressor, pois ele detinha a autonomia para decidir se alguém iria morrer, ou seja, era possuidor do “direito de causar a morte ou de deixar viver” (p. 146). Dessa maneira, era um poder de reforço negativo, pois a população sentia medo de desobedecer às ordens do soberano, e quem morria, servia de exemplo aos demais (FOUCAULT, 2020).

Nos dias de hoje, as formas complexas de poder capturaram a vida humana e, por isso, Foucault (2020) as chama de biopoder. Segundo o autor, o biopoder age em movimento distinto de relação entre vida e morte: “fazer viver e deixar morrer”. Assim é possível entender que, quanto mais estigmatizado socialmente é um corpo, mais vulnerável é a manutenção de sua existência; entretanto, segundo o teórico, é um poder que funciona de maneira positiva, não repressiva. Dessa maneira, as pessoas são recompensadas quando seguem as regulações e as disciplinas.

No Brasil, uma pesquisa de Abreu (2015) mostra que a maior parte dos materiais feitos em Libras que falam sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) retratam casais heterossexuais; ou seja, o acesso à informação por surdos gays a questões básicas de saúde sexual e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis é precarizado institucionalmente. O autor explica que isso acontece porque a sexualidade das pessoas com deficiência é negada/silenciada e a homossexualidade é considerada desviante do padrão imposto pela sociedade. Nesse contexto, homens gays surdos estão em situação de maior vulnerabilidade e enfrentam um duplo desafio e preconceito (ABREU, 2015).

Silvestre (2014) explica que a Libras é fator primordial para o estabelecimento dos relacionamentos sexuais e afetivos entre pessoas LGBTQIAP+. Os surdos entrevistados pelo autor preferem se relacionar com pessoas que falem Libras, pois, muitas vezes, conhecem os ouvintes por meio de recursos digitais, mas ao ser revelada a surdez, os que não sabem Libras se afastam. Os surdos se desdobram para buscar estratégias de comunicação diversas para

manter contato, mas nem sempre recebem o mesmo investimento de esforço e empatia na comunicação, e, segundo os relatos, esses possíveis parceiros, em sua maioria, não estão dispostos a manter uma relação afetiva, senão apenas relações sexuais esporádicas.

Essas normas pelas quais uns corpos têm culturalmente maior aceitação de sua existência e outros não é um conceito trazido em Butler (2018), quem define isso como a matriz de inteligibilidade de gênero e sexualidade. Nas ciências exatas, matriz é uma tabela, que pode ter tamanho infinito e é definida por uma lei de formação pela qual apenas algumas entidades podem fazer parte do seu conjunto de resultados (BEAN & KOZAKEVICH, 2011). Já na Teoria *Queer*, a lógica é a mesma, pois as normas culturais são análogas às leis de formação e as pessoas que se adequam fazem parte do grupo inteligível (BUTLER, 2018). Nesse sentido, a inteligibilidade é um marcador cultural de conformidade de gênero e sexualidade, que tem como consequência maior possibilidade de existência humana.

Segundo Butler (2018), essa matriz é produzida, gerada e mantida pela cultura através do discurso, ou seja, a linguagem é parte fundamental nesse processo. A autora explica que “as “pessoas” só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero” (p. 42). Assim, a inteligibilidade da matriz questionada pela Teoria *Queer* elege quais corpos podem ser compreendidos, entendidos e/ou reconhecidos como pessoas, ou seja, como seres humanos (BUTLER, 2018).

Butler (2018) também defende que o gênero é um produto de linguagem, pois é através do discurso que se perpetua a ideologia de que há uma naturalidade essencial em ser um gênero. Entretanto, a autora explica que não se é um gênero – se faz um gênero, pois através da linguagem explicamos e interpretamos os corpos. Nesse sentido, todas as normas e atitudes sociais naturalizadas como sendo de homem ou de mulher não se explicam essencialmente pelas diferenças biológicas, senão pela formação e expectativas impostas aos corpos de determinadas sociedades.

Butler (2018) ainda diz que “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados” (2018, p. 56). Assim, apoiada nessas reflexões, a autora chega à conclusão de que o gênero é performativo, pois da mesma maneira que a instituição de um casamento existe apenas após um(a) juiz(a) ou religioso(a) afirmar que as pessoas diante dele(a) estão casadas, igualmente o gênero é produto da linguagem, dizendo que ele existe ao se assumir sua afirmação como válida.

Todavia, é necessário observar que a linguagem não é constituída apenas de símbolos verbais, a linguagem abarca uma diversidade de símbolos, que, no caso desta discussão,

contribuem para expressão exterior da identidade de gênero individual de cada pessoa, que será observada por outrem (LANZ, 2017). Acerca disso, Lanz (2017, p. 412) explica que a expressão de gênero é:

a manifestação, no mundo exterior, da identidade de gênero assumida por uma pessoa. Traduz-se pelo conjunto das condutas, atitudes e performances social e culturalmente sancionados para uso de cada uma das duas categorias oficiais de gênero, masculino e feminino. Esse conjunto inclui uma gama muito variada de itens, que vão desde vestuário, calçados e maquiagem até maneirismos, comportamentos, modo de andar, de falar etc. que são performados na expressão de gênero.

Portanto, o reconhecimento de estar em conformidade com um gênero é pautado na interação e leitura sociais sobre o conjunto de comportamentos, roupa, trejeitos etc. (LANZ, 2017).

Ao trazer ao debate as sexualidades, Butler (2018) explica que, nas culturas heteronormativas, a norma é produzida e fundada a partir de uma coerência ideológica entre sexo anatômico/biológico e desejo. Nessa lógica cultural, corpos nascidos com vagina deveriam performar a feminilidade, identificarem-se como mulheres e sentirem-se atraídos por homens com pênis. Já estes, em paralelo, deveriam performar a masculinidade, identificarem-se como homens e sentirem-se atraídos por mulheres com vagina. A gênese e a produção da matriz de gênero e sexualidade só permitem, portanto, duas entidades/identidades reconhecíveis, existentes e possíveis. Nesse sentido, a lei de formação da matriz define seus resultados a partir dos marcadores “heterossexual” e “cisgênero” em uma possibilidade binária macho/fêmea, homem/mulher, por observação do órgão genital anatômico (BUTLER, 2018; LANZ, 2017).

Esses corpos mencionados no parágrafo anterior possuem maior inteligibilidade cultural, maior respeito a sua existência e sua identidade. Quem se adequa a essas condições têm sua identidade reconhecida e possível de existir; já quem não se adequa não recebe reconhecimento e são privados de existência (nessas culturas) (BUTLER, 2018). Em diálogo com essas questões, Lanz (2017) apresenta os termos:

- cisgênero ou cis: pessoa que se identifica com as normas de gênero que lhes foram impostas no momento do nascimento;
- transgênero ou trans: pessoa que não se identifica com o gênero imposto/atribuído no momento do nascimento;
- heterossexual: pessoa em conformidade com as normas de desejo e conduta sexual, por exemplo, homem que se atrai afetiva e sexualmente por mulheres, e vice-versa;

- homossexual: pessoa que se atrai afetiva e/ou sexualmente por outras de seu mesmo gênero.

Há também identidades que representam gênero e sexualidade ao mesmo tempo, como “viado” e “bicha” para homens homossexuais; “lésbica” e “sapatão” para mulheres homossexuais (ABREU, 2015; LANZ, 2017).

Continuando, ideologicamente tido como algo proveniente da natureza biológica de homens e mulheres, o gênero é questionado pelos estudos *queer* a partir da perspectiva e vivência de pessoas transgêneras, pois elas não seguem a norma sexo-gênero: “as pessoas transgêneras têm chamado a atenção dos estudiosos de sexo e gênero, por constituírem uma prova concreta de que gênero não é uma “herança biológica” indelével e inalterável, mas o resultado de um longo, lento e árduo processo de aprendizagem social” (LANZ, 2017, p. 43). Infelizmente, as pessoas que fogem à norma cis-heterossexual⁸, como consequência, sofrem violência física e psicológica, conforme levantamentos quantitativos de Oliveira & Mott (2020).

Segundo Butler (2018), é possível compreender que o gênero se constrói através do discurso, portanto, a identidade de homem ou mulher não é exclusiva de corpos que assim foram designados no nascimento; essas identidades são tão somente interpretações culturais sobre o sexo. Nessa mesma linha de raciocínio, Lanz (2017) explica que a existência humana é muito menos binária: existem pessoas que se identificam como mulheres trans, homens trans e ainda uma diversidade de pessoas que não se identificam com nenhuma dessas duas categorias, reivindicando-se como pessoas não binárias. Nessa discussão, Butler (2018) e Lanz (2017) apresentam um conceito importante, o da heteronormatividade, que representa o conjunto de normas culturais pelas quais se espera que todos os corpos sejam cisgêneros e heterossexuais.

Finalizando a compreensão desta subseção, as identidades homossexuais masculina e feminina, como gays e lésbicas, não são exclusivas de pessoas cisgêneras, pois há muitas pessoas transgêneras que se relacionam com pessoas do mesmo gênero, sejam elas cis ou trans, por exemplo: mulheres trans que se relacionam com outras mulheres, cis ou trans, podem se identificar como mulheres trans lésbicas (LANZ, 2017). Deve-se então perceber que a orientação sexual é independente da anatomia biológica ou dos vínculos com o gênero. Assim sendo, conforme Lanz (2017) e Butler (2018), a heterossexualidade não é natural, é

⁸ Cisgênero e heterossexual.

naturalizada, e por ser esse aparato regulatório do comportamento humano e social, revela-se na cultura e na língua.

2.3 ICONICIDADE E INICIALIZAÇÃO EM LIBRAS

No caso deste estudo, ao observar a variação linguística em LIBRAS, esta possui seus próprios parâmetros fonológicos. Segundo Donato (2010), a Libras possui três parâmetros primários: configuração de mãos, ponto de articulação e movimento; e dois parâmetros secundários: orientação e expressões não manuais. Dizeu (2014, p. 63), considerando apenas os parâmetros primários, explica que “quando apenas um ou dois [parâmetros] são modificados temos uma variação fonológica, quando a modificação ocorre nos três podemos dizer que há uma variação lexical”. Esse entendimento baseia a natureza da variação dos sinais: se variantes lexicais, ou se variantes fonológicas.

O estudo de Veloso (2020) aponta que algumas variantes do termo “lésbica” em Libras possuem uma composição morfológica retratando a fricção entre os órgãos sexuais femininos, fato que representa o imaginário da cultura urbana brasileira sobre a relação homossexual entre mulheres; nesse recorte, seriam consideradas apenas as mulheres cisgêneras e excluídas as mulheres transgêneras. Para compreender de que maneira os sinais em Libras podem retratar ou representar uma ação como essa, é necessário também compreender o conceito de iconicidade presente nas línguas de sinais.

Segundo os estudos etimológicos, existem sinais chamados de icônicos, pois, sendo a Libras uma língua viso-motora, muito do seu léxico é motivado pela própria característica visual do referente. Acerca disso, Strobel e Fernandes (1998, p. 4-5) afirmam que:

Uma foto é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da LIBRAS, gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. [...] Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente.

Em Libras, o sinal CASA é um exemplo clássico, pois representa, com as mãos, o telhado de uma casa, conforme pode ser visualizado na figura 2 a seguir:

Figura 2: Sinal de “casa”



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 590)

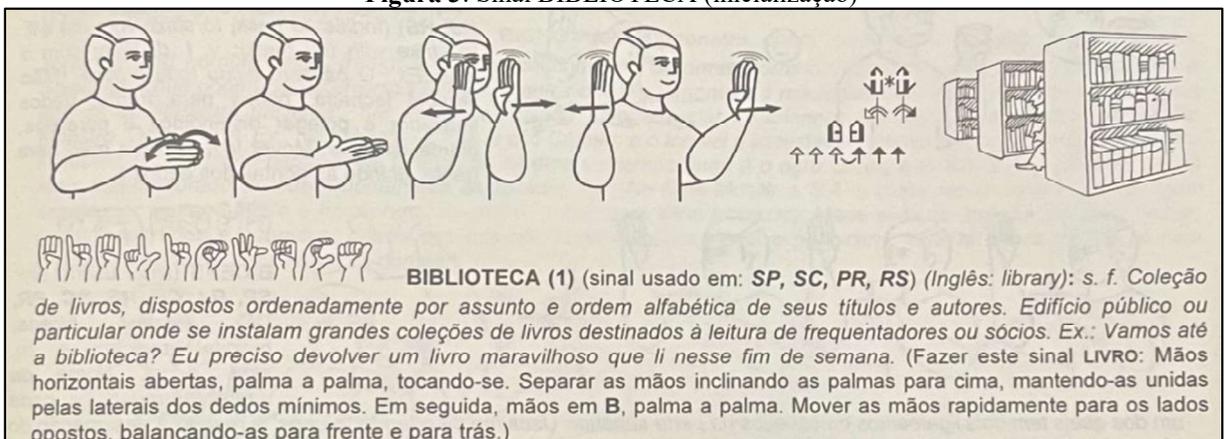
Por esse e outros possíveis exemplos de sinais, pode-se perceber a etimologia icônica que os motiva. Capovilla *et al* (2019, p. 22) reforçam a importância da descrição da iconicidade ao indicar o porquê de ser incluída no dicionário, pois “materializa o significado defronte os olhos do observador”, permitindo captar os significados de uma maneira fenomenologicamente instantânea. De outro modo, nos sinais arbitrários não icônicos, ainda é possível identificar o tipo de processo morfológico que os compõe.

Acerca dessa formação dos sinais em Libras, alguns casos se dão devido à interação com a língua portuguesa. Andrade (2013, p. 44) explica que

línguas de sinais, como quaisquer outras línguas, sofrem influência das línguas orais. Um exemplo típico dessa relação é o uso da primeira letra da palavra na composição do sinal (GARCIA, 1990; HEIN, 2010), o que, segundo Kyle e Woll (1998), McKee e Kennedy (2006) e Quinto-Pozos (2008), é chamado de inicialização.

Como exemplo dessa compreensão, os sinais BIBLIOTECA (figura 3), IDENTIDADE e LINGUÍSTICA são sinais que possuem a configuração de mãos correspondente às letras do alfabeto manual B, I e L, apresentando-se como casos de inicialização.

Figura 3: Sinal BIBLIOTECA (inicialização)



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 409)

Como será vista, nas subseções seguintes, a descrição dos sinais registrados encontrados para as identidades de “gay”, “lésbica” e “heterossexual” possui origens morfológicas através de ambos os processos de iconicidade e de inicialização.

2.4 VARIÁVEL GAY

Figura 4: Dicionário da Língua de Sinais do Brasil



Fonte: Portal Livraria Saraiva⁹

Figura 5: Captura de tela do vídeo de Leo Viturino da plataforma *YouTube*



Fonte: Santos (2019)

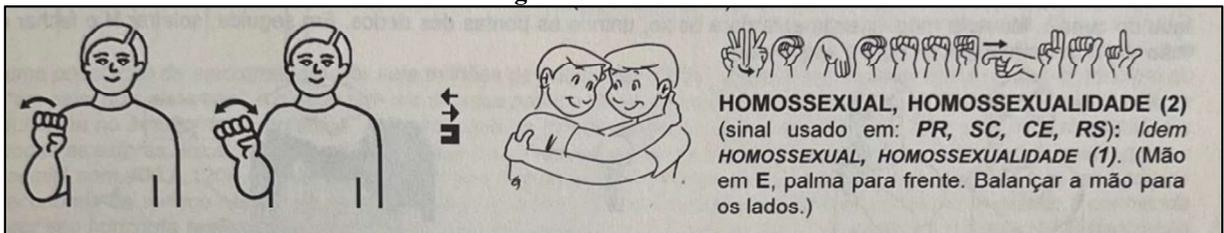
Nas subseções terciárias seguintes, serão apresentadas cinco variantes de sinais para GAY, ou seja, referentes a homens homossexuais. As variantes serão elencadas na mesma ordem em que foram mostradas nas entrevistas, acrescidas de uma numeração após a notação para melhor visualização e distinção dos resultados. Os dados foram coletados nas seguintes fontes: a) no Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos, figura 4 (Capovilla *et al*, 2019), e b) no vídeo do *youtuber* surdo Leo Viturino, figura 5 (SANTOS, 2019). O dicionário Capovilla *et al* (2019) foi escolhido porque é atualmente o maior dicionário de Libras, com 14 mil sinais registrados, e o vídeo de Santos (2019), porque, ao se pesquisar

⁹ Disponível em: <https://www.saraiva.com.br/dicionario-da-lingua-de-sinais-do-brasil-a-libras-em-suas-maos-3-volumes-9731355/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

com as palavras-chave “LGBT” e “Libras”, na plataforma de vídeos *YouTube*, é o primeiro da lista com maior número de visualizações e apresenta um vocabulário em Libras para 31 termos relacionados a discussões de gênero e sexualidade.

2.4.1 Variante GAY1

Figura 6: sinal GAY1

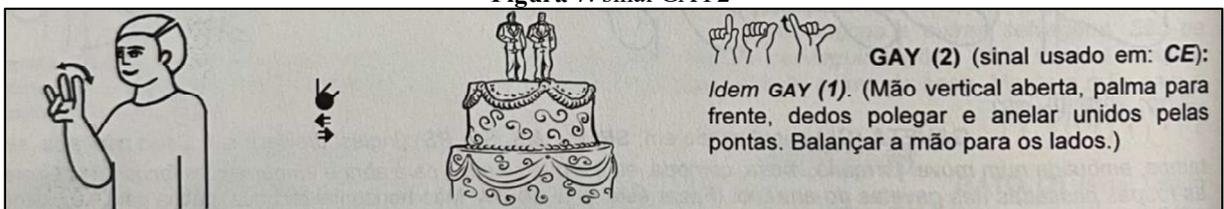


Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1469)

O sinal GAY1, figura 6, representa iconicamente a expressão de gênero afeminada ao gesticular os braços, atribuídas a homens gays e, segundo Abreu (2015, p. 79), “nota-se que o sinal foi construído, pejorativamente, a partir da concepção do homossexual como “mão quebrada-desmunhecada”, atrelado às características afeminadas”.

2.4.2 Variante GAY2

Figura 7: sinal GAY2



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1384)

O sinal GAY2, figura 7, representa iconicamente a expressão de gênero afeminada ao gesticular os braços, atribuídas a homens gays, e a configuração de mão possui uma letra V e uma letra I, o que aponta para inicialização da palavra “viado” emprestada do português (ABREU, 2015).

Lanz (2017 p. 432) define viado como o “termo com o qual no Brasil são largamente designados machos homossexuais (...). O termo pode ter se originado da redução da palavra — transviado (que ou aquele que se transviou), de uso comum no Brasil, na década de 1950”. É importante pontuar que esse termo, historicamente, foi utilizado de maneira depreciativa e ofensiva (ABREU, 2015; LANZ, 2017).

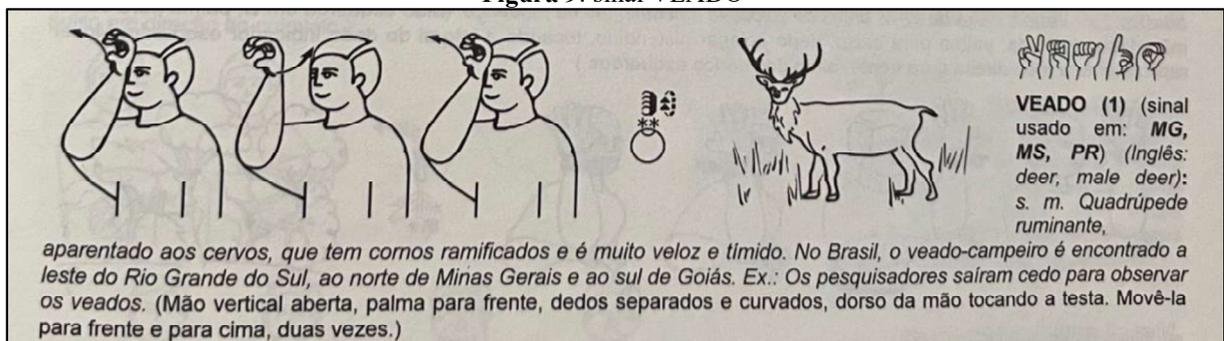
2.4.3 Variante GAY3

Figura 8: sinal GAY3



Fonte: Santos (2019)

Figura 9: sinal VEADO

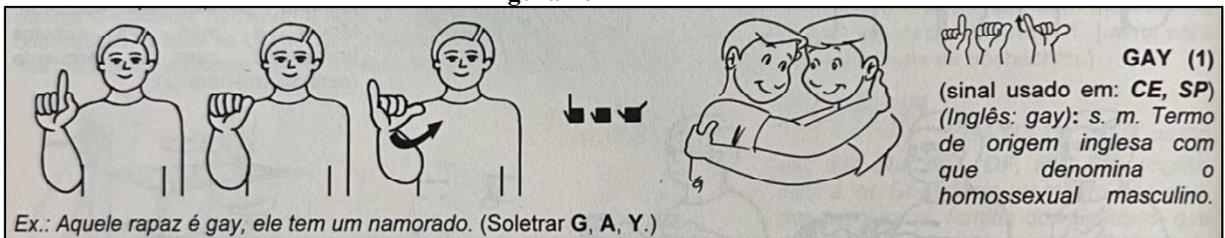


Fonte: Capovilla *et al* (2019, p. 2833)

O sinal GAY3, figura 8, utilizado pela comunidade surda do Recife, possui muita semelhança com o sinal do animal veado, figura 9, registrado em Capovilla *et al* (2019), pois sua configuração de mão e seu ponto de articulação são os mesmos. A diferença entre os sinais está no movimento: em GAY3, os dedos abrem e fecham, com o dorso da mão parado na testa; já em VEADO, os dedos não se movimentam, e o dorso da mão toca a testa algumas vezes. Assim, pela comparação entre os dois sinais, GAY3 pode representar iconicamente os chifres na cabeça de um veado (animal), mantendo uma relação com a palavra “viado”.

2.4.4 Variante GAY4

Figura 10: sinal GAY4

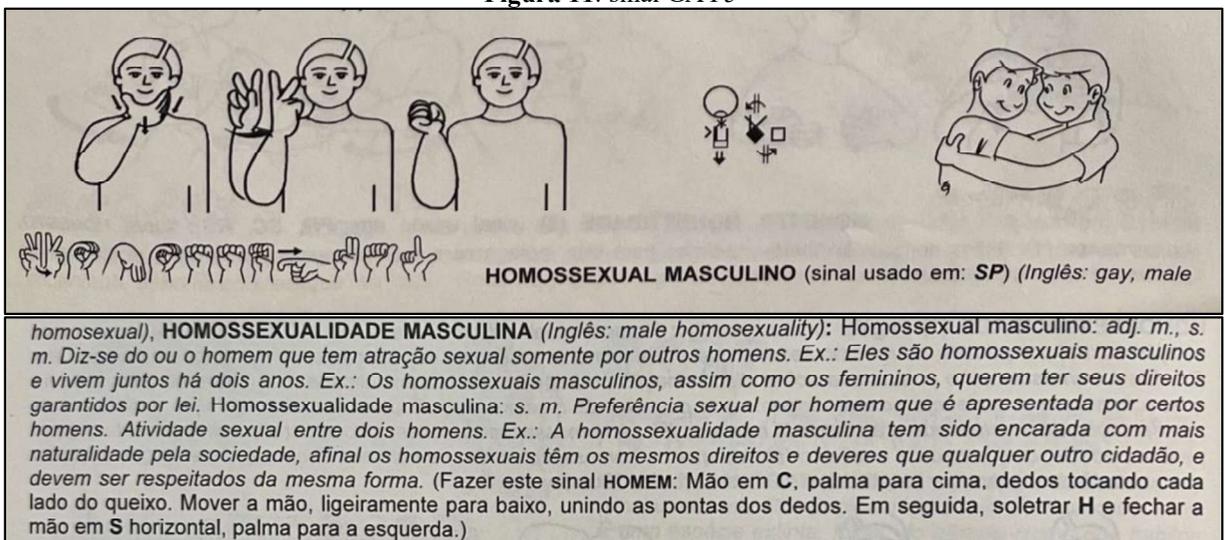


Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1384)

O sinal GAY4, figura 10, é soletrado com as letras G, A e Y em Libras, inicializadas da palavra “gay” de origem inglesa (CAPOVILLA *et al.*, 2019).

2.4.5 Variante GAY5

Figura 11: sinal GAY5



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 146 – 147)

O sinal GAY5, figura 11, é soletrado com as letras H e S em Libras, inicializadas da palavra “homossexual” emprestada do português e pode vir, ou não, antecedido do sinal HOMEM (CAPOVILLA *et al.*, 2019; SANTOS, 2019).

2.5 VARIÁVEL LÉSBICA

Nas subseções terciárias seguintes, serão apresentadas cinco variantes de sinais para LÉSBICA, ou seja, referentes a mulheres homossexuais, coletados nas seguintes fontes em Capovilla *et al* (2019) e em Santos (2019). Novamente, as variantes serão elencadas na mesma ordem em que foram mostradas nas entrevistas, acrescidas de uma numeração após a notação para melhor visualização e distinção dos resultados.

2.5.1 Variante LÉSBICA1

Figura 12: sinal LÉSBICA1

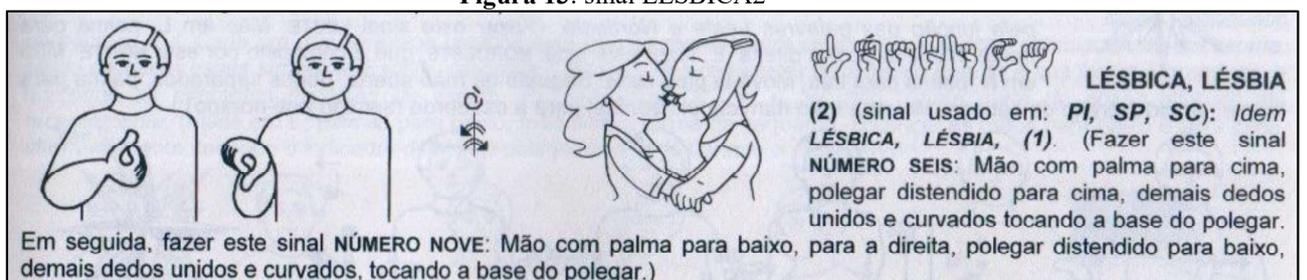


Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1665)

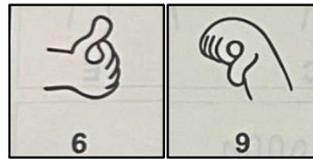
O sinal LÉSBICA1, figura 12, é soletrado com as letras L e S em Libras inicializadas da palavra “lésbica” emprestada do português (CAPOVILLA *et al*, 2019).

2.5.2 Variante LÉSBICA2

Figura 13: sinal LÉSBICA2



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1665)

Figura 14: sinal dos números seis e nove

Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 18)

Nas fontes Capovilla *et al* (2019) e Santos (2019), não foram encontradas explicações acerca da origem do sinal LÉSBICA2, figura 13, mas o sinal é composto pelos números seis e nove (69), figura 14, o que segundo Veloso (2020), relaciona-se com uma posição sexual.

2.5.3 Variante LÉSBICA3

Figura 15: sinal LÉSBICA3

Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1665)

Nas fontes Capovilla *et al* (2019) e Santos (2019), não foram encontradas explicações acerca da origem do sinal o sinal LÉSBICA3, figura 15. Porém, segundo Veloso (2020, p. 9), representa “a posição sexual entre duas pessoas com as pernas abertas cruzadas entre si”. Desse modo, o polegar (de um lado) e os outros quatro dedos (do outro lado), representam cada um dos dois membros inferiores. A região entre os polegares e os indicadores de cada mão se tocam várias vezes (CAPOVILLA *et al*, 2019), representando a posição dos órgãos genitais externos.

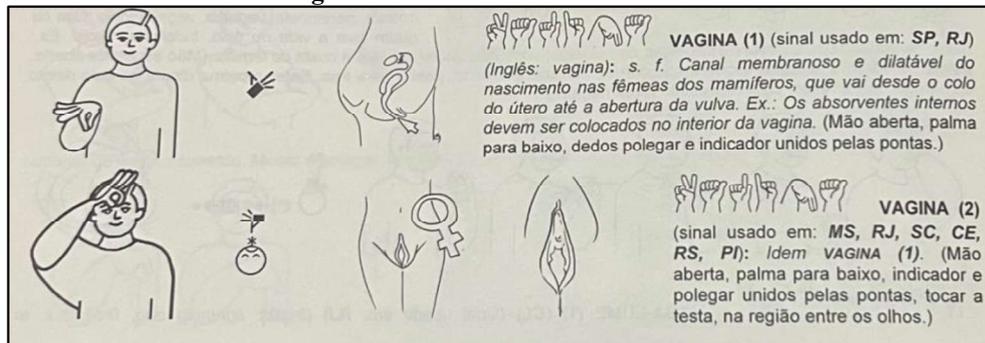
2.5.4 Variante LÉSBICA4

Figura 16: sinal LÉSBICA4



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1666)

Figura 17: variantes do sinal VAGINA



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 2818)

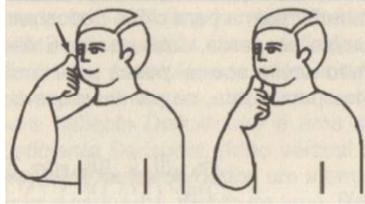
Capovilla *et al* (2019, p. 1666) descrevem que ambos os sinais LÉSBICA4, figura 16, e VAGINA, figura 17, possuem “mão aberta, palma para baixo, indicador e polegar unidos pelas pontas”. Assim, Veloso (2020) conclui que LÉSBICA4 representa iconicamente a fricção sexual entre dois corpos com vagina, o que no caso dessa identidade, representa duas mulheres cisgêneras.

2.5.5 Variante LÉSBICA5

Figura 18: sinal LÉSBICA5



Fonte: Santos (2019)

Figura 19: sinal MULHER

Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1907)

Nas fontes Capovilla *et al* (2019) e Santos (2019), não foram encontradas explicações acerca da origem do sinal o sinal LÉSBICA5, figura 18. Porém, Veloso (2020) sugere que representa uma construção de MULHER-COM-MULHER, pois os sinais LÉSBICA5 e MULHER, figura 19, possuem a mesma configuração de mão.

2.6 VARIÁVEL HETEROSSEXUAL

Fechando a apresentação das identidades presentes no escopo das entrevistas, nas subseções terciárias seguintes, serão apresentadas cinco variantes de sinais para HETEROSSEXUAL, referentes a mulheres e homens heterossexuais, coletados apenas em Santos (2019), pois não há registros dessa identidade no dicionário Capovilla *et al* (2019). Novamente, as variantes serão elencadas na mesma ordem em que foram mostradas nas entrevistas, acrescidas de uma numeração após a notação para melhor visualização e distinção dos resultados.

2.6.1 Variante HETEROSSEXUAL1

Figura 20: sinal HOMEM HETEROSSEXUAL1

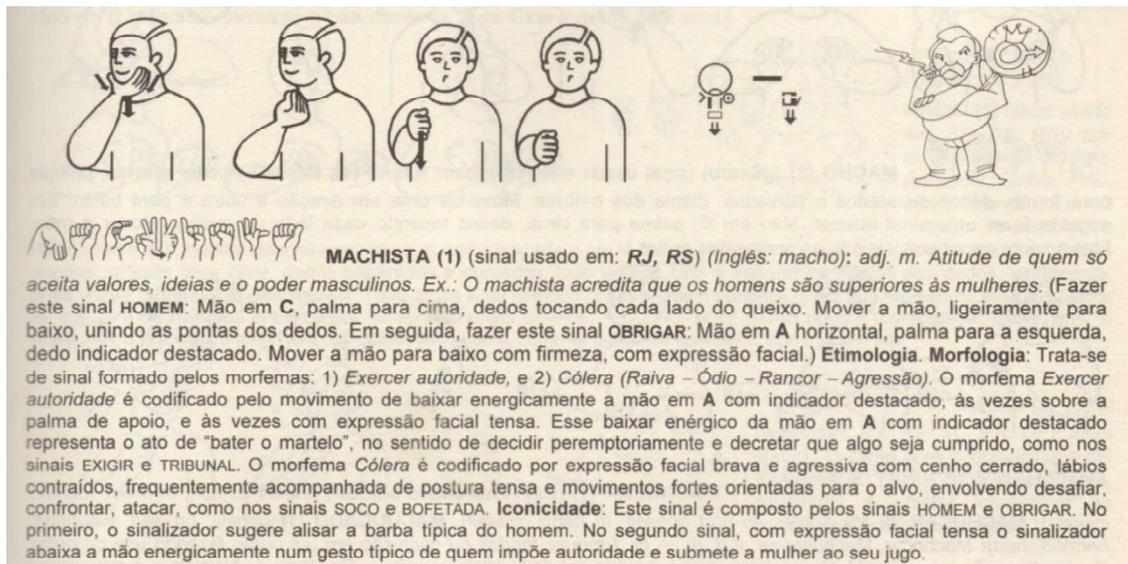
Fonte: Santos (2019)

Figura 21: sinal MULHER^HETEROSSEXUAL1



Fonte: Santos (2019)

Figura 22 sinal MACHISTA



Fonte: Capovilla et al. (2019, p. 1731)

O sinal HETEROSSEXUAL1, figuras 20 e 21, apenas é utilizado após e em conjunto com os sinais HOMEM ou MULHER marcando o gênero de quem se fala (SANTOS, 2019). É importante destacar que HOMEM^HETEROSSEXUAL1 é semelhante ao sinal MACHISTA, figura 22 (SANTOS, 2019; CAPOVILLA et al, 2019), pois ambos são compostos dos sinais HOMEM e OBRIGAR. Em comparação, há duas diferenças: uma na expressão facial e uma no movimento, pois em MACHISTA “com expressão facial tensa o[a] sinalizador[a] abaixa a mão energeticamente num gesto típico de quem impõe a autoridade” (CAPOVILLA et al, 2019, p. 1731), mas em HOMEM^HETEROSSEXUAL1 a expressão facial não é tensa e o movimento é mais leve, não energético (SANTOS, 2019).

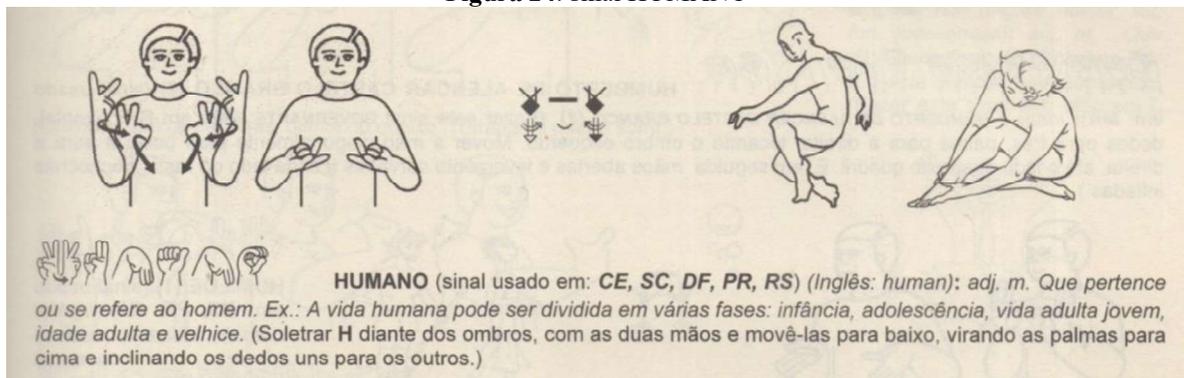
2.6.2 Variante HETEROSSEXUAL2

Figura 23: sinal HETEROSSEXUAL2



Fonte: Santos (2019)

Figura 24: sinal HUMANO



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1479)

O sinal HETEROSSEXUAL2, figura 23, encontrado em Santos (2019), embora esteja registrado com apenas uma mão, é o mesmo sinal de HUMANO (CAPOVILLA *et al.*, 2019), figura 24, com as duas mãos na comunidade surda do Recife, segundo dados levantados nas entrevistas desta pesquisa. Capovilla *et al.* (2019) explicam que esse sinal é inicializado com a letra H. Para os dois sinais, HETEROSSEXUAL2 e HUMANO, a letra H inicial das palavras em português explicam a sua origem.

2.6.3 Variante HETEROSSEXUAL3

Figura 25: sinal HETEROSSEXUAL3



Fonte: Santos (2019)

Figura 26: sinal DIRETO



Fonte: Capovilla *et al* (2019, p. 970)

O sinal HETEROSSEXUAL3, figura 25, apresenta os mesmos parâmetros fonológicos do sinal DIRETO, figura 26, (SANTOS, 2019; CAPOVILLA *et al*, 2019), fato que pode explicar sua origem como “sem desvio”.

2.6.4 Variante HETEROSSEXUAL4

Figura 27: sinal HETEROSSEXUAL4



Fonte: Santos (2019)

O último sinal elencado nesta subseção, o de HETEROSSEXUAL4, figura 27, é soletrado com as letras H e T em Libras inicializadas da palavra “heterossexual” emprestada do português SANTOS, 2019).

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS

Nas subseções seguintes, serão apresentados o tipo de pesquisa e de método; a caracterização dos(as) colaboradores(as) da pesquisa; o processo de coleta de dados; os tipos sistemas de notação em Libras utilizados; a descrição do formulário instrumento de coleta dos dados e, finalmente, a descrição do método estatístico.

3.1 TIPO DE PESQUISA E DE MÉTODO

Esta pesquisa executou uma abordagem mista, quali-quantitativa. Acerca desse uso de métodos combinados, Flick (2009) afirma que, em muitas áreas, ambas as abordagens podem ser unidas como estratégia complementar, seguindo o que for necessário para responder à pergunta. Os métodos de pesquisa quantitativa prezam pela objetividade dos dados, que são fornecidos em números, gráficos e porcentagens; pela neutralidade dos pesquisadores; e pela busca por explicitar leis gerais de causas e efeitos dos fenômenos estudados. Ainda conforme o autor, os métodos de pesquisas qualitativas utilizam o texto como material empírico, em vez de números, e levam em conta a opinião e as vivências dos(as) participantes. Os dados obtidos são interpretados e organizados para serem transformados em dados científicos de forma a tornar o fenômeno visível, possibilitando “entender o mundo e produzir conhecimento” (FLICK, 2009, p. 22).

Segundo Lakatos e Marconi (2003), após a coleta, os dados devem ser elaborados e classificados de forma sistemática, seguindo os passos: seleção, codificação e tabulação. As autoras ainda afirmam que a fase seguinte é a da análise de dados, cuja verificação se dá através do cruzamento entre todas as variáveis da pesquisa, suas relações estabelecidas e a hipótese formulada pelo/a pesquisador/a. Mais adiante, na fase de interpretação, procura-se dar um significado maior às respostas encontradas; é quando os dados são observados sob a ótica do recorte teórico do trabalho.

A respeito da etapa de seleção, todos os formulários respondidos foram considerados, pois, por estarem eletronicamente registrados, não houve avarias ou danos na etapa de codificação, os dados foram convertidos e um formato legível pelos softwares BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27. Estes programas são ferramentas elaboradas e utilizadas para pesquisas

quantitativas e tem um processamento que exporta os dados em porcentagens, estatísticas etc. Feito isso, foi possível elaborar a tabulação dos dados quantitativos das respostas dos testes de percepção.

Para compor os dados qualitativos, analisei as respostas dos(as) colaboradores(as), inseridas nas fichas sociais. Estas foram compostas por perguntas fechadas sobre as variantes externas que considero neste estudo: gênero, sexualidade, escolaridade e idade. Junto a isso, verifiquei o perfil social de cada pessoa, a fim de cruzar perfil e respostas para entender de que maneira as atitudes linguísticas são influenciadas. Mais especificamente, sobre os sinais de “lésbica”, de “gay” e de “heterossexual” na comunidade surda da Região Metropolitana do Recife.

Em relação aos métodos de procedimento, utilizei os comparativo e estatístico. O primeiro é voltado para a comparação entre os diferentes grupos, baseando-se nas variáveis abordadas no formulário. Já o segundo, foi necessário para se obter representações objetivas à medição das atitudes linguísticas embasadas nos testes de percepção criados a partir da escala de concordância Likert (1932). Combinados, os métodos apontaram vínculos causais do fenômeno observado.

3.2 COLABORADORES(AS) DA PESQUISA

As pessoas entrevistadas foram: surdos e surdas maiores de 18 anos; residentes na Região Metropolitana do Recife; com ou sem ensino superior; pertencentes ou não à comunidade LGBTQIAP+; concordantes com a participação voluntária, gratuita e anônima; concordantes com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eletrônico ou físico (Apêndice A ou Apêndice B, respectivamente).

O contato inicial com os(as) colaboradores(as) ocorreu no mês de agosto de 2021 quando ainda estavam sendo respeitadas as medidas de isolamento social por causa da pandemia de COVID-19. O projeto inicial contava com o formulário de formato físico e, observando as dificuldades para continuar a pesquisa, realizei um novo formulário online, e submetemos a alteração no Comitê de Ética, que aprovou a mudança.

Em síntese, o público-alvo seria formado por 8 células-sociais, cada uma composta idealmente por 6 pessoas surdas, cuja soma totalizaria 48 formulários respondidos, representados pela tabela 1. Entretanto, por fatores, incluindo a chegada do isolamento social,

promovido por causa da pandemia de COVID-19, não conseguiu alcançar o ideal em todas as células da pesquisa e encerramos com 22 pessoas, todas cisgêneras, divididas entre as células sociais apresentadas na tabela 2.

Tabela 1: Células-socias esperadas

Escolaridade		Ensino superior		Ensino médio	
Gênero		M	F	M	F
Sexualidade	Heterossexual	6	6	6	6
	Homossexual	6	6	6	6

Fonte: Autoria própria

Tabela 2: Células-socias alcançadas

Escolaridade		Ensino superior		Ensino médio	
Gênero		M	F	M	F
Sexualidade	Heterossexual	3	6	3	1
	Homossexual	3	3	3	0

Fonte: Autoria própria

Por fim, os(as) colaboradores(as) entrevistados(as) são pertencentes as faixas etárias:

- 18 - 29: 8 pessoas;
- 30 - 49 - 12 pessoas;
- 49 - 56 - 2 pessoas.

A propósito, ao tabular os dados para análise estatística, uni os grupos de 12 pessoas, de 30 - 49 anos, e de duas pessoas, de 49 - 56 anos, no grupo de 30 anos ou mais.

3.3 COLETAS DE DADOS

Esta pesquisa aconteceu na cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco ao longo do segundo semestre de 2021 e do primeiro semestre de 2022. Segundo dados do IBGE (2010), Recife possui mais de 1,5 milhão de habitantes e a sua região metropolitana possui mais de 4 milhões de habitantes. A população surda ou com deficiência auditiva no Estado alcança a

porcentagem de 7% e, atualmente, há apenas uma instituição pública de ensino superior, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que oferece presencialmente o curso de Letras com habilitação em Libras. Entretanto, há ainda outras instituições que oferecem cursos regulares de Libras, como o Centro de Apoio ao Surdo (CAS-PE), e a Faculdade Alpha

No município do Recife, a coleta de dados aconteceu mais especificamente: na UFPE, na Faculdade Alpha e no CAS-PE. O contato com essas três instituições foi realizado por correio eletrônico contendo uma cópia digital do projeto de pesquisa e uma solicitação de anuência, conforme modelo disponibilizado pelo CEP/UFRPE. Os contatos com colaboradores(as) também foram feitos pelo método de “bola-de-neve”, ou seja, novos(as) colaboradores(as) foram encontrados(as) a partir da indicação de outro(a) que realizou a pesquisa.

Esta pesquisa apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, por exemplo. Além disso, não implica em prejuízos de ordem física ou material. A participação na pesquisa poderia gerar insegurança quanto à quebra de sigilo, vergonha, pressão emocional ou sensação de constrangimento ao responder algum item.

Quanto à insegurança sobre a quebra de sigilo, foi garantido ao(à) colaborador(a) o sigilo de sua identidade como condição para execução da pesquisa. Quanto à vergonha, foi reforçado que o objetivo da pesquisa é exclusivamente científico sem intenções de julgamento de valor. Em situação de pressão emocional ou de constrangimento, foi consultada a vontade e orientação do(a) colaborador(a) de como se sente mais confortável para seguir com a coleta de dados e foi reiterado o caráter sigiloso do processo.

A aplicação da pesquisa teve início no ano de 2021, durante pandemia de COVID-19, no Brasil. Nesse momento, as atividades presenciais nas universidades públicas do país foram suspensas a fim de evitar o contágio. Além disso, ainda existem políticas estaduais que determinam regras de distanciamento social e que priorizam o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para a execução de atividades. Devido a isso que o formulário foi elaborado eletronicamente na plataforma Google Formulários e possui características muito próximas do gênero textual equivalente impresso em papel. Nesse cenário, é possível perceber alguns dos argumentos levantados por Marchuschi (2004), que dissertam sobre as distintas maneiras de interação com o texto à medida que se mudam os suportes e, por efeito, especificam-se os gêneros.

Levando em conta esse cenário, houve tanto entrevistas presenciais, como virtuais/remotas. As presenciais foram gravadas em vídeo, por câmera; já as virtuais/remotas foram registradas por meio da gravação de tela ou da gravação de reunião, de acordo com o que

foi disponibilizado pela Tecnologia de Informação e Comunicação utilizada no momento. Os vídeos foram armazenados e mantidos em um banco de dados de uso exclusivo deste estudo.

As pesquisas que envolvem seres humanos precisam ser avaliadas e aprovadas por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Esta pesquisa foi aprovada pelo CEP – UFRPE, sob o CAAE: 47456921.6.0000.9547, e, apenas após a aprovação, foi iniciada a coleta de dados. Uma das exigências para submissão do projeto é a inclusão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que no caso desta pesquisa, foi construído nos suportes impresso e digital. Neste último suporte, o final possui as opções “Sim” e “Não” para ciente e “Concordo” e “Não concordo” para expressar o consentimento de pesquisa. Ao marcar uma das opções, o(a) colaborador(a) é direcionado(a) a uma página específica, ou seja, o TCLE eletrônico é interativo e essa interação difere do gênero TCLE em papel.

3.4 TIPOS SISTEMAS DE NOTAÇÃO EM LIBRAS

Nesta subseção apresento os sistemas de representação e notação dos sinais da Libras que foram utilizados neste trabalho.

3.4.1 Sistema de Notação em Palavras

O Sistema de Notação em Palavras “utiliza palavras do português para representar os itens lexicais da Libras correspondentes e uma simbologia específica” (INES, 2005). Essa simbologia exprime características importantes da gramática da Libras e, de acordo com o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), os sinais em Libras devem ser representados sempre em letras maiúsculas. Seguem alguns exemplos dessas regras:

- MEIO-DIA, AINDA-NÃO: essas palavras demandam o símbolo do hífen, pois em Libras são representadas por apenas um item lexical, um sinal.
- CAVALO^LISTRA: diferentemente do exemplo anterior, essas palavras demanda o símbolo do acento circunflexo, pois, em Libras, os dois sinais se combinam para formar

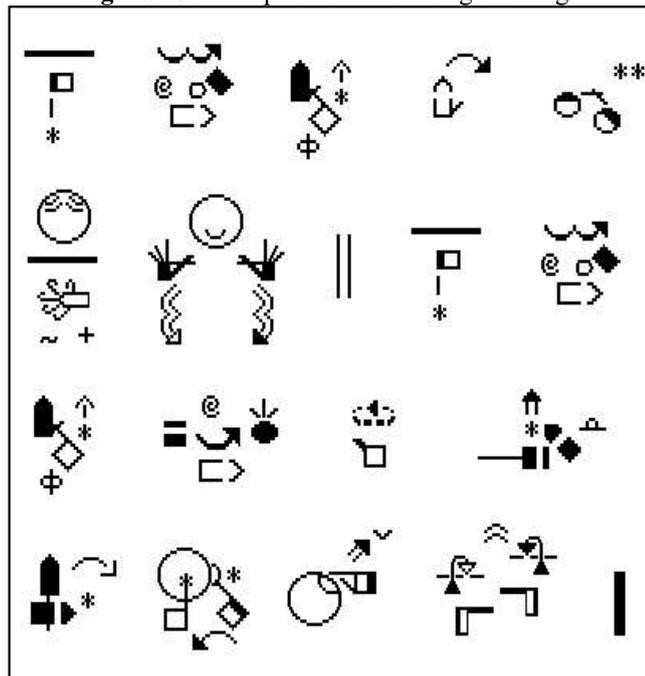
um conceito que em português é sustentado por apenas uma palavra, ou seja, CAVALO^LISTRA em português quer dizer “zebra”.

- AMIG@, TI@: em Libras não há desinências para gênero masculino ou feminino, assim sendo, as palavras que em português variam em gênero devem ser marcadas com um @ no lugar da vogal temática.
- EU, NÓS-2, NÓS-3: a Libras possui não só singular e plural – possui também os números dual, trial e quatrial. Dessa maneira, os pronomes que variam em número, devem incluir a quantidade ao final, separado por hífen.
- 1sDAR2s: o último exemplo selecionado desse sistema é a representação dos verbos que conjugam as pessoas em Libras. Nesse exemplo, “1s” representa a primeira pessoa do singular, e “2s” representa a segunda pessoa do singular. Os pronomes pessoais não são obrigatórios nesses casos e, dessa maneira, possíveis traduções de “1sDAR2s” seriam “dou-te”, “dei-te”, “dar-te-ei” etc., conforme o contexto.

3.4.2 SignWriting

Os autores Klimsa, Sampaio e Klimsa (2011) afirmam que o SignWriting é um sistema de escrita de sinais que se baseia na representação gráfica dos parâmetros fonológicos da Libras. Esses autores também apresentam o histórico desse sistema e explicam que originalmente a pesquisadora Valerie Sutton, em 1974, tinha a intenção de representar os passos de dança. A forma gráfica com que representou os movimentos despertou o interesse de pesquisadores da área de línguas de sinais e assim houve um movimento para o desenvolvimento de uma escrita que pudesse representar os parâmetros fonológicos das línguas de sinais (figura 28).

Figura 28: Exemplo de texto em SignWriting¹⁰



Fonte: Blog Mãos que falam

Voltando-se ao contexto brasileiro, o sistema SignWriting está presente nos currículos dos cursos superiores de Letras com habilitação em Libras, sendo raramente utilizado na educação básica.

3.4.3 Sistema ELiS

O sistema ELiS (figura 29) é um outro sistema conhecido no Brasil para representação dos sinais em Libras.

¹⁰ O texto escrito na figura 28 em notação de palavras: “EU ESCREVER MOSTRAR VOCÊS PORQUE SENTIR FELIZ, EU ESCREVER MOSTRAR SIGNWRITING IMPORTANTE MAIS AJUDAR SURDO CONHECIMENTO DESENVOLVER”. Em tradução nossa: “Eu escrevo para mostrar a vocês, porque me sinto feliz, escrevo para mostrar que o SignWriting é importante principalmente para auxiliar a pessoa surda a crescer intelectualmente e se desenvolver”.

Figura 29: Exemplo de texto em ELiS

Texto 5 (tradução palavra a palavra):

.l.\v)uπī- (tartaruga) //l.°Φ↔: (adora) -.°ω⊥: (menina)
 //l.°π+⊥: (porque) -.°ω⊥: (menina) //—lvγΔπī-° (carinho) ,
 <γ.°ω°π (fofinha) , .lπω°⊥: (legal) , .l\Φ°π (amiga) °
 .lπω°⊥: (menina) //l.°Φ↔: (adora) //—...lπΦO° (brincar) l.\v)uπī-
 (tartaruga) , //l.v)→←: (também) //<\^ΦO° (dar) —lπI-Jπ: (comida)
 l.\v)uπī- (tartaruga) °

Texto 5 (tradução livre para o português):

A tartaruga adora a menina porque ela é carinhosa, fofinha, legal e amiga.
 A menina adora brincar com a tartaruga, gosta também de dar comida a ela.

Fonte: Estelita (2008, p. 129)

Segundo Estelita (2016), ELiS é a sigla para “Escrita da Língua de Sinais”. Esse sistema foi desenvolvido pela pesquisadora Mariângela Estelita Barros e apresentado pela primeira vez em sua dissertação de mestrado, em 1997. O ELiS é um sistema de base alfabética e linear, mas ainda está em fase de divulgação e, em comparação com o sistema SignWriting, é ainda menos utilizado no país.

3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS: O FORMULÁRIO

Acerca da coleta de dados, Lakatos e Marconi (2003) descrevem algumas práticas possíveis. As autoras apresentam duas grandes divisões: a documentação indireta (pesquisa documental e bibliográfica) e direta. Esta última se divide em observação direta intensiva (observação e entrevista) e extensiva (questionário, formulário, medidas de opinião e atitudes, testes etc.). Nesta pesquisa foi utilizado o tipo de documentação direta, por meio de observação extensiva e aplicação de formulário. Essa seleção foi feita, pois, segundo as autoras, o formulário é um “roteiro de perguntas enunciadas pelo entrevistador e preenchidas por ele com as respostas do pesquisado” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 222).

A partir dessa compreensão, o formulário para esta pesquisa (Apêndice C) será composto por duas partes: ficha social e mapeamento dos sinais. A primeira parte está baseada em uma pesquisa qualitativa e a segunda na realização de uma pesquisa quantitativa baseada na medição das atitudes dos sinalizantes, utilizando-se escala de concordância proposta por Likert (1932). A ficha social está elaborada por um conjunto de perguntas sobre o nome, a identidade de gênero, a sexualidade, a idade e a escolaridade do/a participante. Já acerca do mapeamento dos sinais utilizados pela comunidade surda do Recife, foi feito um levantamento inicial nas fontes Capovilla *et al* (2019) e Santos (2019). Do ponto de vista dos estudos culturais surdos – os quais afirmam que as pessoas surdas possuem contato com o mundo mediado principalmente pela visualidade –, na segunda parte do questionário, serão apresentadas imagens cujas licenças de uso são livres (licenças Creative Commons) e que representem as identidades do escopo deste trabalho. Em seguida, serão apresentadas as variantes já encontradas para que os(as) colaboradores(as) afirmem se as reconhecem, ainda oferecendo a possibilidade de afirmarem se conhecem outras variantes.

Acerca dos testes de percepção de sinalizantes para medir atitudes linguísticas, por fim, será utilizada a escala de concordância proposta por Likert em 1932, com níveis de 1 a 5. Nessa escala, para esta pesquisa, os níveis 1 e 2 foram considerados como atitudes positivas, o nível 3 foi considerado como atitude neutra e os níveis 4 e 5 foram considerados como atitudes negativas. As características consideradas para elaboração do teste de percepção foram as socioculturais (“educado”; “palavrão”; “respeitoso”) e as estéticas (“agradável”; “afeminado”; “bonito”).

Vale referir, que ao longo do processo de elaboração do formulário, sugiram-me algumas perguntas:

- 1) Considerando o contexto de pandemia de COVID-19, qual suporte textual eu deveria utilizar?
- 2) Qual sistema seria adequado para a escrita/notação dos sinais no formulário?
- 3) Quais estratégias visuais seriam necessárias para compreensão das perguntas, para construção do sentido do texto?

Para solucionar esses problemas, fundamentei-me nos estudos de Textos Digitais (LIMA NETO, 2014; MARCHUSCHI, 2004; XAVIER, 2002; MAINGUENEAU, 2001), que trazem conceitos acerca da Sintaxe Visual, gêneros discursivos digitais e suporte de gêneros. Segundo Lima Neto (2012; 2014), a Sintaxe Visual é concebida como o posicionamento dos

elementos multimodais em favorecimento da construção do sentido do texto. Assim sendo, o formulário foi elaborado de maneira eletrônica, em suporte digital e possui recursos multimodais organizados sintático-visualmente, de maneira a facilitar a construção do sentido das perguntas.

Lima Neto (2014) também define os conceitos de remix, montagem e sobreposição. Conforme explica o autor, uma montagem apresenta, em sua composição, elementos de outros textos (verbais ou não verbais) arranjados entre si. Esse conceito é importante para a análise das imagens que foram utilizadas no formulário elaborado como instrumento da pesquisa. A última questão definida foi como seria feita a representação da Libras, seja através de notação, escrita de sinais ou de figuras. Para tanto, apresento um apanhado geral dos sistemas de notação e escrita de sinais mais utilizados no Brasil.

Em linhas gerais, o formulário teve duas versões: a primeira foi aplicada a um voluntário para verificação e solução de possível imprevistos que pudessem surgir. Para tanto, inicialmente, entrei em contato com o participante, apresentei a pesquisa de modo objetivo e solicitei sua participação voluntária. Na sequência, o convite foi aceito e acordamos o melhor dia e o melhor horário, conforme nossa disponibilidade. No momento do encontro, apresentei e expliquei o TCLE eletrônico e o colaborador expressou sua concordância, ato que permitiu o prosseguimento da pesquisa. A aplicação total do instrumento durou trinta e cinco minutos. O voluntário experimental da pesquisa foi um homem gay, pertencente à faixa etária II, de 30 a 49 anos, e com ensino superior incompleto. Além dessas informações, o colaborador é surdo, nativo de Libras e residente na Região Metropolitana do Recife (condições primordiais da pesquisa).

Conforme exibido na figura 4 a seguir, as perguntas estão apresentadas em língua portuguesa e também em Libras utilizando o Sistema de Notação em Palavras. Como a pergunta é relativamente extensa, essa escolha foi feita porque poderia haver incompreensão por parte de algumas pessoas surdas, já que sua primeira língua não é o português, e sim a Libras. A pergunta foi compreendida claramente, porém houve um problema de compreensão do texto imagético, parte primordial para o procedimento da pesquisa.

Figura 30: Captura de tela da apresentação de imagens e perguntas no formulário



Fonte: Autoria própria

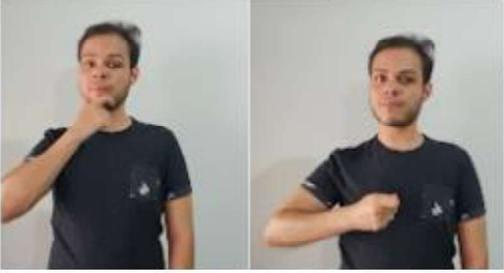
A primeira versão do formulário possuía apenas a fotografia dos dois homens representados na figura 30. Ao formatar essa questão, conjecturei que seria suficiente para a construção do sentido, porém, ao apresentar para o voluntário, ele respondeu em Libras os sinais AMOR NAMORAR HOMEM DOIS. Dessa maneira, percebi que seria importante uma refacção para que os(as) participantes entendessem que o objetivo seria na verdade o sinal da identidade de gênero e sexualidade.

Embasado no estudo da Sintaxe Visual, refiz a pergunta construindo uma montagem. Nessa nova imagem (figura 28), acrescentei, à esquerda, dois símbolos monocromáticos que representam as identidades de gênero e sexualidade pesquisadas juntamente com as fotos da versão anterior. Esses símbolos foram acrescentados à esquerda, pois, no ocidente, a maior parte dos sistemas de escrita são lidos da esquerda para a direita.

Por último, a maneira de representação para o reconhecimento e o mapeamento dos sinais foi questionada no sentido dos sistemas de escrita de sinais SignWriting e ELiS serem pouco utilizados no Brasil. Nesse contexto, é importante levar em consideração que a pesquisa

investiga as diferenças de uso dessas variedades nos grupos de pessoas com e sem ensino superior, por isso fiz a escolha de usar a representação desenhada ou fotografada dos sinais (figura 31) – só há construção de sentido se há conhecimento do código.

Figura 31: Captura de tela da apresentação de perguntas do formulário

	
<input type="checkbox"/> Opção 1	<input type="checkbox"/> Opção 2
	
<input type="checkbox"/> Opção 3	<input type="checkbox"/> Opção 4
<input type="checkbox"/> Outro:	

Fonte: Autoria própria

3.6 DESCRIÇÃO DO MÉTODO ESTATÍSTICO

Para avaliar as atitudes relacionadas aos 15 sinais, elencados na seção seguinte, conforme a impressão de n=22 colaboradores(as), foram aplicados métodos estatísticos descritivos e inferenciais. As respostas (em escala Likert) foram transformadas em escala intervalar com o seguinte critério: “Concordo totalmente” (100 pontos), “concordo parcialmente” (75 pontos), “indiferente” (50 pontos), “discordo parcialmente” (25 pontos), “discordo totalmente” (0 ponto) e “não conheço este sinal” (resposta excluída da análise). As variáveis foram apresentadas por medidas de tendência central e de variação. Na parte inferencial, foram aplicados os seguintes métodos: (a) a normalidade avaliada pelo teste de Shapiro-Wilk; (b) visto que as variáveis não apresentaram distribuição gaussiana, a comparação (entre: “afeminado”, “agradável”, “bonito”, “educado”, “palavrão” e “respeitoso”) foi realizada pela aplicação do teste de Kruskal-Wallis com pós-teste de Dunn. Em última colocação, foi previamente fixado erro alfa em 5% para rejeição de hipótese nula e o processamento estatístico foi realizado nos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27.

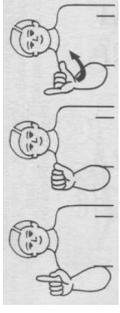
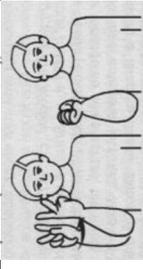
4 ENFOCANDO AS ATITUDES LINGUÍSTICAS

Nas subseções seguintes, são descritas as atitudes sobre todos os sinais apresentados no formulário. Inicialmente, apresenta-se aqui um quadro de resumo para cada variável, com as interpretações gerais, e, em seguida, são analisados os resultados estatísticos de cada variante contendo:

- (1) a tabela dos resultados estatísticos da avaliação da comunidade como um todo, pela qual foi possível avaliar estatisticamente as opiniões em comum;
- (2) o gráfico do grau de concordância da comunidade em geral;
- (3) a tabela de frequência das atitudes enfocando a variável de identidade gênero e sexualidade;
- (4) a tabela de frequência das atitudes enfocando a variável faixa etária; e, por último,
- (5) a tabela de frequência enfocando a variável escolaridade.

4.1 VARIÁVEL GAY

Quadro 1: Resumo das atitudes acerca dos sinais de GAY na comunidade surda do Recife, 2022

SINAIS	Comunidade em geral		/ Gênero e sexualidade		/ Faixa etária		/ Escolaridade	
	Aceitas	Rejeitadas	Aceitas	Rejeitadas	Aceitas	Rejeitadas	Aceitas	Rejeitadas
GAY1		<i>Agradável</i> <i>Bonito</i> <i>Educado</i> <i>Respeitoso</i>	<i>Palavrão</i>	Não houve discordância com a comunidade em geral	<i>Afeminado</i> / 18 a 29	<i>Afeminado</i> / 30 ou mais	Não houve discordância	
GAY2		Nenhuma das seis características foi aceita ou rejeitada pela comunidade em geral	<i>Palavrão</i> / Lésbicas	<i>Palavrão</i> / Mulheres heterossexuais	Não houve discordância		Não houve discordância	
GAY3		<i>Palavrão</i>	<i>Agradável</i> <i>Educado</i>	Não houve discordância	Não houve discordância		<i>Afeminado</i> / E. superior	<i>Afeminado</i> / E. médio
GAY4		<i>Respeitoso</i>	<i>Palavrão</i>	Não houve discordância	Não houve discordância		<i>Afeminado</i> / E. médio	<i>Afeminado</i> / E. superior
GAY5		Os(as) colaboradores(as) preferiram não responder e/ou não reconheceram esse sinal.						

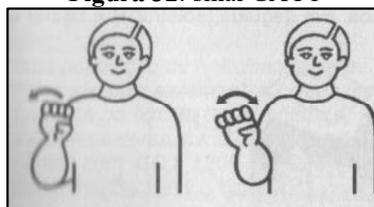
Fonte: Autoria própria; imagens: Capovilla *et al* (2019, p. 146, 147, 1384, 1469, 2833)

Acerca da organização visual do quadro 1 – resumo das atitudes acerca dos sinais de GAY, na coluna “Comunidade em geral”, estão expostas as atitudes (opiniões) dos casos em que houve concordância e homogeneidade dos(as) colaboradores(as). Já nas colunas “/Gênero e sexualidade”, “/Faixa etária” e “/Escolaridade”, estão expostas as atitudes que saíram do padrão da comunidade em geral e, estatisticamente, representam as atitudes desses recortes sociais, conforme cada grupo. Em relação às cores, as células verdes não significam que são atributos positivos, porém que são atitudes aceitas para o sinal; de outro modo, as células laranjas representam as atitudes que foram rejeitadas.

Conforme as cores indicadas no quadro 1, é possível interpretar que o sinal GAY1, na opinião da comunidade em geral, foi considerado agradável, bonito, educado e respeitoso, e foi rejeitado o atributo palavrão; mas houve diferença estatística nas opiniões de pessoas de faixa etária diferentes, pois as mais jovens tendem a considerá-lo afeminado e as mais velhas consideram-no não afeminado. O sinal GAY2, por sua vez, não obteve concordância da comunidade em geral sobre nenhuma das seis características, porém mulheres lésbicas consideraram-no palavrão e desrespeitoso, ao contrário de mulheres heterossexuais que o consideraram respeitoso e rejeitaram o atributo palavrão para o sinal. Já o sinal GAY3 foi considerado palavrão, desagradável e mal-educado pela comunidade em geral; porém foi considerado afeminado por pessoas de ensino médio, ao contrário de pessoas de ensino superior que rejeitaram o atributo afeminado para GAY3. Na sequência, é possível interpretar que a comunidade em geral considerou o sinal GAY4 respeitoso e rejeitou o atributo palavrão, porém houve diferença entre pessoas de ensino médio, que o consideraram afeminado e desagradável, e pessoas de ensino superior, que o consideraram não afeminado e agradável. Por fim, o sinal GAY5 não foi reconhecido pela comunidade.

4.1.1 Variante GAY1

Figura 32: sinal GAY1

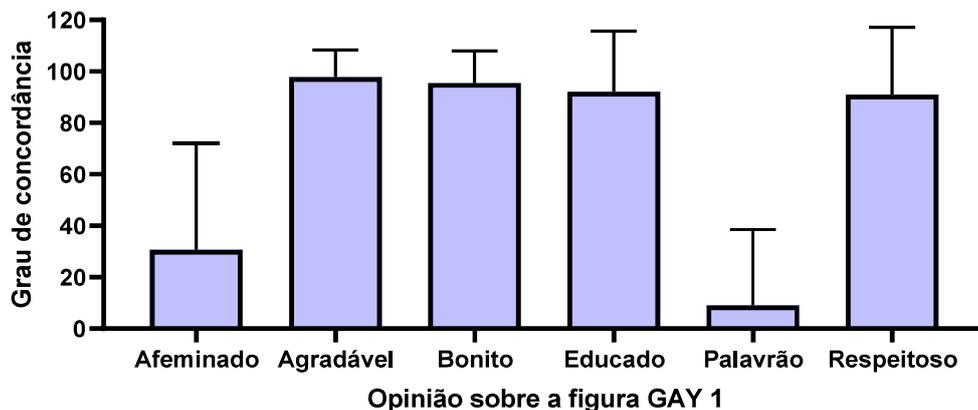


Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1469)

Tabela 3: Atitudes gerais sobre o sinal GAY1, Recife/PE, 2022

GAY1 / Avaliação geral						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Resp. Válidas	22	22	22	22	22	22
Mínimo	0	50	50	0	0	0
Máximo	100	100	100	100	100	100
Mediana	0	100	100	100	0	100
Média	30,7	97,7	95,5	92,0	9,1	90,9
D. Padrão	41,5	10,7	12,5	23,6	29,4	26,2
Coef. Variação	135,3%	10,9%	13,1%	25,7%	323,7%	28,8%

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn

Gráfico 1: Avaliação geral sobre o sinal GAY1

Fonte: Autoria própria

A avaliação do sinal GAY1 (figura 32), na opinião de $n = 22$ colaboradores(as), indicou que o sinal foi considerado “agradável” (média = 97,7), “bonito” (média = 95,5), “educado” (média = 92,0) e “respeitoso” (média = 90,9). Esse sinal não é considerado um “palavrão” (média = 9,1) e representa uma identidade positiva para os surdos gays do Recife, independentemente da faixa etária e da escolaridade. Entretanto os testes mostram que há uma diferença de percepção considerando o atributo “afeminado”, ao compararmos a faixa etária (p -valor = 0,0316, estatisticamente significativa). As pessoas de 18 a 29 anos tendem a aceitar e as pessoas de 30 anos ou mais tendem a rejeitar o atributo “afeminado”, pois a pontuação média variou de 59,4 para 14,3.

As atitudes atribuídas ao sinal GAY1 mostraram que, em todas as interpretações, não houve real diferença (p -valor não é significativo) conforme a identidade de gênero e sexualidade, acerca dos atributos “afeminado” (p -valor = 0,4573), “agradável” (p -valor = 0,9256), “bonito”

(p-valor = 0,9614), “educado” (p-valor = 0,8109), “palavrão” (p-valor = 0,8754) e “respeitoso” (p-valor = 0,7719).

Tabela 4: Atitudes atribuídas ao sinal GAY 1 conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022

GAY1 / Gênero e sexualidade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Homem gay (n = 6)						
Mediana	37,5	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	45,8	99,9	95,8	87,5	16,7	79,2
D. Padrão	45,9	0,2	10,2	20,9	40,8	40,1
Homem hétero (n = 6)						
Mediana	12,5	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	29,2	91,7	91,7	83,3	0,0	87,5
D. Padrão	40,1	20,4	20,4	40,8	0,0	30,6
Mulher hétero (n = 7)						
Mediana	0,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	14,3	99,9	96,4	99,9	0,1	99,9
D. Padrão	37,8	0,2	9,4	0,2	0,2	0,2
Mulher lésbica (n = 3)						
Mediana	25,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	41,5	99,8	99,8	99,8	33,2	99,8
D. Padrão	45,7	0,3	0,3	51,5	51,5	0,3
p-valor	0,4573	0,9256	0,9614	0,8109	0,8754	0,7719

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis

A percepção do atributo “afeminado” teve real mudança conforme a faixa etária (p-valor = 0,0316, estatisticamente significativa), pois a média variou de 59,4 (18 a 20 anos) para 14,3 (30 anos ou mais). Já as diferenças de “agradável” (p-valor = 0,7846), “bonito” (p-valor = 0,9185), “educado” (p-valor = 0,539), “palavrão” (p-valor = 0,3393) e “respeitoso” (p-valor = 0,4949) não tiveram real variação conforme a faixa etária, através do teste U de Man-Whitney.

Tabela 5: Atitudes atribuídas ao sinal GAY1, conforme faixa etária, Recife/PE, 2022

GAY1 / Faixa etária						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
18 a 29 anos (n = 8)						
Média	59,4	100,0	96,9	90,6	25,0	84,4
D. Padrão	46,2	0,0	8,8	18,6	46,3	35,2
30 anos ou mais (n = 14)						
Média	14,3	96,4	94,6	92,9	0,0	94,6
D. Padrão	28,9	13,4	14,5	26,7	0,0	20,0
Diferença (p-valor))	-45,1	-3,6	-2,2	2,2	-25,0	10,3
p-valor (Teste U)	0,0316	0,7846	0,9185	0,539	0,3393	0,4949

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

Tabela 6: Atitudes atribuídas a sinal GAY 1, conforme a Escolaridade, Recife/PE, 2022

Sinal GAY1 / Escolaridade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Ensino médio (n = 7)						
Mediana	25	100	100	100	0	100
Média	39,3	100,0	100,0	92,9	14,3	85,7
D. Padrão	45,3	0,0	0,0	18,9	37,8	37,8
Ensino médio (n = 15)						
Mediana	0	100	100	100	0	100
Média	26,7	96,7	93,3	91,7	6,7	93,3
D. Padrão	40,6	12,9	14,8	26,2	25,8	20,0
Diferença (p-valor)	-25,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
p-valor	0,5031	0,8051	0,8592	0,9119	0,778	0,9159

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

As atitudes atribuídas ao sinal GAY1 mostraram que, em todas as interpretações, não houve real diferença (p-valor não significativo), entre pessoas de escolaridades diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,5031, não significativo), “agradável” (p-valor = 0,8051, não significativo), “bonito” (p-valor = 0,8592, não significativo), “educado” (p-valor = 0,9119,

não significante), “palavrão” (p-valor = 0,778, não significante), “respeitoso” (p-valor = 0,9159, não significante) através do teste U de Mann-Whitney.

4.1.2 Variante GAY2

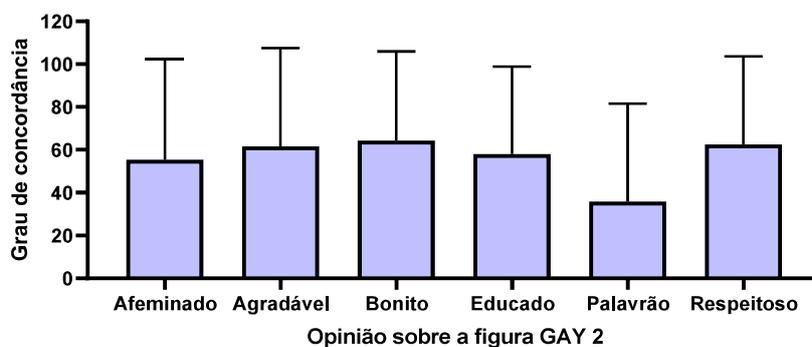
Figura 33: sinal GAY2



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1384)

A avaliação do sinal GAY2 (figura 33), na opinião de $n = 22$ colaboradores(as), mostrou que os atributos “agradável” (média = 51,1), “bonito” (média = 54,5) e “educado” (média = 46,6) não obtiveram aceitação ou rejeição estatisticamente significativa (p-valor = 0,6824). Por outro lado, os atributos “palavrão” (p-valor = 0,0381) e “respeitoso” (p-valor = 0,0472) tiveram real diferença na interpretação entre as mulheres lésbicas e as mulheres heterossexuais. As lésbicas aceitaram o atributo “palavrão” (mediana = 100,0) e rejeitaram o atributo “respeitoso” (mediana = 0,0); de maneira oposta, as heterossexuais aceitaram o atributo “respeitoso” (mediana = 100,0) e rejeitaram o atributo “palavrão” (mediana = 0,0).

Gráfico 2: Avaliação geral sobre o sinal GAY2



Fonte: Autoria própria

Tabela 7: Atitudes gerais sobre o sinal GAY2, Recife/PE, 2022

GAY2 / Avaliação geral						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Resp.						
Válidas	22	22	22	22	22	22
Mínimo	0	0	0	0	0	0
Máximo	100	100	100	100	100	100
Mediana	100	50	62,5	50	25	50
Média	65,9	51,1	54,5	46,6	45,5	52,3
D. Padrão	44,0	46,6	42,0	38,8	47,3	40,8
Coef.						
Variação	66,8%	91,1%	77,0%	83,3%	104,1%	78,0%

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis

Como dito anteriormente, as avaliações atribuídas ao sinal GAY2 mostraram que houve diferença na percepção de dois atributos do ponto de vista da identidade de gênero e sexualidade, pois “palavrão” (p-valor = 0,0381) foi rejeitado por mulheres heterossexuais (mediana = 0,0), mas foi aceito por mulheres lésbicas (mediana = 100,0); e “respeitoso” (p-valor = 0,0472) foi aceito por mulheres heterossexuais (mediana = 100,0), mas foi rejeitado por mulheres lésbicas (mediana = 0,0).

Entretanto, nas outras interpretações, não houve diferença conforme a identidade de gênero e sexualidade sobre os atributos “afeminado” (p-valor = 0,6469), “agradável” (p-valor = 0,3081), “bonito” (p-valor = 0,1977), “educado” (p-valor = 0,1472, pois nesse conjunto os valores-p não são significantes).

Tabela 8: Atitudes atribuídas ao sinal GAY2, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022

GAY2 / Gênero e sexualidade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Homem gay (n = 6)						
Mediana	87,5	50,0	62,5	50,0	87,5	50,0
Média	75,0	45,8	50,0	45,8	62,5	54,2
D. Padrão	38,7	40,1	41,8	24,6	49,4	33,2
Homem hétero (n = 6)						
Mediana	75,0	0,0	50,0	50,0	37,5	25,0
Média	58,3	33,3	45,8	45,8	45,8	41,7
D. Padrão	49,2	51,6	40,1	40,1	51,0	46,5
Mulher hétero (n = 7)						
Mediana	50,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	50,0	78,6	78,6	67,9	17,9	75,0
D. Padrão	50,0	39,3	39,3	42,6	37,4	38,2
Mulher lésbica (n = 3)						
Mediana	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Média	99,8	33,3	25,0	0,2	75,0	16,7
D. Padrão	51,6	45,9	30,6	49,3	45,9	49,1
p-valor	0,6469	0,3081	0,1977	0,1472	0,0381	0,0472

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn

As atitudes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,6238), “agradável” (p-valor = 0,9454), “bonito” (p-valor = 0,9999), “educado” (p-valor = 0,7848), “palavrão” (p-valor = 0,4128) e “respeitoso” (p-valor = 0,3936) não tiveram real variação conforme a faixa etária, utilizando o teste U de Man-Whitney.

Tabela 9: Atitudes atribuídas ao sinal GAY2, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022

GAY2 / Faixa etária						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
18 a 29 anos (n = 8)						
Média	71,9	50,0	53,1	50,0	59,4	62,5
D. Padrão	45,2	46,3	47,1	37,8	49,9	35,4
30 anos ou mais (n = 14)						
Média	62,5	51,8	55,4	44,6	37,5	46,4
D. Padrão	44,7	48,5	40,6	40,6	45,7	43,7
Diferença (p-valor)	-9,4	1,8	2,2	-5,4	-21,9	-16,1
p-valor (Teste U)	0,6238	0,9454	0,9999	0,7848	0,4128	0,3936

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

As atitudes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,4141, não significante), “agradável” (p-valor = 0,9717, não significante), “bonito” (p-valor = 0,8051, não significante), “educado” (p-valor = 0,2594, não significante), “palavrão” (p-valor = 0,8325, não significante) e “respeitoso” (p-valor = 0,1388, não significante) não tiveram real variação conforme escolaridade, utilizando o teste U de Man-Whitney.

Tabela 10: Atitudes atribuídas ao sinal GAY2, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022

GAY 2 / Escolaridade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Ensino médio (n = 7)						
Mediana	75	50	50	50	0	100
Média	53,6	50,0	57,1	60,7	42,9	71,4
D. Padrão	50,9	50,0	45,0	34,9	53,5	39,3
Ensino superior (n = 15)						
Mediana	100	50	75	50	25	50
Média	71,7	51,7	53,3	40,0	46,7	43,3
D. Padrão	41,0	46,7	42,1	39,9	46,2	39,5
Diferença (p-valor)	25,0	0,0	25,0	0,0	25,0	-50,0
p-valor (Teste U)	0,4141	0,9717	0,8051	0,2594	0,8325	0,1388

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

4.1.3 Variante GAY3

Figura 34: sinal GAY3



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 2833)

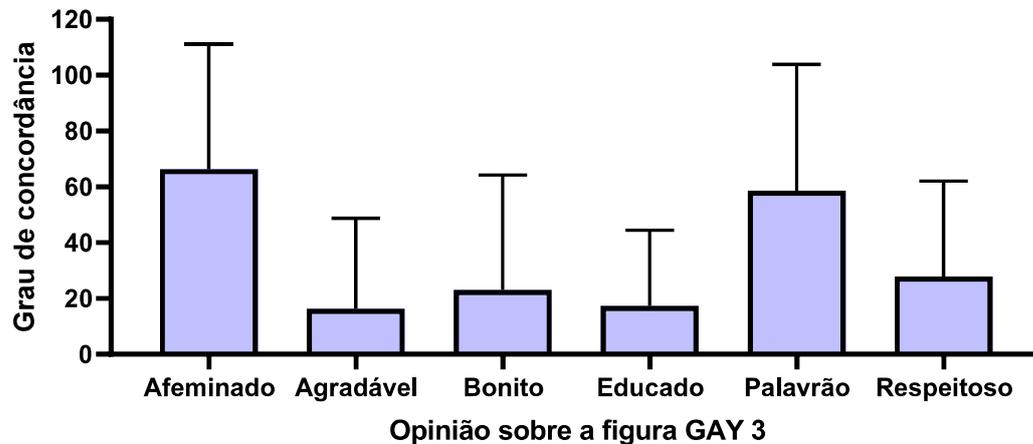
A avaliação do sinal GAY3, figura 34, na opinião de $n = 21$ colaboradores(as), mostra que há real diferença na interpretação dos atributos por toda a comunidade (p -valor = 0,0022, Teste de Kruskal-Wallis, com pós-teste de Dunn). De maneira geral, foram rejeitados os atributos “agradável” (média = 15,5), “educado” (média = 16,7), e foi aceito o atributo “palavrão” (média = 58,3). Já o atributo “afeminado” apresentou diferença de percepção entre as pessoas de E (mediana = 100,0) e ensino médio (mediana = 0,0), p -valor = 0,0176, teste U de Mann-Whitney.

Tabela 11: Atitudes gerais sobre o sinal GAY3, Recife/PE, 2022

GAY3 / Avaliação geral						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Resp.						
Válidas	21	21	21	21	21	21
Mínimo	0	0	0	0	0	0
Máximo	100	100	100	100	100	100
Mediana	100	0	0	0	75	0
Média	61,9	15,5	23,8	16,7	58,3	23,8
D. Padrão	47,8	30,1	41,4	27,8	44,3	33,0
Coef.						
Variação	77,3%	194,4%	174,0%	166,6%	75,9%	138,8%

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn.

Gráfico 3: Avaliação geral sobre o sinal GAY3



Fonte: Autoria própria

Tabela 12: Atitudes atribuídas ao sinal GAY3, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022

GAY3 / Gênero e sexualidade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Homem gay (n = 6)						
Mediana	62,5	0,0	0,0	0,0	100,0	12,5
Média	54,2	8,3	20,8	4,2	79,2	20,8
D. Padrão	51,0	20,4	40,1	10,2	40,1	24,6
Homem hétero (n = 6)						
Mediana	37,5	0,0	0,0	12,5	37,5	25,0
Média	45,8	20,8	29,2	20,8	45,8	33,3
D. Padrão	51,0	33,2	45,9	24,6	51,0	40,8
Mulher hétero (n = 7)						
Mediana	100,0	0,0	0,0	0,0	37,5	0,0
Média	66,7	25,0	33,3	25,0	37,5	20,8
D. Padrão	51,6	41,8	51,6	41,8	41,1	40,1
Mulher lésbica (n = 3)						
Mediana	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Média	99,8	0,2	0,2	16,7	83,3	16,7
D. Padrão	54,6	0,3	20,4	44,7	44,7	49,0
p-valor	0,599	0,9266	0,9894	0,7661	0,1756	0,9139

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis

As opiniões atribuídas ao sinal GAY3 mostraram que, em todas as interpretações, não houve real diferença (p-valor não significativa) entre pessoas de identidades de gênero e sexualidade diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,599, não significativa), “agradável” (p-valor = 0,9266, não significativa), “bonito” (p-valor = 0,9894, não significativa), “educado” (p-valor = 0,7661, não significativa), “palavrão” (p-valor = 0,1756, não significativa), “respeitoso” (p-valor = 0,9139, não significativa), através do teste Kruskal-Wallis.

As atitudes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,2794), “agradável” (p-valor = 0,5506), “bonito” (p-valor = 0,4546), “educado” (p-valor = 0,2183), “palavrão” (p-valor = 0,9109) e “respeitoso” (p-valor = 0,7941) não tiveram real variação conforme a faixa etária, pois nesse conjunto os valores-p não são significantes, utilizando o teste U de Mann-Whitney

Tabela 13: Atitudes atribuídas ao sinal GAY3, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022

GAY3 / Faixa etária						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
18 a 29 anos (n = 8)						
Média	42,9	7,1	32,1	3,6	53,6	17,9
D. Padrão	53,5	18,9	47,2	9,4	50,9	23,8
30 anos ou mais (n = 14)						
Média	71,4	19,6	19,6	23,2	60,7	26,8
D. Padrão	43,7	34,2	39,4	31,7	42,4	37,3
Diferença (p-valor))	28,6	12,5	-12,5	19,6	7,1	8,9
p-valor (Teste U)	0,2794	0,5506	0,4546	0,2183	0,9109	0,7941

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

As atitudes atribuídas ao sinal GAY3 mostraram que houve diferença na percepção entre pessoas de escolaridades distintas, pois “afeminado” (p-valor = 0,176) foi rejeitado por pessoas com ensino médio (mediana = 0,0), mas foi aceito por pessoas com ensino superior (mediana = 100,0). Já, no sentido dos atributos “agradável” (p-valor = 0,2429), “bonito” (p-valor = 0,6971), “educado” (p-valor = 0,4363), “palavrão” (p-valor = 0,2429) e “respeitoso” (p-valor = 0,5334), não houve real variação conforme escolaridade, pois nesse conjunto os valores-p não são significantes.

Tabela 14: Atitudes atribuídas ao sinal GAY3, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022

GAY3 / Escolaridade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Ensino médio (n = 7)						
Mediana	0	0	0	0	0	25
Média	16,7	0,0	33,3	8,3	33,3	33,3
D. Padrão	40,8	0,0	51,6	20,4	51,6	40,8
Ensino superior (n = 15)						
Mediana	100	0	0	0	75	0
Média	80,0	21,7	20,0	20,0	68,3	20,0
D. Padrão	38,0	33,9	38,0	30,2	38,3	30,2
Diferença (p-valor)	100,0	0,0	0,0	0,0	75,0	-25,0
p-valor	0,0176	0,2429	0,6971	0,4363	0,2429	0,5334

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de U de Mann-Whitney

4.1.4 Variante GAY4

Figura 35: sinal GAY4

Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1384)

A avaliação do sinal GAY4 (figura 35), na opinião de $n = 20$ colaboradores(as), indica que existe real diferença na interpretação do sinal (p -valor = 0,0001). Os dados mostram que o atributo “respeitoso” (média = 92,5) é interpretação mais aceita por toda a comunidade, por outro lado é rejeitado o atributo “palavrão” (média = 8,8). Houve diferença de percepção pelos grupos de escolaridades diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p -valor = 0,0432) e

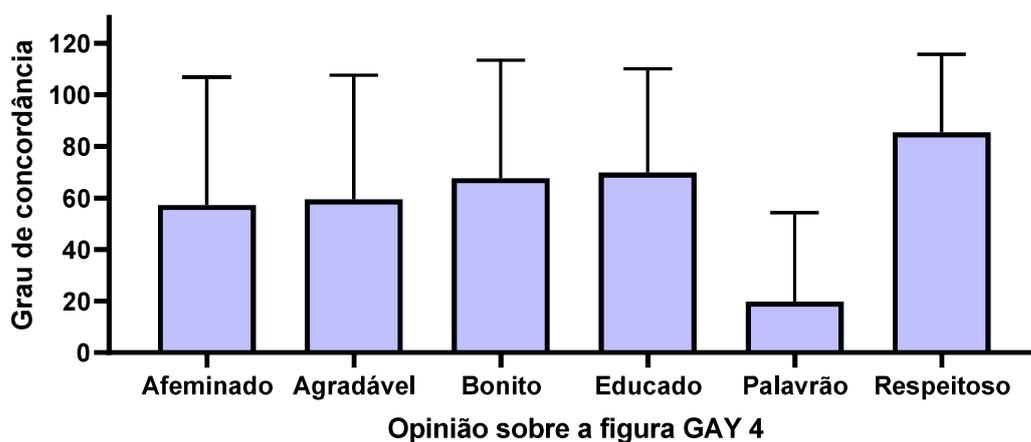
“agradável” (p-valor = 0,0361). As pessoas de ensino superior aceitaram o atributo “agradável” (mediana = 100,0) e rejeitaram o atributo “afeminado” (mediana = 0,0); de maneira oposta, as pessoas de ensino médio aceitaram o atributo “afeminado” (mediana = 0,0) e rejeitaram o atributo “agradável” (mediana = 0,0).

Tabela 15: Atitudes gerais sobre o sinal GAY4, Recife/PE, 2022

GAY4 / Avaliação Geral						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Resp.						
Válidas	20	20	20	20	20	20
Mínimo	0	0	0	0	0	0
Máximo	100	100	100	100	50	100
Mediana	50	100	100	100	0	100
Média	50,0	66,3	76,3	78,8	8,8	92,5
D. Padrão	51,3	46,1	40,9	36,5	16,8	23,1
Coef.						
Variação	102,6%	69,6%	53,7%	46,4%	191,7%	25,0%

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn.

Gráfico 4: Avaliação geral sobre o sinal GAY4



Fonte: Autoria própria

As atitudes atribuídas ao sinal GAY4 mostraram que, em todas as interpretações, não houve real diferença (valores-p não significantes) entre pessoas de identidades de gênero e sexualidade diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,2502), “agradável” (p-

valor = 0,6788), “bonito” (p-valor = 0,8313), “educado” (p-valor = 0,6126), “palavrão” (p-valor = 0,6078), “respeitoso” (p-valor = 0,7831).

Tabela 16: Atitudes atribuídas ao sinal GAY4, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022

GAY4 / Gênero e sexualidade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Homem gay (n = 6)						
Mediana	100,0	100,0	100,0	87,5	12,5	100,0
Média	66,7	66,7	75,0	70,8	20,8	95,8
D. Padrão	51,6	51,6	41,8	40,1	24,6	10,2
Homem hétero (n = 6)						
Mediana	15,0	100,0	87,5	87,5	0,0	100,0
Média	16,7	66,7	62,5	62,5	0,1	79,2
D. Padrão	40,8	51,6	49,4	49,4	0,2	40,1
Mulher hétero (n = 7)						
Mediana	50,0	62,5	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	50,0	54,2	83,3	95,8	8,3	99,9
D. Padrão	54,8	45,9	40,8	10,2	12,9	0,2
Mulher lésbica (n = 3)						
Mediana	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	99,7	99,7	99,7	99,7	0,2	99,7
D. Padrão	0,5	0,5	0,5	54,5	54,5	25,7
p-valor	0,2502	0,6788	0,8313	0,6126	0,6078	0,7831

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn

As atitudes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,2346), “agradável” (p-valor = 0,6919) “bonito” (p-valor = 0,9054) “educado” (p-valor = 0,4516) “palavrão” (p-valor = 0,2505) e “respeitoso” (p-valor = 0,9864) não tiveram real variação conforme a faixa etária (valores-p não significantes, teste U de Man-Whitney).

Tabela 17: Atitudes atribuídas ao sinal GAY4, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022

GAY4 / Faixa etária						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
18 a 29 anos (n = 8)						
Média	71,4	57,1	78,6	64,3	17,9	85,7
D. Padrão	48,8	53,5	39,3	47,6	23,8	37,8
30 anos ou mais (n = 14)						
Média	38,5	71,2	75,0	86,5	3,8	96,2
D. Padrão	50,6	43,1	43,3	28,2	9,4	9,4
Diferença (p-valor))	-33,0	14,0	-3,6	22,3	-14,0	10,4
p-valor	0,2346	0,6919	0,9054	0,4516	0,2505	0,9864

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

Tabela 18: Atitudes atribuídas ao sinal GAY4, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022

GAY4 / Escolaridade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Ensino médio (n = 7)						
Mediana	100	0	100	50	0	100
Média	71,4	42,9	64,3	50,0	17,9	85,7
D. Padrão	48,8	53,5	47,6	50,0	23,8	37,8
Ensino superior (n = 15)						
Mediana	0	100	100	100	0	100
Média	38,5	78,8	82,7	94,2	3,8	96,2
D. Padrão	50,6	38,0	37,3	11,0	9,4	9,4
Diferença (p-valor)	-100,0	100,0	0,0	50,0	0,0	0,0
p-valor	0,0432	0,0361	0,6274	0,3927	0,8186	0,4801

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

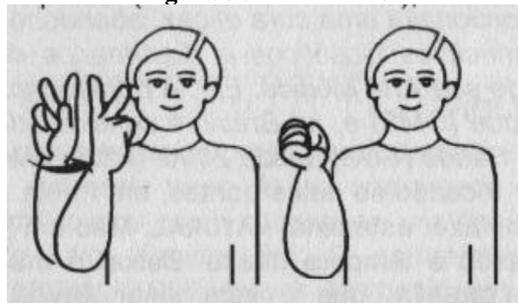
As avaliações atribuídas ao sinal GAY4 mostraram que houve diferença na percepção de dois atributos do ponto de vista de escolaridades diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,04327) e “agradável” (p-valor = 0,0361). Prevalece na percepção das pessoas de

ensino superior a concordância com o atributo “agradável” (mediana = 100,0) e a rejeição ao atributo “afeminado” (mediana = 0,0); o que ocorre de maneira contrária em relação as pessoas de ensino médio, grupo no qual prevalece a concordância com o atributo “afeminado” (mediana = 100,0) e a rejeição ao atributo “agradável” (mediana = 0,0).

Já, no sentido dos atributos “agradável” (p-valor = 0,2429), “bonito” (p-valor = 0,6971), “educado” (p-valor = 0,4363), “palavrão” (p-valor = 0,2429) e “respeitoso” (p-valor = 0,5334), não houve variação de percepção entre pessoas de escolaridades diferentes, pois os valores-p desse conjunto são não significantes, utilizando o teste de U de Mann-Whitney

4.1.5 Variante GAY5

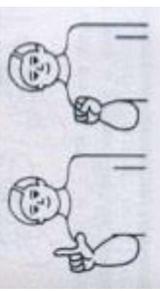
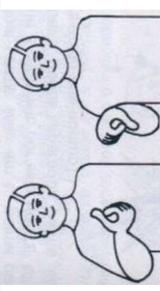
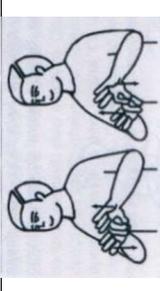
Figura 36: sinal GAY5



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1466)

O sinal GAY5 (figura 36) só foi avaliado por um colaborador e os(as) outros(as) participantes não reconheceram esse sinal, por isso não o incluímos nas análises estatísticas, já que, segundo os dados levantados, não é utilizada na comunidade surda do Recife.

Quadro 2: Resumo das atitudes acerca dos sinais de LÉSBICA na comunidade surda do Recife, 2022

SINAIS	Interpretações gerais		/ Gênero e sexualidade		/ Faixa etária		/ Escolaridade	
	Aceitas	Rejeitadas	Aceitas	Rejeitadas	Indiferente	Rejeitadas	Aceitas	Rejeitadas
LÉSBICA1		<i>Palavrão</i>	Não houve discordância com a comunidade em geral		Não houve discordância		Não houve discordância	
LÉSBICA2		Nenhuma das seis características foi aceita ou rejeitada pela comunidade em geral	<i>Palavrão / Gays</i>	<i>Palavrão / Homens e mulheres heterossexuais</i>	<i>Afeminado / 18 a 29</i>	<i>Afeminado / 30 ou mais</i>	Não houve discordância	
LÉSBICA3		<i>Palavrão</i>	Não houve discordância		Não houve discordância		Não houve discordância	
LÉSBICA4		<i>Palavrão</i>	Não houve discordância		Não houve discordância		Não houve discordância	
LÉSBICAS		Os(as) colaboradores(as) preferiram não responder e/ou não reconheceram esse sinal.						

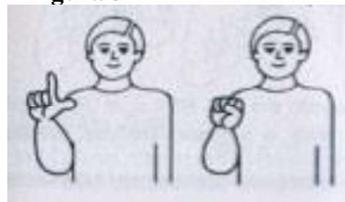
Fonte: Autoria própria; imagens: Capovilla *et al* (2019, p. 1665, 1666)

Acerca da organização visual do quadro 2 – resumo das atitudes acerca dos sinais de LÉSBICA, na coluna “Comunidade em geral”, estão expostas as atitudes (opiniões) dos casos em que houve concordância e homogeneidade dos(as) colaboradores(as). Já nas colunas “/Gênero e sexualidade”, “/Faixa etária” e “/Escolaridade”, estão expostas as atitudes que saíram do padrão da comunidade em geral e, estatisticamente, representam as atitudes desses recortes sociais, dependendo do grupo. Em relação às cores, as células verdes não significam que são atributos positivos, porém que são atitudes aceitas para o sinal; as células laranjas representam as atitudes que foram rejeitadas; e, por fim, a célula amarela representa as atitudes indiferentes, ou seja, nem de concordância nem de discordância do atributo para a variante respectiva.

Assim, conforme as cores indicadas no quadro 2, é possível interpretar que o sinal LÉSBICA1, na opinião da comunidade em geral, foi considerado agradável, bonito, educado e respeitoso, e foi rejeitado o atributo palavrão. Já o sinal LÉSBICA2 não obteve concordância da comunidade em geral sobre nenhuma das seis características, porém homens *gays* consideraram-no palavrão, ao contrário de homens e mulheres heterossexuais que rejeitaram o atributo palavrão para o sinal; além disso, as pessoas mais jovens são estatisticamente indiferentes a considerar esse sinal como afeminado, já as pessoas mais velhas consideram esse sinal másculo. Ambos os sinais LÉSBICA3 e LÉSBICA 4 foram considerados palavrões e desrespeitosos por toda a comunidade sem diferença entre os recortes sociais. Finalmente, o sinal LÉSBICA5 não foi reconhecido pelos(as) colaboradores(as).

4.2.1 Variante LÉSBICA1

Figura 37: sinal LÉSBICA1



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1665)

A avaliação do sinal LÉSBICA1 (figura 37), na opinião da comunidade em geral (n = 22 colaboradores(as)), indicou que o sinal foi considerado “agradável” (média = 98,9), “bonito” (média = 100,0), “educado” (média = 97,7) e “respeitoso” (média = 100,0), além disso não é

considerado um “palavrão” (média = 9,1). Não houve diferença de percepção dos atributos entre pessoas de identidade gênero e sexualidade, de faixa etária ou de escolaridades diferentes.

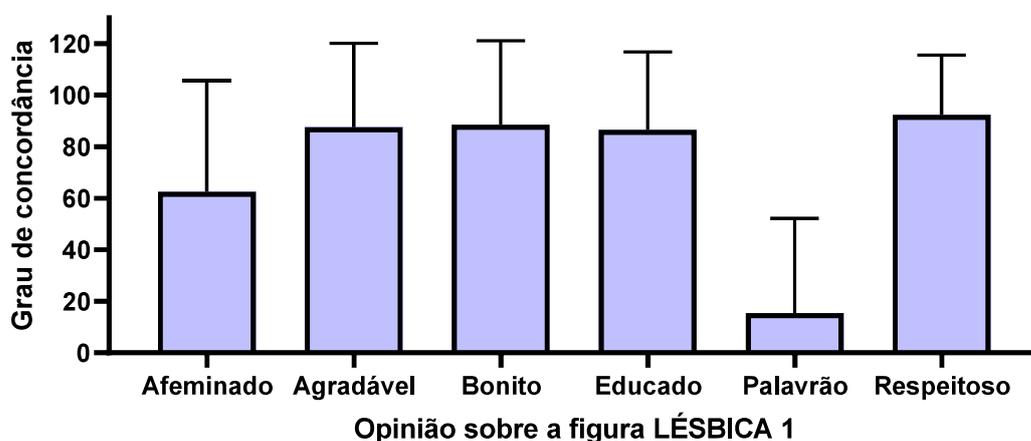
Sobre o sinal LESBICA1, a seguir apresento: (1) a tabela dos resultados estatísticos da avaliação da comunidade como um todo, pela qual foi possível avaliar estatisticamente as opiniões em comum; (2) o gráfico do grau de concordância da comunidade em geral; (3) a tabela de frequência das atitudes enfocando a variável de identidade gênero e sexualidade; (4) a tabela de frequência das atitudes enfocando a variável faixa etária; e, por último, (5) a tabela de frequência enfocando a variável escolaridade.

Tabela 19: Atitudes gerais sobre o sinal LESBICA1, Recife/PE, 2022

LESBICA1 / Avaliação geral						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Resp.						
Válidas	22	22	22	22	22	22
Mínimo	0	75	100	50	0	100
Máximo	100	100	100	100	100	100
Mediana	50	100	100	100	0	100
Média	56,8	98,9	100,0	97,7	4,5	100,0
D. Padrão	44,4	5,3	0,0	10,7	21,3	0,0
Coef.						
Variação	78,2%	5,4%	0,0%	10,9%	469,0%	0,0%

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn.

Gráfico 5: Avaliação geral sobre o sinal LESBICA1



Fonte: Autoria própria

As atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA1 mostraram que, em todas as interpretações, não houve real diferença (p-valor não é significativo) conforme a identidade de gênero e sexualidade, acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0, 9717), “agradável” (p-valor = 0, 9256), “bonito” (p-valor = 0, 9127), “educado” (p-valor = 0, 9256), “palavrão” (p-valor = 0, 9756) e “respeitoso” (p-valor = 0, 9071).

Tabela 20: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA1, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022

LÉSBICA1 / Gênero e sexualidade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Homem gay (n = 6)						
Mediana	75,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	58,3	95,8	99,9	91,7	16,7	99,9
D. Padrão	49,2	10,2	0,2	20,4	40,8	0,2
Homem hétero (n = 6)						
Mediana	75,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	58,3	99,9	99,9	99,9	0,1	99,9
D. Padrão	49,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
Mulher hétero (n = 7)						
Mediana	50,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	50,0	99,9	99,9	99,9	0,1	99,9
D. Padrão	50,0	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
Mulher lésbica (n = 3)						
Mediana	50,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	66,7	99,8	99,8	99,8	0,2	99,8
D. Padrão	25,8	0,3	0,3	54,6	54,6	40,7
p-valor	0,9717	0,9256	0,9127	0,9256	0,9756	0,9071

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn

As atitudes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,1832), “agradável” (p-valor = 0, 6328), “bonito” (p-valor = 0,9999), “educado” (p-valor = 0, 8302), “palavrão” (p-valor = 0, 6328) e “respeitoso” (p-valor = 0,9999) não tiveram real variação conforme a faixa etária, utilizando o teste U de Man-Whitney.

Tabela 21: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA1, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022

LÉSBICA1 / Faixa etária						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
18 a 29 anos (n = 8)						
Média	75,0	96,9	100,0	93,8	12,5	100,0
D. Padrão	37,8	8,8	0,0	17,7	35,4	0,0
30 anos ou mais (n = 14)						
Média	46,4	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
D. Padrão	45,8	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Diferença (p-valor))	-28,6	3,1	0,0	6,3	-12,5	0,0
p-valor	0,1832	0,6328	0,9999	0,8302	0,6328	0,9999

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

Tabela 22: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA1, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022

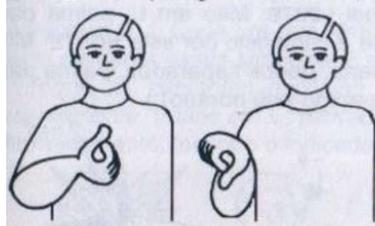
LÉSBICA1 / Escolaridade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Ensino médio (n = 7)						
Mediana	100	100	100	100	0	100
Média	85,7	96,4	100,0	92,9	14,3	100,0
D. Padrão	37,8	9,4	0,0	18,9	37,8	0,0
Ensino superior (n = 15)						
Mediana	50	100	100	100	0	100
Média	43,3	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
D. Padrão	41,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Diferença (p-valor)	-50,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
p-valor	0,4322	0,8561	0,7052	0,7252	0,6224	0,7322

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

As atitudes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,4322), “agradável” (p-valor = 0,8561), “bonito” (p-valor = 0,7052), “educado” (p-valor = 0,7252), “palavrão” (p-valor = 0,6224) e “respeitoso” (p-valor = 0,7322) não tiveram real variação conforme escolaridade, pois os valores-p não são significantes, utilizando o teste U de Man-Whitney.

4.2.2 Variante LÉSBICA2

Figura 38: sinal LÉSBICA2

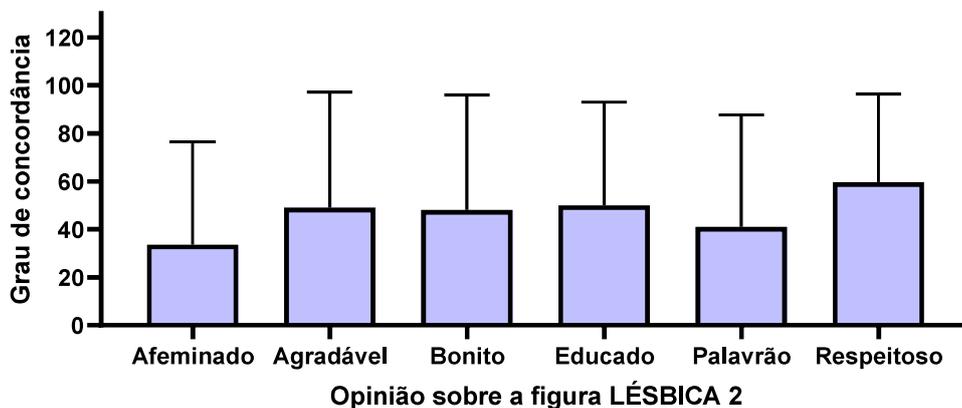


Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1665)

O p -valor = 0,0519 (teste de Kruskal-Wallis, com pós-teste de Dunn) indica que, no teste de atitudes sobre o sinal LÉSBICA2 (figura 38), de maneira geral, nenhum dos 6 (seis) atributos, “afeminado” (média = 22,7), “agradável” (média = 53,4), “bonito” (média = 52,3), “educado” (média = 54,5), “palavrão” (média = 34,5) e “respeitoso” (média = 61,4), obteve a aceitação ou a rejeição, na opinião dos(as) participantes. Entretanto os resultados mostram que há uma diferença de percepção sobre os atributos “afeminado”, entre pessoas de diferentes identidades de gênero e sexualidade, e “palavrão”, entre pessoas de faixas etárias diferentes.

Ao comparar as identidades de gênero e sexualidade (p -valor = 0,0085), os dados apontam que homens e mulheres heterossexuais tendem a rejeitar (mediana = 0,0) o atributo “palavrão”. De maneira oposta, os homens gays concordam com esse atributo (mediana 100,0). Já ao compararmos a faixa etária (p -valor = 0,0402, teste U de Mann-Whitney), os dados apontam que pessoas de 18 a 29 anos tendem serem indiferentes (média 50,0) e as pessoas de 30 anos ou mais tendem a rejeitar o atributo “afeminado” (média = 7,1).

Gráfico 6: Avaliação geral sobre o sinal LÉSBICA2



Fonte: Autoria própria

Tabela 23: Atitudes gerais sobre o sinal LÉSBICA2, Recife/PE, 2022

LÉSBICA2 / Avaliação geral						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Resp. Válidas	22	22	22	22	21	22
Mínimo	0	0	0	0	0	0
Máximo	100	100	100	100	100	100
Mediana	0	62,5	50	50	0	50
Média	22,7	53,4	52,3	54,5	34,5	61,4
D. Padrão	36,9	47,7	47,5	44,1	44,4	36,8
Coef. Variação	162,5%	89,4%	90,9%	80,8%	128,5%	59,9%

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn

A avaliação do sinal LÉSBICA2 mostrou que houve diferença estatisticamente significativa na percepção do atributo “palavrão” (p-valor = 0,0085, teste de Kruskal-Wallis com pós-teste de Dunn) entre homens gays – que aceitam esse atributo com mediana = 100,0, em contraste com homens e mulher heterossexuais – que discordam com mediana = 0,0. As mulheres lésbicas não apresentaram uma opinião estaticamente significativa em concordância, discordância ou indiferença. Nas outras interpretações, “afeminado” (p-valor = 0,4868), “agradável” (p-valor = 0,5589), “bonito” (p-valor = 0,5488), “educado” (p-valor = 0,4261) e “respeitoso” (p-valor = 0,1073), não houve real diferença conforme a identidade de gênero (valores-p não significantes).

Tabela 24: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA2, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022

LÉSBICA2 / Gênero e sexualidade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Homem gay (n = 6)						
Mediana	25,0	0,0	0,0	25,0	100,0	50,0
Média	41,7	33,3	33,3	37,5	75,0	37,5
D. Padrão	49,2	51,6	51,6	44,0	35,4	30,6
Homem heterossexual (n = 6)						
Mediana	0,0	87,5	75,0	75,0	0,0	100,0
Média	16,7	62,5	58,3	66,7	12,5	87,5
D. Padrão	40,8	49,4	49,2	40,8	30,6	20,9
Mulher heterossexual (n = 7)						
Mediana	0,0	50,0	50,0	100,0	0,0	50,0
Média	7,1	50,0	50,0	67,9	14,3	64,3
D. Padrão	18,9	50,0	50,0	42,6	37,8	37,8
Mulher lésbica (n = 3)						
Mediana	50,0	100,0	100,0	0,0	75,0	50,0
Média	33,3	83,3	83,3	33,3	58,3	50,0
D. Padrão	37,6	25,8	49,2	51,0	45,9	41,8
p-valor	0,4868	0,5589	0,5488	0,4261	0,0085	0,1037

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis

A percepção do atributo “afeminado” teve real mudança conforme a faixa etária (p-valor = 0,0402, portanto estatisticamente significativa), pois a média variou de 50,0 (18 a 20 anos) para 7,1 (30 anos ou mais). Já os atributos “afeminado” (p-valor = 0,0402), “agradável” (p-valor = 0,4736) “bonito” (p-valor = 0,4736) “educado” (p-valor = 0,4325) “palavrão” (p-valor = 0,0605) e “respeitoso” (p-valor = 0,9987) não tiveram real variação entre as faixas etárias, através do teste U de Man-Whitney.

Tabela 25: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA2, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022

LÉSBICA2 / Faixa etária						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
18 a 29 anos (n = 8)						
Média	50,0	62,5	62,5	43,8	50,0	62,5
D. Padrão	46,3	51,8	51,8	49,6	50,0	35,4
30 anos ou mais (n = 14)						
Média	7,1	48,2	46,4	60,7	26,8	60,7
D. Padrão	18,2	46,5	45,8	41,3	41,0	38,9
Diferença						
(p-valor)	-42,9	-14,3	-16,1	17,0	-23,2	-1,8
p-valor	0,0402	0,4736	0,4736	0,4325	0,0605	0,9987

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

As atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA2 mostraram que, em todas as interpretações, não houve real diferença (valores-p não significantes) entre pessoas de escolaridades diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,8890), “agradável” (p-valor = 0,7970), “bonito” (p-valor = 0,4546), “educado” (p-valor = 0,6566), “palavrão” (p-valor = 0,7602), “respeitoso” (p-valor = 0,6594,) através do teste U de Mann-Whitney.

Tabela 26: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA2, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022

LÉSBICA2 / Escolaridade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Ensino médio (n = 7)						
Mediana	50	100	100	100	0	100
Média	50,0	57,1	57,1	64,3	25,0	71,4
D. Padrão	50,0	53,5	53,5	47,6	41,8	39,3
Ensino superior (n = 15)						
Mediana	0	50	50	50	0	50
Média	10,0	51,7	50,0	50,0	38,3	56,7
D. Padrão	20,7	46,7	46,3	43,3	46,2	35,9
Diferença (p-valor)	-50,0	-50,0	-50,0	-50,0	0,0	-50,0
p-valor (Teste U)	0,8890	0,7970	0,4546	0,6566	0,7602	0,6594

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

4.2.3 Variante LÉSBICA3

Figura 39: sinal LÉSBICA3



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1665)

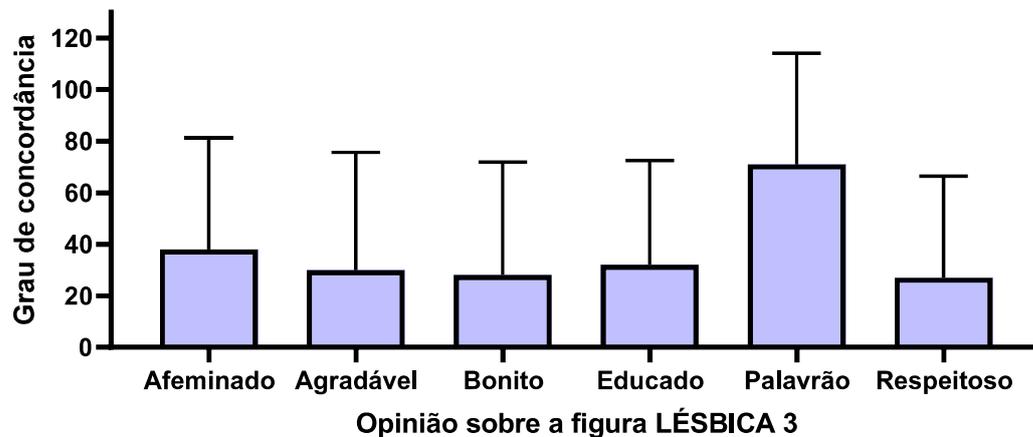
A avaliação do sinal LÉSBICA3, figura 39, na opinião de $n = 21$ colaboradores(as), mostra que há real diferença na interpretação dos atributos por toda a comunidade (p -valor = 0,0298, teste de Kruskal-Wallis, com pós-teste de Dunn). De maneira geral, foi rejeitado o atributo “respeitoso” (média = 22,6) e aceito o atributo “palavrão” (média = 70,2).

Tabela 27: Atitudes gerais sobre o sinal LÉSBICA3, Recife/PE, 2022

LÉSBICA3 / Avaliação geral						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Resp.						
Válidas	21	21	20	21	21	21
Mínimo	0	0	0	0	0	0
Máximo	100	100	100	100	100	100
Mediana	0	0	0	0	100	0
Média	27,4	31,0	28,8	33,3	70,2	22,6
D. Padrão	38,7	46,0	43,9	42,8	43,0	38,7
Coef.						
Variação	141,2%	148,7%	152,6%	128,5%	61,3%	170,9%

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn

Gráfico 7: Avaliação geral sobre o sinal LÉSBICA3



Fonte: Autoria própria

Tabela 28: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA3, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022

LÉSBICA3 / Gênero e sexualidade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Homem gay (n = 6)						
Mediana	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Média	30,0	40,0	25,0	20,0	70,0	10,0
D. Padrão	44,7	54,8	50,0	27,4	44,7	22,4
Homem heterossexual (n = 6)						
Mediana	50,0	75,0	62,5	50,0	87,5	25,0
Média	41,7	58,3	54,2	50,0	62,5	41,7
D. Padrão	37,6	49,2	51,0	54,8	49,4	49,2
Mulher heterossexual (n = 7)						
Mediana	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Média	25,0	14,3	14,3	35,7	78,6	25,0
D. Padrão	43,3	37,8	37,8	47,6	39,3	43,3
Mulher lésbica (n = 3)						
Mediana	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Média	0,2	0,2	16,7	16,7	66,7	0,2
D. Padrão	0,3	20,4	25,8	49,2	51,6	20,9
p-valor	0,7096	0,4204	0,4529	0,8046	0,907	0,7537

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis

As atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA3 mostraram que, em todas as interpretações não houve real diferença (p-valor não é significativo) conforme a identidade de gênero e sexualidade, acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,7096), “agradável” (p-valor = 0,4204), “bonito” (p-valor = 0,4529), “educado” (p-valor = 0,8046), “palavrão” (p-valor = 0,907) e “respeitoso” (p-valor = 0,7537).

Tabela 29: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA3, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022

LÉSBICA3 / Faixa etária						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
18 a 29 anos (n = 8)						
Média	42,9	42,9	33,3	28,6	75,0	7,1
D. Padrão	45,0	53,5	51,6	39,3	38,2	18,9
30 anos ou mais (n = 14)						
Média	19,6	25,0	26,8	35,7	67,9	30,4
D. Padrão	34,2	42,7	42,1	45,7	46,4	44,0
Diferença (p-valor)	-23,2	-17,9	-6,5	7,1	-7,1	23,2
p-valor	0,2631	0,526	0,9343	0,8229	0,9702	0,3510

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

As atitudes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,2631), “agradável” (p-valor = 0,526) “bonito” (p-valor = 0,9343) “educado” (p-valor = 0,8229) “palavrão” (p-valor = 0,9702) e “respeitoso” (p-valor = 0,3510) não tiveram real variação conforme a faixa etária, utilizando o teste U de Man-Whitney.

As atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA3 mostraram que, em todas as interpretações, não houve real diferença (valores-p não significantes, teste U de Mann-Whitney) em pessoas de escolaridades diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,3508), “agradável” (p-valor = 0,7173), “bonito” (p-valor = 0,8091), “educado” (p-valor = 0,5909), “palavrão” (p-valor = 0,5041) e “respeitoso” (p-valor = 0,6935).

Tabela 30: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA3, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022

LÉSBICA3 / Escolaridade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Ensino médio (n = 7)						
Mediana	50	25	0	25	62,5	0
Média	41,7	41,7	20,0	41,7	54,2	25,0
D. Padrão	37,6	49,2	44,7	49,2	45,9	41,8
Ensino superior (n = 15)						
Mediana	0	0	0	0	100	0
Média	21,7	26,7	31,7	30,0	76,7	21,7
D. Padrão	38,8	45,8	44,8	41,4	41,7	38,8
Diferença (p-valor)	-50,0	-25,0	0,0	-25,0	37,5	0,0
p-valor	0,3501	0,7173	0,8091	0,5909	0,5041	0,6935

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

4.2.4 Variante LÉSBICA4

Figura 40: sinal LÉSBICA4

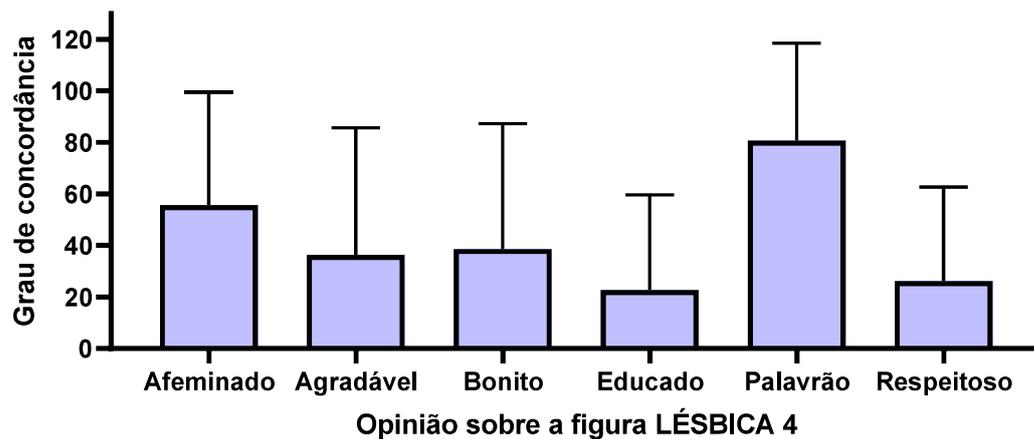
Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1666)

A avaliação do sinal LÉSBICA4, figura 40, na opinião de n = 18 colaboradores(as), mostra que há real diferença na interpretação dos atributos por toda a comunidade (p-valor = 0,0001, teste de Kruskal-Wallis, com pós-teste de Dunn). De maneira geral, foram rejeitados os atributos “respeitoso” (média = 20,8) e “educado” (média = 22,2). Por outro lado, foi aceito o atributo “palavrão” (média = 81,9).

Tabela 31: Atitudes gerais sobre o sinal LÉSBICA4, Recife/PE, 2022

LÉSBICA4 /Avaliação geral						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Resp. Válidas	18	18	18	18	18	18
Mínimo	0	0	0	0	0	0
Máximo	100	100	100	100	100	100
Mediana	50	0	0	0	100	0
Média	47,2	38,9	41,7	22,2	81,9	20,8
D. Padrão	43,6	50,2	49,3	39,2	36,2	34,6
Coef. Variação	92,4%	129,0%	118,2%	176,4%	44,2%	165,9%

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn

Gráfico 8: Avaliação geral sobre o sinal LÉSBICA4

Fonte: Autoria própria

As atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA4 mostraram que, em todas as interpretações não houve real diferença (p-valor não é significativo) conforme a identidade de gênero e sexualidade, acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,7547), “agradável” (p-valor = 0,7914), “bonito” (p-valor = 0,9881), “educado” (p-valor = 0,781), “palavrão” (p = 0,7098) e “respeitoso” (p = 0,8646).

Tabela 32: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA4, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022

LÉSBICA4 / Gênero e sexualidade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Homem gay (n = 6)						
Mediana	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Média	40,0	40,0	40,0	40,0	90,0	20,0
D. Padrão	54,8	54,8	54,8	54,8	22,4	44,7
Homem hétero (n = 6)						
Mediana	50,0	50,0	25,0	0,0	100,0	25,0
Média	50,0	50,0	41,7	16,7	87,5	25,0
D. Padrão	31,6	54,8	49,2	25,8	30,6	27,4
Mulher hétero (n = 7)						
Mediana	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0
Média	60,0	20,0	40,0	20,0	60,0	20,0
D. Padrão	54,8	44,7	54,8	44,7	54,8	44,7
Mulher lésbica (n = 3)						
Mediana	25,0	50,0	50,0	0,0	100,0	12,5
Média	25,0	50,0	50,0	0,0	99,8	12,5
D. Padrão	37,9	44,7	41,8	54,7	48,5	10,3
p-valor	0,7547	0,7914	0,9881	0,781	0,7098	0,8469

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis

As atitudes sobre LÉSBICA4 acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,756), “agradável” (p-valor = 0,543) “bonito” (p-valor = 0,6534) “educado” (p-valor = 0,3545) “palavrão” (p-valor = 0,4563) e “respeitoso” (p-valor = 0,5433) não alcançaram real variação conforme a faixa etária, utilizando o teste U de Man-Whitney.

Tabela 33: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA4, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022

LÉSBICA4 / Faixa etária						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
18 a 29 anos (n = 8)						
Média	50,0	42,9	42,9	28,6	92,9	14,3
D. Padrão	50,0	53,5	53,5	48,8	18,9	37,8
30 anos ou mais (n = 14)						
Média	45,5	36,4	40,9	18,2	75,0	25,0
D. Padrão	41,6	50,5	49,1	33,7	43,3	33,5
Diferença (p-valor)	-4,5	-6,5	-1,9	-10,4	-17,9	10,7
p-valor (Teste U)	0,756	0,543	0,6534	0,3545	0,4563	0,5433

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

As atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA4 mostraram que, em todas as interpretações não houve real diferença (valores-p não significantes, teste U de Mann-Whitney) em pessoas de escolaridades diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,4096), “agradável” (p-valor = 0,8392), “bonito” (p-valor = 0,4787), “educado” teve p-valor = 0,6913), “palavrão” (p-valor = 0,7898) e “respeitoso” (p-valor = 0,8944).

Tabela 34: Atitudes atribuídas ao sinal LÉSBICA4, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022

LÉSBICA4 / Escolaridade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Ensino médio (n = 7)						
Mediana	50	50	50	0	100	0
Média	50,0	50,0	50,0	16,7	91,7	25,0
D. Padrão	44,7	54,8	54,8	40,8	20,4	41,8
Ensino superior (n = 15)						
Mediana	50	0	0	0	100	0
Média	45,8	33,3	37,5	25,0	77,1	18,8
D. Padrão	45,0	49,2	48,3	39,9	41,9	32,2
Diferença (p-valor)	0,0	-50,0	-50,0	0,0	0,0	0,0
p-valor	0,4096	0,8393	0,4787	0,6914	0,7898	0,8944

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

4.2.5 Variante LÉSBICA5

Figura 41: sinal LÉSBICA5

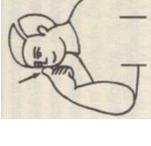
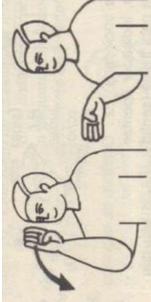
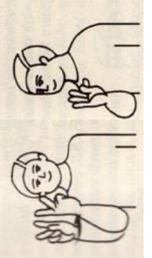


Fonte: autoria própria

O sinal LÉSBICA5 (figura 41) só foi avaliado por um informante e os outros participantes não reconheceram esse sinal, por isso não o incluímos nas análises estatísticas, já que, segundo os dados levantados, não é utilizado na comunidade surda do Recife.

4.3 VARIÁVEL HETEROSSEXUAL

Quadro 3: Resumo das atitudes acerca dos sinais de HETEROSSEXUAL, na comunidade surda do Recife, 2022

SINAIS		Comunidade em geral		/ Gênero e sexualidade		/ Faixa etária		/ Escolaridade	
		Aceitas	Rejeitadas	Aceitas	Rejeitadas	Aceitas	Rejeitadas	Aceitas	Rejeitadas
HETERO.1	HOMEM		<i>Bonito Educado Respeitoso</i>	<i>Palavrão Afeminado</i>	Não houve discordância com a comunidade em geral	Não houve discordância	Não houve discordância		
	MULHER								
HETERO.2				<i>Agradável Bonito Educado Respeitoso</i>	<i>Palavrão</i>	Não houve discordância	Não houve discordância		
				<i>Agradável Bonito Educado Respeitoso</i>	<i>Afeminado Palavrão</i>	Não houve discordância	Não houve discordância		
HETERO.4				Os(as) colaboradores(as) não reconheceram esse sinal.					

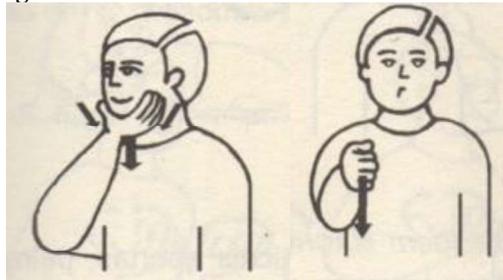
Fonte: Autoria própria; imagens: Capovilla *et al* (2019, p. 970, 1907, 1479, 1731, 2651)

Acerca da organização visual do quadro 3 – resumo das atitudes acerca dos sinais de HETEROSSEXUAL, na coluna “Comunidade em geral”, estão expostas as atitudes (opiniões) dos(as) colaboradores(as) em geral. Como não houve diferenças nas atitudes entre os recortes sociais, está escrito “Não houve discordância” nas células das colunas “/Gênero e sexualidade”, “/Faixa etária” e “/Escolaridade”. Em relação às cores, as células verdes não significam que são atributos positivos, porém que são atitudes aceitas para o sinal; as células laranjas representam as atitudes que foram rejeitadas.

Assim, conforme as cores indicadas no quadro 3, é possível interpretar que o sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1, na opinião da comunidade em geral, foi considerado bonito, educado e respeitoso, e foram rejeitados os atributos palavrão e afeminado. O sinal MULHER^HETEROSSEXUAL1 não foi reconhecido pela comunidade. Já o sinal HETEROSSEXUAL2 foi considerado agradável, bonito, educado e respeitoso, outrossim a comunidade rejeitou os atributos afeminado e palavrão. O sinal HETEROSSEXUAL3, por sua vez, foi considerado agradável, bonito, educado e respeitoso; e a comunidade rejeitou o atributo palavrão. Por fim, o sinal HETEROSSEXUAL4 não foi reconhecido pela comunidade em geral.

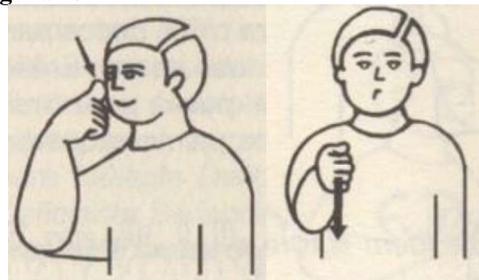
4.3.1 Variante HETEROSSEXUAL1

Figura 42: sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1



Fonte: adaptado de Capovilla *et al.* (2019, p. 1441 e 2651)

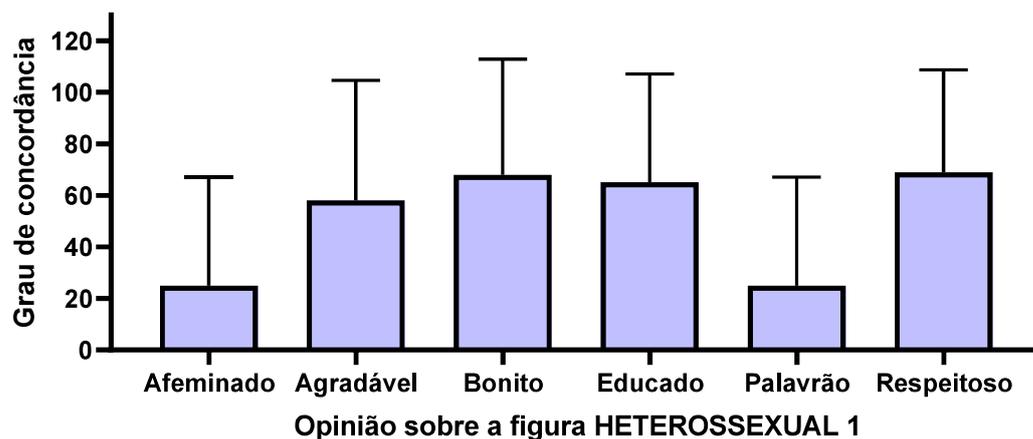
Figura 43: sinal MULHER^HETEROSSEXUAL1



Fonte: adaptado de Capovilla *et al.* (2019, p. 1441 e 2651)

A avaliação do sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1, figura 42, na opinião de n = 18 colaboradores(as), mostra que há real diferença na interpretação dos atributos por toda a comunidade (p-valor = 0,0001, teste de Kruskal-Wallis, com pós-teste de Dunn). O p-valor < 0,0001 indica que que existe real diferença na interpretação da figura, e o pós-teste de Dunn indica que existe preferência para “bonito”, “educado” e “respeitoso”, que são as interpretações mais aceitas, por outro lado são rejeitadas: “afeminado” e “palavrão”. O sinal HETEROSSEXUAL1, quando acompanhado do sinal MULHER, não foi reconhecido pela comunidade colaboradora como variante possível. Por isso, as avaliações seguintes não incluem MULHER^HETEROSSEXUAL1, figura 43.

Gráfico 9: Avaliação geral sobre o sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1



Fonte: Autoria própria

Tabela 35: Atitudes gerais sobre o sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1, Recife/PE, 2022

HOMEM^HETEROSSEXUAL1 / Avaliação geral						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Resp. Válidas	21	21	21	21	21	21
Mínimo	0	0	0	0	0	0
Máximo	100	100	100	100	100	100
Mediana	0	100	100	100	0	100
Média	11,9	64,3	76,2	72,6	15,5	72,6
D. Padrão	31,2	44,4	39,9	40,2	34,0	39,5
Coef. Variação	262,4%	69,1%	52,4%	55,4%	219,6%	54,3%

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn

Tabela 36: Atitudes atribuídas ao sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022

HOMEM^HETEROSSEXUAL1 / Identidade de gênero e sexualidade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Homem gay (n = 6)						
Mediana	0,0	0,0	87,5	37,5	0,0	37,5
Média	0,0	33,3	62,5	45,8	20,8	45,8
D. Padrão	0,0	51,6	49,4	51,0	33,2	51,0
Homem hétero (n = 6)						
Mediana	0,0	100,0	100,0	100,0	0,0	87,5
Média	16,7	87,5	79,2	91,7	0,1	83,3
D. Padrão	40,8	20,9	40,1	20,4	0,2	20,4
Mulher hétero (n = 7)						
Mediana	0,0	75,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	21,4	71,4	85,7	92,9	14,3	92,9
D. Padrão	39,3	36,6	37,8	18,9	37,8	18,9
Mulher lésbica (n = 3)						
Mediana	0,5	100,0	100,0	50,0	0,0	100,0
Média	0,3	66,7	83,3	50,0	33,3	99,8
D. Padrão	51,5	41,8	40,8	49,2	51,6	54,6
p-valor	0,5552	0,3449	0,6547	0,2872	0,9039	0,1688

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis

As atitudes atribuídas ao sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1 mostraram que, em todas as interpretações não houve real diferença (p-valor não é significativa) conforme a identidade de gênero, acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,5552), “agradável” (p-valor = 0,3449), “bonito” (p-valor = 0,6547), “educado” (p-valor = 0,0872), “palavrão” (p-valor = 0,9039), “respeitoso” (p-valor = 0,1688).

As atitudes sobre HOMEM^HETEROSSEXUAL1 acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,84743), “agradável” (p-valor = 0,643932), “bonito” (p-valor = 0,4393), “educado” (p-valor = 0,867), “palavrão” (p-valor = 0,8777) e “respeitoso” (p-valor = 0,8750) não tiveram real variação conforme a faixa etária, pois apresentaram p-valor >0,05 (Teste U de Man-Whitney).

Tabela 37: Atitudes atribuídas ao sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022

HOMEM^HETEROSSEXUAL1 / Faixa etária						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
18 a 29 anos (n = 8)						
Média	14,3	78,6	64,3	71,4	14,3	71,4
D. Padrão	37,8	39,3	47,6	48,8	37,8	48,8
30 anos ou mais (n = 14)						
Média	10,7	62,5	82,1	80,4	12,5	80,4
D. Padrão	28,9	43,6	35,9	31,3	32,2	29,7
Diferença (p-valor))	-3,6	-16,1	17,9	8,9	-1,8	8,9
p-valor	0,8470	0,6440	0,4390	0,8670	0,8780	0,8750

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

Tabela 38: Atitudes atribuídas ao sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022

HOMEM^HETEROSSEXUAL1 / Escolaridade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Ensino médio						
Mediana	0	100	100	100	0	100
Média	14,3	78,6	85,7	85,7	7,1	85,7
D. Padrão	37,8	39,3	37,8	37,8	18,9	37,8
Ensino superior (n = 15)						
Mediana	0	75	100	100	0	75
Média	10,0	58,3	73,3	68,3	18,3	68,3
D. Padrão	28,0	45,0	40,6	40,6	38,3	39,5
Diferença (p-valor)	0,0	-25,0	0,0	0,0	0,0	-25,0
p-valor	0,4628	0,6484	0,7409	0,7812	0,8925	0,4107

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

As atitudes atribuídas ao sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1 mostraram que, em todas as interpretações não houve real diferença (valores-p não significantes, teste U de Mann-Whitney) em pessoas de escolaridades diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor =

0,4628), “agradável” (p-valor = 0,6484), “bonito” (p-valor = 0,7009), “educado” teve p-valor = 0,7812), “palavrão” (p-valor = 0,8925) e “respeitoso” (p-valor = 0,4106).

4.3.2 Variante HETEROSSEXUAL2

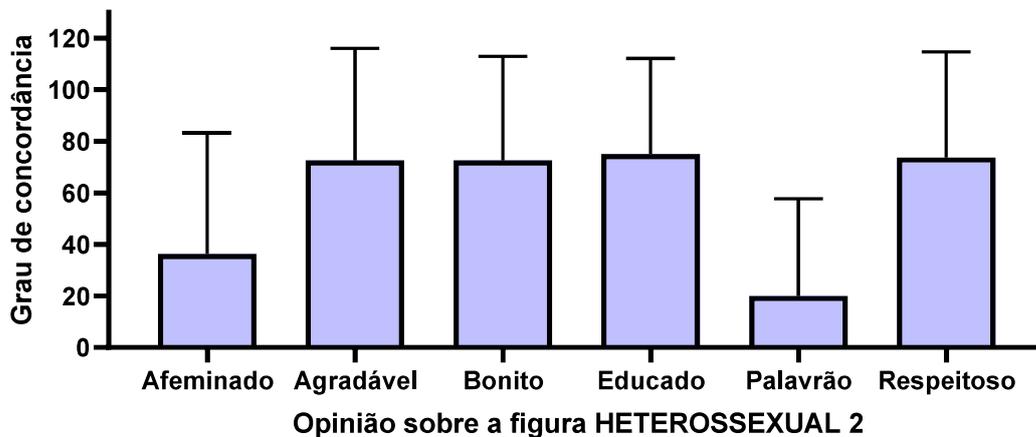
Figura 44: sinal HETEROSSEXUAL2



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1479)

A avaliação do sinal HETEROSSEXUAL2, figura 44, mostra que há real diferença na interpretação dos atributos por toda a comunidade (p-valor = 0,0001, teste de Kruskal-Wallis, com pós-teste de Dunn). O p-valor <0,0001 indica que existe real diferença na interpretação da figura, e o pós-teste de Dunn indica que existe preferência para “agradável” (média = 84,4), “bonito” (média = 84,4), “educado” (média = 87,5) e “respeitoso” (média = 79,7), que são as interpretações mais aceitas, por outro lado é rejeitado o atributo “palavrão” (média = 6,6).

Gráfico 10: Avaliação geral sobre o sinal HETEROSSEXUAL2



Fonte: Autoria própria

Tabela 39: Atitudes gerais sobre o sinal HETEROSSEXUAL2, Recife/PE, 2022

HETEROSSEXUAL2 / Avaliação geral						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Resp.						
Válidas	16	16	16	16	16	16
Mínimo	0	0	0	0	0	0
Máximo	100	100	100	100	50	100
Mediana	0	100	100	100	0	100
Média	21,9	84,4	84,4	87,5	6,3	79,7
D. Padrão	40,7	34,0	28,7	27,4	17,1	40,0
Coef.						
Variação	186,0%	40,3%	34,0%	31,3%	273,3%	50,2%

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn

As atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL2 mostraram que, em todas as interpretações não houve real diferença (p-valor não é significativo) conforme a identidade de gênero, acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,9402), “agradável” (p-valor = 0,1043), “bonito” (p-valor = 0,3727), “educado” (p-valor = 0,7951), “palavrão” (p-valor = 0,5367) e “respeitoso” (p-valor = 0,3882).

Tabela 40: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL2, conforme a identidade de gênero e sexualidade, Recife/PE, 2022

HETEROSSEXUAL2 / Identidade de gênero e sexualidade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Homem gay (n = 6)						
Mediana	0,0	100,0	87,5	100,0	0,0	87,5
Média	16,7	79,2	83,3	91,7	8,3	62,5
D. Padrão	40,8	40,1	20,4	20,4	20,4	49,4
Homem hétero (n = 6)						
Mediana	0,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	30,0	80,0	80,0	75,0	10,0	80,0
D. Padrão	44,7	44,7	44,7	43,3	22,4	44,7
Mulher hétero (n = 7)						
Mediana	0,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	20,0	99,9	99,9	99,9	0,0	99,9
D. Padrão	44,7	0,2	0,2	0,2	0,0	0,2
Mulher lésbica (n = 3)						
Mediana	0,0	37,5	50,0	62,5	25,0	50,0
Média	0,2	37,5	50,0	62,5	25,0	50,0
D. Padrão	31,3	24,7	10,5	27,1	37,9	41,8
p-valor	0,9402	0,1043	0,3727	0,7951	0,5367	0,3882

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis

As atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL2 mostraram que, em todas as interpretações não houve real diferença (p-valor não é significativo) conforme a faixa etária, acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,7423), “agradável” (p-valor = 0,5640) “bonito” (p-valor = 0,3848) “educado” (p-valor = 0,7594) “palavrão” (p-valor = 0,7688) e “respeitoso” (p-valor = 0,7670) (Teste U de Man-Whitney).

Tabela 41: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL2, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022

HETEROSSEXUAL2 / Faixa etária						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
18 a 29 anos (n = 8)						
Média	28,6	82,1	89,3	92,9	7,1	85,7
D. Padrão	48,8	37,4	19,7	18,9	18,9	37,8
30 anos ou mais (n = 14)						
Média	15,0	87,5	82,5	85,0	5,0	77,5
D. Padrão	33,7	31,7	33,4	31,6	15,8	41,6
Diferença (p-valor))	-13,6	5,4	-6,8	-7,9	-2,1	-8,2
p-valor	0,742	0,564	0,385	0,759	0,769	0,767

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

Tabela 42: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL2, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022

HETEROSSEXUAL2 / Escolaridade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Ensino médio (n = 7)						
Mediana	0	100	100	100	0	100
Média	28,6	71,4	78,6	78,6	7,1	71,4
D. Padrão	48,8	48,8	39,3	39,3	18,9	48,8
Ensino superior (n = 15)						
Mediana	0	100	100	100	0	100
Média	13,6	86,4	86,4	90,9	9,1	79,5
D. Padrão	32,3	30,3	20,5	16,9	20,2	40,0
Diferença (p-valor)	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
p-valor	0,5693	0,7975	0,6113	0,9609	0,7978	0,5051

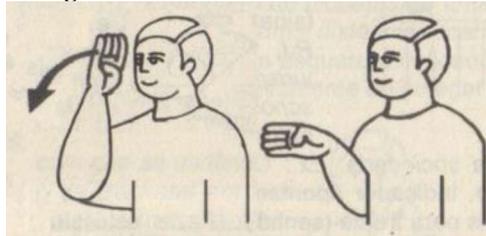
Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

As atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL2 mostraram que, em todas as interpretações não houve real diferença (valores-p não significantes, teste U de Mann-Whitney) em pessoas de escolaridades diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor =

0,569297397006), “agradável” (p-valor = 0,7975), “bonito” (p-valor = 0,6113), “educado” teve p-valor = 0,9609), “palavrão” (p-valor = 0,7978) e “respeitoso” (p-valor = 0,5051).

4.3.3 Variante HETEROSSEXUAL3

Figura 45: sinal HETEROSSEXUAL3



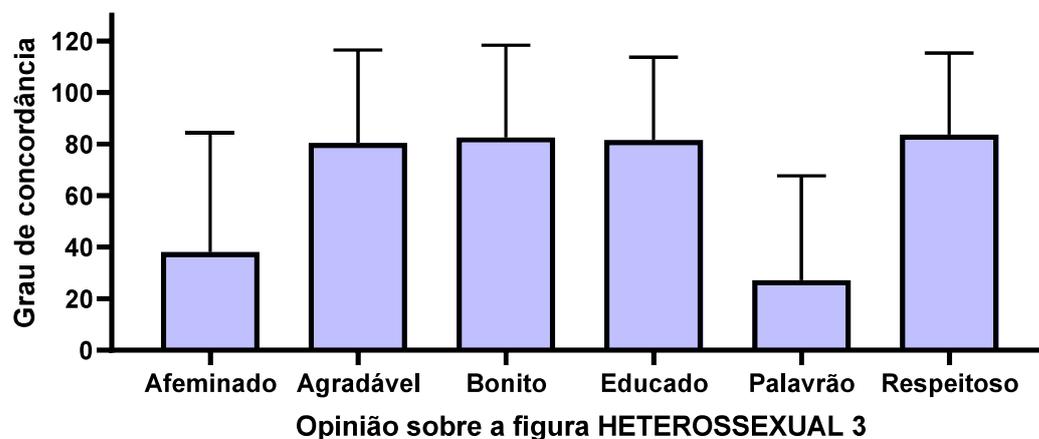
Fonte: Capovilla *et al* (2019, p. 970)

A avaliação do sinal HETEROSSEXUAL3, figura 45, mostra que há real diferença na interpretação dos atributos por toda a comunidade (p-valor = 0,0001, teste de Kruskal-Wallis, com pós-teste de Dunn). O p-valor <0,0001 indica que que existe real diferença na interpretação da figura, e o pós-teste de Dunn indica que existe preferência para “agradável” (média = 92,1), “bonito” (média = 94,7), “educado” (média = 93,4) e “respeitoso” (média = 90,8), que são as interpretações mais aceitas, por outro lado são rejeitados os atributos “afeminado” (média = 26,3) e “palavrão” (média = 17,1).

Tabela 43: Atitudes gerais sobre o sinal HETEROSSEXUAL3, Recife/PE, 2022

HETEROSSEXUAL3 / Avaliação geral						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Resp.						
Válidas	19	19	19	19	19	19
Mínimo	0	50	50	50	0	0
Máximo	100	100	100	100	100	100
Mediana	0	100	100	100	0	100
Média	26,3	92,1	94,7	93,4	17,1	90,8
D. Padrão	42,1	18,7	15,8	16,3	31,2	25,3
Coef.						
Varição	159,8%	20,3%	16,6%	17,5%	182,6%	27,9%

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn

Gráfico 11: Avaliação geral sobre o sinal HETEROSSEXUAL3

Fonte: Autoria própria

As atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL3 mostraram que, em todas as interpretações não houve real diferença (p-valor não é significativa) conforme a identidade de gênero, acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,9597), “agradável” (p-valor = 0,8701), “bonito” (p-valor = 0,9764), “educado” (p-valor = 0,8909), “palavrão” (p-valor = 0,5811), “respeitoso” (p-valor = 0,8709).

Tabela 44: Atitudes gerais sobre o sinal HETEROSSEXUAL3, Recife/PE, 2022

HETEROSSEXUAL 3 / Identidade de gênero e sexualidade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Homem gay (n = 6)						
Mediana	0,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	25,0	83,3	91,7	87,5	8,3	79,2
D. Padrão	41,8	25,8	20,4	20,9	20,4	40,1
Homem hétero (n = 6)						
Mediana	0,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	25,0	91,7	91,7	91,7	16,7	91,7
D. Padrão	41,8	20,4	20,4	20,4	25,8	20,4
Mulher hétero (n = 7)						
Mediana	0,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0
Média	40,0	99,9	99,9	99,9	15,0	99,9
D. Padrão	54,8	0,2	0,2	0,2	33,5	0,2
Mulher lésbica (n = 3)						
Mediana	0,0	100,0	100,0	100,0	50,0	100,0
Média	0,2	99,8	99,8	99,8	50,0	99,8
D. Padrão	54,6	0,3	0,3	41,8	41,8	0,3
p-valor	0,9597	0,8701	0,9764	0,8909	0,5811	0,8709

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Dunn

As atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL3 mostraram que, em todas as interpretações não houve real diferença (p-valor não é significativa) conforme a identidade de gênero, acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,5890), “agradável” (p-valor = 0,4480) “bonito” (p-valor = 0,3050) “educado” (p-valor = 0,6030) “palavrão” (p-valor = 0,61070) e “respeitoso” (p-valor = 0,6090).

Tabela 45: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL3, conforme a variação da faixa etária, Recife/PE, 2022

HETEROSSEXUAL3 / Faixa etária						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Idade 18 a 29 (n = 8)						
Média	28,6	100,0	100,0	100,0	14,3	100,0
D. Padrão	48,8	0,0	0,0	0,0	37,8	0,0
30 anos ou mais (n = 14)						
Média	22,7	90,9	90,9	93,2	15,9	93,2
D. Padrão	41,0	20,2	20,2	16,2	28,0	16,2
Diferença (p-valor))	-5,8	-9,1	-9,1	-6,8	1,6	-6,8
p-valor	0,5900	0,4480	0,3060	0,6030	0,6110	0,609

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

As atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL3 mostraram que, em todas as interpretações, não houve real diferença (valores-p não significantes, teste U de Mann-Whitney) em pessoas de faixas etárias diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,5900), “agradável” (p-valor = 0,4480), “bonito” (p-valor = 0,3060), “educado” teve p-valor = 0,6030), “palavrão” (p-valor = 0,6110) e “respeitoso” (p-valor = 0,609).

Tabela 46: Atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL3, conforme a escolaridade, Recife/PE, 2022

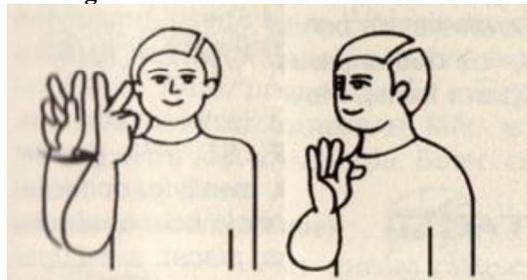
HETEROSSEXUAL3 / Escolaridade						
	“afeminado”	“agradável”	“bonito”	“educado”	“palavrão”	“respeitoso”
Ensino médio (n = 7)						
Mediana	0	100	100	100	0	100
Média	35,7	92,9	100,0	92,9	7,1	85,7
D. Padrão	47,6	18,9	0,0	18,9	18,9	37,8
Ensino superior (n = 15)						
Mediana	0	100	100	100	0	100
Média	20,8	91,7	91,7	93,8	22,9	93,8
D. Padrão	39,6	19,5	19,5	15,5	36,1	15,5
Diferença (p-valor)	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
p-valor	0,5294	0,7417	0,5686	0,8937	0,7420	0,4698

Fonte: Autoria própria a partir dos programas BioEstat versão 5.3 e SPSS Versão 27, com teste U de Mann-Whitney

As atitudes atribuídas ao sinal HETEROSSEXUAL3 mostraram que, em todas as interpretações, não houve real diferença (valores-p não significantes, teste U de Mann-Whitney) em pessoas de escolaridades diferentes acerca dos atributos “afeminado” (p-valor = 0,5294), “agradável” (p-valor = 0,7417), “bonito” (p-valor = 0,5686), “educado” teve p-valor = 0,8936), “palavrão” (p-valor = 0,7419) e “respeitoso” (p-valor = 0,4697).

4.3.4 Variante HETEROSSEXUAL4

Figura 46: sinal HETEROSSEXUAL4

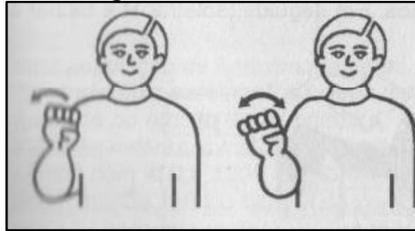


Fonte: Adaptado de Capovilla *et al.* (2019, p. 1466, 2151)

O sinal HETEROSSEXUAL4 (figura 46) não foi reconhecido nem avaliado pelas pessoas entrevistadas, por isso não o incluímos nas análises estatísticas, já que, segundo os dados levantados, não é utilizado na comunidade surda do Recife.

4.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Figura 47: sinal GAY1



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1469)

Figura 48: sinal GAY2



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1384)

Analisando os resultados das atitudes linguísticas sobre os sinais da variável GAY, inicialmente, é importante comparar o par dos sinais GAY1, figura 47, e GAY2, figura 48, porque são variantes fonológicas entre si, com o mesmo movimento e mesmo ponto de articulação, só mudando a configuração de mãos. A configuração de mão de GAY1 é a mesma da letra E do alfabeto manual, e não se trata de um caso de inicialização. A configuração de mão em E apresenta "dedos curvados contra a palma [e] polegar curvado contra a palma" (CAPOVILLA *et al.*, 2019, p. 1039), ou seja, é visualmente contida.

Já GAY2 possui, ao mesmo tempo, as letras V e I do alfabeto manual e se trata de um caso de inicialização, conforme aponta Abreu (2015), originada da palavra "viado". Ademais é interessante considerar a afirmação de Lanz acerca do termo viado, pois "pode ter se originado da redução da palavra transviado (que ou aquele que se transviou)" (LANZ, 2018 p. 432). Assim sendo, à luz da Teoria *Queer*, é possível perceber a presença de um estereótipo negativo em GAY2, o qual define a homossexualidade masculina como não normal e socio desviante.

Comparando as diferenças de atitudes da comunidade em geral sobre GAY1 e GAY2, levando em conta as características morfológicas apresentadas acima, há ao menos dois fatores envolvidos: (1) os reforços positivos aos comportamentos discreto, contido e reservado que a sociedade estimula em pessoas que fogem à norma heterossexual e cisgênera (LANZ, 2017); e

(2) o movimento cultural de mudança de configuração de mãos, nos sinais inicializados, apontado por Burns; Matthews; Nolan-Conroy (2004), que também circula nas discussões da comunidade surda do Recife, especialmente nesse caso, de uma palavra que historicamente foi utilizada de maneira pejorativa contra a população de homens gays. Possivelmente esses dois fatores contribuem para o prestígio do sinal GAY1 por toda a comunidade, já que é um sinal mais discreto e não é inicializado. De maneira contrária, o sinal GAY2 é menos discreto visualmente e é inicializado, logo, não encontra o mesmo prestígio.

Figura 49: sinal GAY3



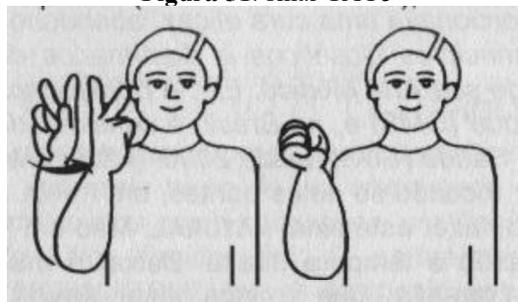
Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 2833)

Já o sinal GAY3, figura 49, é uma variante lexical ao ser comparadas com os outros sinais de GAY e houve diferença em sua percepção apenas entre pessoas de escolaridades diferentes, sobre o atributo “afeminado”, por isso os fatores que contribuem para esse fenômeno se justificam pelas crenças e atitudes que divergem entre os grupos. Ao avaliarmos o grau de educação formal e os ambientes acadêmicos nos quais foram coletadas as entrevistas, faz-se fundamental considerar o fato dos(as) colaboradores(as) ter licenciatura em Letras/LIBRAS, pois os aprendizados e análises sobre a própria língua, durante a graduação, contribuem para uma posição mais reflexiva. Ademais, há a possibilidade de que pessoas de ensino superior o utilizem apenas para referência a homens gays afeminados e as pessoas de ensino médio não façam a mesma distinção. Ou seja, as diferentes atitudes sobre GAY3 podem também estar relacionadas com as expressões de gênero dos homens aos quais esses grupos fazem referência em seus cotidianos, nesses espaços.

Figura 50: sinal GAY4

Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1384)

O sinal GAY4, por sua vez, é o único sinal totalmente soletrado dessa variável, reconhecido pela comunidade. Curiosamente, ele foi percebido de maneiras opostas por pessoas de escolaridade diferentes, pois foi considerado agradável e não afeminado pelas pessoas de ensino superior; desagradável e afeminado pelas pessoas de ensino médio. Deste último grupo, um colaborador heterossexual, da faixa etária entre 18 e 29 anos, afirmou que “G-A-Y tem muita letra, é melhor evitar”. Essas diferentes atitudes podem ser influenciadas pelos valores desenvolvidos durante o curso de Letras/LIBRAS, acerca dos processos morfológicos de formação de sinais utilizando o alfabeto manual.

Figura 51: sinal GAY5

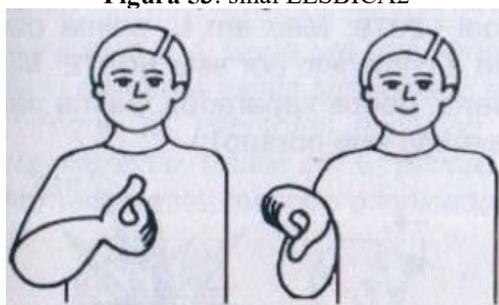
Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1466)

A última variante, o sinal GAY5, figura 51, não foi reconhecida pela comunidade e as pessoas preferiram não responder ao teste de atitudes acerca de seus atributos. Portanto, é um sinal cujo uso varia entre as regiões do país, e não é usado em Recife. Por fim, não houve variação no reconhecimento das variantes de GAY por nenhum grupo, diferente dos resultados da pesquisa feita por Rudner & Butowski (1981), que mostrava que gays e lésbicas usavam sinais secretos para identificação com seus pares. Além do que foi exposto, não houve outros comentários extras acerca das variantes de GAY.

Figura 52: sinal LÉSBICA1

Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1665)

Analisando as atitudes acerca dos sinais de LÉSBICA, é possível observar que LÉSBICA1, figura 52, obteve a maior aceitação em comparação com as variantes concorrentes, porém, em média, a comunidade manteve uma posição indiferente acerca do atributo “afeminado”. À vista disso, é possível realizar uma comparação com outro sinal soletrado G-A-Y, referente a nomenclatura GAY4, que foi sim considerado “afeminado”. Nesse contexto, as configurações de mão podem ter exercido influência na variação da percepção, como levantado no exemplo do sinal MACHISTA, subseção 2.7.1, cuja configuração de mão fechada pode ser percebida como mais firme (CAPOVILLA *et al.*, 2019). Assim, a configuração de mão cerrada da letra S, pode representar força, firmeza. Já a configuração de mão da letra Y, que possui os “dedos mínimo e polegar distendidos” (CAPOVILLA *et al.*, 2019, p. 2907), pode ter sido percebida como afeminada por seus detalhes delicados.

Figura 53: sinal LÉSBICA2

Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1665)

O sinal LÉSBICA2, figura 53, não obteve atitudes comuns a todos os grupos nos atributos pesquisados, mas é importante destacar que:

- (1) o atributo “palavrão” foi rejeitado por homens e mulheres heterossexuais, mas foi aceito por homens gays;

- (2) as pessoas de 30 anos ou mais consideram que é um sinal masculino; contudo,
- (3) as lésbicas mantiveram uma posição de indiferença em todos os atributos.

Uma colaboradora lésbica, da faixa etária de 30 – 49 anos, afirma que o sinal LÉSBICA2 é equivalente a “sapatão”, identidade associada a estereótipos viris em mulheres homossexuais. Portanto, o fato de pessoas de 30 anos ou mais terem percebido esse sinal como viril, masculino, pode ter a ver com termo “sapatão”, em língua portuguesa. Por último, os parâmetros fonológicos correspondentes ao número 69, associado a uma posição sexual, podem ter influenciado nas atitudes de homens gays, ao considerarem LÉSBICA2 como palavrão.

Figura 54: sinal LÉSBICA3



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1665)

Figura 55: sinal LÉSBICA4



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1666)

Continuando, as atitudes sobre sinais LÉSBICA3, figura 54, e LÉSBICA4, figura 55, foram as mesmas, sem variação entre os grupos: palavrões e desrespeitosos. Os seguintes comentários foram feitos sobre o esse segundo sinal:

- “O sinal LÉSBICA4 é usado para mostrar o momento de intimidade entre mulheres (...) é usado para ofender” (homem heterossexual, ensino superior, 30 – 49 anos);
- “O sinal LÉSBICA4 não é para referir à mulher lésbica, é só para falar do ato sexual em si” (homem heterossexual, ensino médio, 30 – 49 anos);

- “O sinal LÉSBICA4 não é um sinal da identidade “lésbica”. Em Recife, esse sinal é mais para falar da posição sexual” (mulher lésbica, ensino superior, 30 – 49 anos).

Considerando os comentários acima e os testes de percepção, os dados apontam para percepção da iconicidade relacionada a posições sexuais nessas duas variantes, com estereótipos negativos relacionados a mulheres homossexuais.

Figura 56: sinal LÉSBICA5

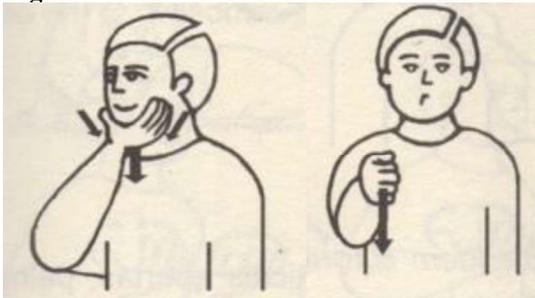


Fonte: autoria própria

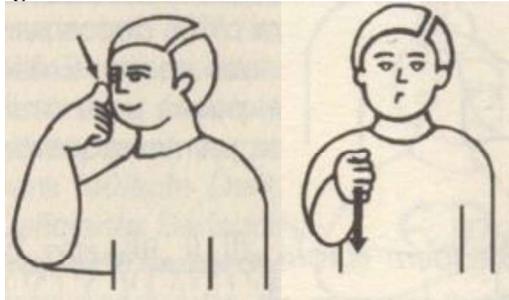
A última variante relacionada à identidade LÉSBICA5, figura 56, não foi reconhecida e as pessoas preferiram não responder ao teste de atitudes acerca de seus atributos, portanto seu uso não é verificado em Recife. Por fim, não houve diferença no reconhecimento das variantes de LÉSBICA por nenhum grupo.

Finalmente, ao analisar as atitudes acerca dos sinais de HETEROSSEXUAL, a primeira característica perceptível é a concordância entre todos os grupos da comunidade nas atitudes linguísticas, pois não houve variação nas percepções entre pessoas de identidades de gênero e sexualidade, de faixas etárias, ou de escolaridades diferentes. As três variantes reconhecidas foram consideradas bonitas, educadas, respeitosas e não são palavrões; as diferenças ocorrem nas percepções dos atributos “afeminado” e “agradável”, como será detalhado a seguir.

Figura 57: sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1



Fonte: adaptado de Capovilla *et al.* (2019, p. 1441 e 2651)

Figura 58: sinal MULHER^HETEROSSEXUAL1

Fonte: adaptado de Capovilla *et al.* (2019, p. 1441 e 2651)

A variante HETEROSSEXUAL1, figuras 57 e 58, fica atrás das outras duas na ordem de preferência, pois a comunidade, em média, não a considerou agradável, nem desagradável. É uma variante que só é reconhecida quando utilizada para se referir a homens heterossexuais e não a mulheres heterossexuais, mas, dependendo da expressão facial mais tensa e do movimento mais energético (CAPOVILLA *et al.*, 2019; SANTOS 2019), significa MACHISTA, fato que pode explicar a indiferença em relação ao atributo “agradável”. Sobre essa variante foram feitos os seguintes comentários:

- “HOMEM^HETEROSSEXUAL1 pode ser um sinal positivo ou negativo, pois dependendo do contexto significa “machista””; (homem heterossexual, ensino superior, 30 – 49 anos)
- “O sinal HOMEM^HETEROSSEXUAL1 tem o sentido de machismo também. Às vezes, as mulheres usam esse sinal para falar de um homem que bate na mulher e é violento (...). MULHER^HETEROSSEXUAL1 tem sentido mais próximo de feminista, ou de mulher poderosa” (homem heterossexual, ensino superior, 30 – 49 anos);
- “O sinal MULHER^HETEROSSEXUAL significa feminista, dependendo do contexto” (homem heterossexual, ensino médio, 30 – 49 anos);
- “O sinal MULHER^HETEROSSEXUAL, tem a ver com “feminista” (mulher heterossexual, ensino médio, 18 – 29 anos).

Já em relação ao atributo “afeminado”, HOMEM^HETEROSSEXUAL1 obteve a rejeição, ou seja, foi considerado viril. No contexto de análise desse sinal, é importante considerar os estereótipos de força e de autoridade atribuídos tanto ao sinal, quanto às expectativas sobre a masculinidade hegemônica no Brasil (CAPOVILLA *et al.*, 2019; LANZ, 2017).

Figura 59: sinal HETEROSSEXUAL2



Fonte: Capovilla *et al.* (2019, p. 1479)

A variante HETEROSSEXUAL2, figura 59, por sua vez, possui os mesmos parâmetros de HUMANO e foi percebida como agradável, mas a comunidade foi indiferente sobre o atributo “afeminado”. Os seguintes comentários foram feitos acerca dessa variante:

- “Esse sinal é bonito, mas não tem a ver com “heterossexual” (homem gay, ensino superior, 30 – 49 anos);
- “O significado como “humano” ou como “heterossexual” vai depender do contexto, por exemplo, “DIREITOS-HUMANOS” e “CIÊNCIAS-HUMANAS” (homem heterossexual, ensino superior, 30 – 49 anos);
- “O sinal de “ser humano” ou “heterossexual” só depende do contexto (homem heterossexual, ensino superior, 30 – 49 anos);
- “O sinal HETEROSSEXUAL2 igual ao de “ser humano” não tem muito a ver com ser heterossexual, porque todos são humanos” (mulher heterossexual, ensino superior, 30 – 49 anos);
- “O sinal de HUMANO não significa “heterossexual”” (mulher heterossexual, ensino superior, 30 – 49 anos);
- ““HUMANO tem o sinal mais alto, perto da bochecha. Quando significa “heterossexual” começa mais baixo, no ombro” (mulher lésbica, ensino superior, 30 – 49 anos).

O sinal em voga, HETEROSSEXUAL2, motivou comentários nos(as) participantes, explicando sobre seu significado, cujas falas traduzidas acima tanto apontam para atitudes que rejeitam a ideia de que esse sinal possa significar “ser humano”, como apontam para atitudes que aceitam a ideia, contanto que seja observado o contexto.

Observando o sinal de HETEROSSEXUAL2 a partir de um olhar da Teoria *Queer*, é importante lançar uma análise crítica sobre as atitudes acerca desse sinal, isso porque,

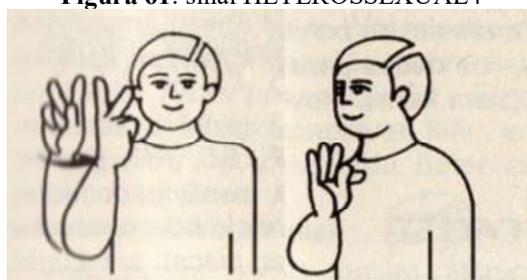
culturalmente, o reconhecimento da condição humana também passa pelo crivo social da heteronormatividade (BUTLER, 2018; LANZ 2017). Nesse sentido, em HETEROSSEXUAL2, é possível elaborar uma interpretação sobre apenas pessoas heterossexuais serem seres humanos. Esse fato representa uma violência simbólica e linguística contra pessoas de identidades de gênero e sexualidades fora da norma do padrão social heterossexual e cisgênero. É importante ainda questionar os seres sorrateiramente privilegiados como universais, como ocorre em discussões que põem em xeque o masculino universal em línguas latinas: um masculino que carrega também uma visão hierarquizada entre os seres humanos (FERNANDES, 2022).

Figura 60: sinal HETEROSSEXUAL3



Fonte: Capovilla *et al* (2019, p. 970)

Figura 61: sinal HETEROSSEXUAL4



Fonte: Adaptado de Capovilla *et al.* (2019, p. 1466, 2151)

A variante HETEROSSEXUAL3, figura 60, obteve as atitudes mais positivas, pois a comunidade considerou-a agradável, bonita, educada e respeitosa, e não a considerou um palavrão. Além disso, pode ser utilizada para se referir a homens e mulheres e foi rejeitada a característica estética afeminada. Ainda assim, é importante também fazer uma discussão acerca dos efeitos desse sinal, pois sua etimologia origina de DIRETO, ou seja, conforme Capovilla *et al* (2019, p. 970), “sem desvios”; interpreto, portanto, como sem desvios da norma heteronormativa. Por extensão, é possível dizer que essa compreensão apresenta oposições binárias: sem desvios x desviante; heterossexual x homossexual; normal x anormal. Em outras palavras, sob o ponto de vista de Butler (2018) e Lanz (2017), também refletem ideologias

simbólicas e linguísticas heteronormativas. Já a última variante do grupo, HETEROSSEXUAL4, figura 61, não foi reconhecida e as pessoas preferiram não responder ao teste de atitudes acerca de seus atributos, portanto seu uso não é verificado em Recife. Por fim, não houve diferença no reconhecimento das variantes de HETEROSSEXUAL entre os grupos entrevistados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, defini como objetivos: a) investigar a etimologia dos sinais de lésbica, gay e heterossexual, descritas nas subseções 2.5, 2.6 e 2.7; b) mapear as atitudes linguísticas em relação aos sinais de lésbica, gay e heterossexual na comunidade surda da Região Metropolitana do Recife, apresentadas na seção 4 – enfocando as atitudes linguísticas; e c) discutir sobre o quão afetados por valores de ideologia heteronormativa estão os referidos sinais, disponível a longo das discussões sobre as origens dos sinais e sobre as atitudes linguísticas.

Considerando esses objetivos, a primeira hipótese levantada foi confirmada, pois a heteronormatividade revela-se em Libras através da etimologia dos sinais relacionados às identidades de gênero e sexualidade GAY, LÉSBICA e HETEROSSEXUAL. Como visto nas discussões, estereótipos relacionados a essas identidades foram percebidos na formação de algumas variantes de cada grupo. Entretanto, a segunda hipótese sobre o fato de a comunidade LGBTQIAP+ utilizar variantes distintas da comunidade heterossexual e cisgênera foi refutada, pois não houve diferença no reconhecimento ou na preferência entre os grupos pesquisados.

Figura 62: sinais GAY1, LÉSBICA1 e HETEROSSEXUAL3



Fonte: Capovilla et al, 2019, p. 970, 1469, 1665

Assim, é possível perceber uma homogeneidade no uso dos sinais mais aceitos por todos os grupos: GAY1, LÉSBICA1 e HETEROSSEXUAL3 (figura 62). Todavia, algumas atitudes foram diferentes, dependendo da identidade de gênero e sexualidade, da escolaridade ou da faixa etária.

Durante este trabalho investigativo, foi evidenciado, nas descrições das variantes e nos comentários da comunidade, que a iconicidade de alguns sinais tem a ver com a posição sexual (no caso de LÉSBICA) e com estereótipos negativos sobre os comportamentos de homens (no caso de GAY e HETEROSSEXUAL). Ainda houve um grupo de sinais soletrados, mas foi conferido que não há uma rejeição ou aceitação de um sinal pelo simples fato de ser soletrado, pois é necessário observar sua configuração de mãos e relação com a identidade referente. Apesar de haver alguns comentários que questionam a naturalização que existe entre o sinal

HUMANO e o sinal HETEROSSEXUAL, os dados apontam que, para a maioria dos(as) colaboradores(as), essa compreensão vai depender do contexto e do tema da conversa.

Em geral, o julgamento sobre as variantes de GAY e LÉSBICA, revela mais atitudes negativas, independente do grupo. Acerca disso, concluo que os(as) colaboradores(as) já percebem os preconceitos históricos que contribuíram para o surgimento desses sinais e tendem a evitá-los. Em relação ao único sinal de heterossexual que recebeu indiferença sobre o atributo agradável, percebo que, apesar ser semelhante ao sinal MACHISTA, não foi considerado um palavrão, ou seja, não é um sinal ofensivo para a comunidade. Assim, a hipótese de que os sinais das identidades dissidentes receberiam atitudes mais negativas, enquanto a das hegemônicas receberiam atitudes mais positivas foi confirmada.

Considerando esse cenário evidenciado pelos dados, recomendo, indispensavelmente, para pesquisas futuras que venham a ser empreendidas, no campo das atitudes linguísticas em Libras, a investigação de sinais que se referem a outras identidades com a participação de pessoas transgêneras, não binárias, bissexuais, pansexuais, por exemplo. Ainda nesses possíveis campos de investigação, outras pesquisas podem se debruçar num *corpus* mais robusto.

Por fim, hoje, é sim necessário tanto dar relevância às atitudes linguísticas na apresentação visual dos sinais, quanto à historicidade das violências simbólicas presentes na cultura brasileira que, através de sinais estigmatizados, foram utilizados para ofender pessoas LGBTQIAP+ surdas, além disso, é importante catalogar os sinais de outras identidades de gênero e sexualidade no dicionário Capovilla *et al* (2019).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, F. S. D. **Experiências linguísticas e sexuais não hegemônicas**: um estudo das narrativas de surdos homossexuais. 2015. xiii, 171 f., il. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18646/1/2015_FabricioSantosDiasdeAbreu.pdf Acesso em: 19 out. 2020.

AYRES, M., AYRES Jr, M., AYRES, D. L., SANTOS, A. A. S. **BioEstat 5,3 aplicações estatísticas nas áreas das ciências biológicas e médicas**. Belém: IDSM, 2007,364p.

ANDRADE, W. T. L. **Variação fonológica da LIBRAS**: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba. 2013. 142 f. Tese (Doutorado em Linguística e ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

ARAGÃO NETO, M. M. **Semântica e pragmática**. João Pessoa: UFPB, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/32i1wlr>. Acesso em: 22 out. 2019.

BARRET, S. R. **Antropologia**: guia do estudante a teoria e ao método antropológico. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BEAN, S. E. P. C.; KOZAKEVICH, D. N. **Álgebra Linear I**. 2. ed. Florianópolis: UFSC/EAD/CED/CFM, 2011. Disponível em: <https://mtmgrad.paginas.ufsc.br/files/2014/04/Álgebra-Linear-I.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BURNS, S.; MATTHEWS, P.; NOLAN-CONROY, E. Language attitudes. In: LUCAS, C. (ed.). **The Sociolinguistic of Sign Languages**. Cambridge: Gallaudet University Press, 2004. p. 181-213.

BRASIL. **Lei nº 10,436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 19 out. 2020.

CAPOVILLA, F. C. *et al.* **Dicionário da língua de sinais do Brasil**: a Libras em suas Mãos. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CARDOSO, D. P. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. 1. ed. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo. In: **IBGE**. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/inicial>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DIZEU, L. C. T. B. Procedimentos metodológicos para uma investigação sociolinguística com a Língua Brasileira de Sinais. In: FREITAG, R. M. K. (org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014. p. 61-70. Disponível em: <http://dx.doi.org/10,5151/BlucherOA-MCMDS-5cap>. Acesso em: 20 set. 2020.

DONATO, A. **Libras I**. João Pessoa: UFPB, 2010. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/libras_i_1330350583.pdf. Acesso em: 22 out. 2020.

ESTELITA, M. **Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática**. 192f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ESTELITA, M. **Proposta de escrita das línguas de sinais**. 114f. Dissertação. (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

ESTELITA, M. Princípios básicos da ELiS. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 204–210, 2016. DOI: 10.5216/rs.v1i2.38881. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/38881>. Acesso em: 2 out. 2021.

FERNANDES, R. A linguagem não-binária em algumas breves reflexões In: OLIVEIRA, R. F. *et al.* **Dissidências de gênero e sexualidade**. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2022. p. 96 – 107.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, Bookman, 2009.

IANNI, A.; PEREIRA, P. C. A. Acesso da comunidade surda à rede básica de saúde. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 18, supl. 2, p. 89-92, jun. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000600015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jan. 2021.

IBM Corp. Released 2020. **IBM SPSS Statistics for Windows**, Version 27,0. Armonk, NY: IBM Corp.

KLEINFELD, M. S.; WARNER, N. Gay, lesbian and bisexual signs. In: LUCAS, C. (ed.). **Multicultural aspects of sociolinguistics in deaf communities**. Washington: Gallaudet University Press, 1996. p. 3-35.

KLEINFELD, M. S.; WARNER, N. Lexical variation in the deaf community relating to gay, lesbian, and bisexual signs. In: LIVIA, A.; HALL, K. (ed.). **Queerly phrased: language, gender, and sexuality**. New York: Oxford University Press, 1997. p. 58-84.

KLIMSA B. L. T.; KLIMSA, S. B. F. A. **Libras II**. João Pessoa: UFPB, 2010. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/sistema/app/webroot/docs/letraslibras/Libras_II.pdf. Acesso em: 22 out. 2020.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. 1. ed. 4. reimpr. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, [1972] 2018.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. 4. ed. Tradução de Dante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1973] 1975.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LANZ, L. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Movimento Transgente, 2017.

LIKERT, R. The method of constructing an attitude scale. In: FISHBEIN, M. (org.). **Readings in attitude theory and measurement**. New York: John Willy & Sons, [1932] 1967. p. 90-107.

LIMA NETO, V. Ruptura não, linkagem sim: o hipertexto e as enunciações na web. In: **Veredas**, v. 16, n. 2, p. 56 – 67, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25018>. Acesso em 01 de fev. 2021.

LIMA NETO, V. **Um estudo da emergência de gêneros no Facebook**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 309, 2014.

OLIVEIRA, J. M. D.; MOTT, L. **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019**. Grupo Gay da Bahia, 2020. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2020/04/relatc3b3rio-ggb-mortes-violentas-de-lgbt-2019-1.doc>. Acesso em: 20 jan. 2021.

OLIVEIRA, R. G. **A variação articulatória em Libras e a orientação sexual do surdo**: estudo sobre captura de movimentos e percepção linguística. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 316, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-10042018-132609/>. Acesso em: 20 out. 2019.

PEREIRA, D. K. F.; SILVA, C. R. T. As atitudes linguísticas de serra-talhadenses sobre a realização de artigo definido diante de antropônimos. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 29, jan.-jun., p. 109-137, 2018.

SILVA, R. C. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica**: a prova como foco de análise. 241 p. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2019.

ROKEACH, M. Naturaleza de las actitudes. **Enciclopedia internacional de las ciencias sociales**, vol. I, Madrid, Aguilar, 1974, p. 14-21.

RUDNER, W. A.; BUTOWSKY, R. Signs used in the deaf gay community. **Sign Language Studies**, Washington, v. 30, p. 36-8, 1981.

SANTOS, L. V. **Sinais LGBTQ+ Libras**. Youtube. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MJtAuEx8TOU&t=138s>. Acesso em: 20 set. 2020.

SILVESTRE, J. **Os entre-lugares**: um olhar sobre sujeitos surdos-homossexuais. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, p. 163, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/7151/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Jouber%20Silvestre%20-%202014.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019

SOUZA, J. M.; SILVA, J. P.; FARO, A. Bullying e homofobia: aproximações teóricas e empíricas. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v. 19, n. 2, mai.-ago. de 2015: 289-297. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n2/2175-3539-pee-19-02-00289.pdf>. Acesso em: 20 out. 2019.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998. Disponível em: https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/06/Aspectos_linguisticos_LIBRAS.pdf. Acesso em: 19 out. 2020.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. UFSC. Florianópolis. 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

TARALLO, F. **A pesquisa socio-lingüística**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

VELOSO, Bruno. Variantes do termo “lésbica” em Libras, sob o olhar da sociolinguística variacionista e da teoria queer. In: CONGRESSO NACIONAL EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA LINGUAGEM, 1., 2020. Recife. **Anais [...]** Recife: UFRPE, 2020. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72027>. Acesso em: 28 nov. 2020.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ELETRÔNICO

20/08/2021

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Com esta pesquisa, nosso objetivo é investigar como a heteronormatividade se evidencia em Língua Brasileira de Sinais (Libras), através de sinais relacionados a gênero e sexualidade, levando em consideração as crenças e atitudes linguísticas dos/as falantes.

Proponho investigar os sinais de "heterossexual", "gay" e "lésbica", suas variantes, suas etimologias; bem como a interação da Libras com o português, que mantém o status majoritário no país; e a concepção de gênero e sexualidade que circula nas práticas linguísticas da comunidade surda. Essa análise partirá de pressupostos linguísticos teóricos apoiados na Sociolinguística Variacionista, cujo público-alvo da investigação será a comunidade surda da Região Metropolitana do Recife. Esses pressupostos teóricos e metodológicos são baseados em Labov (1972 [2018]), centrando a atenção no domínio à avaliação diante de formas linguísticas variáveis. Além disso, os dados submetidos à análise serão extraídos de formulários contendo a ficha social e os testes de percepção, estando a coleta desses dados prevista para o primeiro semestre de 2021 (abril a junho). Para a coleta desses dados, será feito um encontro com o/a entrevistado/a: observando a atual situação de

distanciamento social gerada pela pandemia da Covid-19, esse encontro poderá ser feito por meio das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, como o Google Meet ou Skype, conforme seja mais confortável para o/a informante. Dessa maneira, os encontros serão marcados ou presencialmente (observando os protocolos de segurança sanitária do Estado de Pernambuco), ou virtualmente/remotamente. No encontro, serão coletados todos os dados do formulário (ficha social e testes de percepção).

Para o estudo proposto, é possível que haja timidez do/a informante frente à gravação em vídeo do encontro, mas, para dirimir esse risco, o pesquisador buscará deixar o/a informante o mais tranquilo possível, informando-o/a acerca dos benefícios da pesquisa no plano linguístico, social e cultural. Além disso, em todas as etapas da coleta de dados, o pesquisador realizará as perguntas em Libras, estando sempre à disposição desses/as informantes para sanar possíveis dúvidas.

Vale referirmos ainda que a proposta do projeto apresenta, pelo menos, três benefícios indiretos ao entrevistado, a saber: 1) linguístico, uma vez que contribuirá para o mapeamento linguístico da comunidade surda da Região Metropolitana do Recife, tendo em mente o trabalho não só com dados de produção (sinalizada), mas também de percepção por quatro grupos (homens heterossexuais; homens gays; mulheres heterossexuais; mulheres lésbicas); 2) social, por oferecer um panorama descritivo da influência de fatores extralinguísticos nas atitudes linguísticas, sobre sinais de gênero e sexualidade, considerando, especialmente, o contexto brasileiro das pessoas LGBT; e 3) cultural, já que será construído o perfil sociolinguístico da comunidade surda da Região Metropolitana do Recife, contribuindo, portanto, para o entendimento da identidade cultural de variedades pernambucanas.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação de voluntários/as, a não ser para o responsável pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, informações pessoais e testes de percepção) ficarão armazenados em computador pessoal e pastas de arquivo, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado, pelo período mínimo de 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelo pesquisador (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFRPE, no endereço Rua Dom Manoel de Medeiros, s/nº, Dois Irmãos, Recife/PE, CEP 52171-900, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE (ao lado da Secretaria Geral dos Conselhos Superiores), telefone número (81) 3320-6638 e e-mail cep@ufrpe.br.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO/A

Eu, após a leitura (ou tradução da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo "Heteronormatividade e variação lexical nos sinais em Libras", como voluntário/a. Fui devidamente informado/a e esclarecido/a pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

20/08/2021

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Nome completo

2. Local e data

3. Você concorda com a participação na pesquisa? *

Marcar apenas uma oval.

CONCORDO *Pular para a pergunta 4*

NÃO CONCORDO *Pular para a seção 2 (Agradecemos sua atenção)*

Agradecemos sua atenção

Ficha social

4. Qual a sua identidade de gênero e sexualidade? *

Marcar apenas uma oval.

Mulher lésbica

Mulher heterossexual

Homem gay

Homem heterossexual

5. Faixa etária *

Marcar apenas uma oval.

18 - 29

30 - 49

50 acima

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO FÍSICO



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS - Resolução 466/12)

Convidamos o/a Sr./a para participar, como voluntário/a, da pesquisa *Heteronormatividade e variação lexical nos sinais em Libras*, que está sob a responsabilidade do pesquisador Bruno Veloso de Farias Ribeiro, residente na Rua XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX, CEP XXXXX-XXX, telefone número XXXXXXXXX e e-mail XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e, apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, em duas vias (uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável).

Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem qualquer penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Com esta pesquisa, nosso objetivo é investigar como a heteronormatividade se evidência em Língua Brasileira de Sinais (Libras) através de sinais relacionados a gênero e sexualidade, levando em consideração as crenças e atitudes linguísticas dos/as falantes. Proponho investigar os sinais de “heterossexual”, “gay” e “lésbica”, suas variantes, suas etimologias; bem como a interação da Libras com o português, que mantém o *status* majoritário no país; e a concepção de gênero e sexualidade que circula nas práticas linguísticas da comunidade surda. Essa análise partirá de pressupostos linguísticos teóricos apoiados na Sociolinguística Variacionista, cujo público-alvo da investigação será a comunidade surda da Região Metropolitana do Recife. Esses pressupostos teóricos e metodológicos são baseados em Labov (1972 [2018]), centrando a atenção no domínio à avaliação diante de formas linguísticas variáveis. Além disso, os dados submetidos à análise serão extraídos de formulários contendo a ficha social e os testes de percepção, estando a coleta desses dados prevista para o primeiro semestre de 2021 (abril a junho). Para a coleta desses dados, será feito um encontro com o/a entrevistado/a: observando a atual situação de distanciamento social gerada pela pandemia da Covid-19, esse encontro poderá ser feito por meio das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, como o Google Meet ou Skype, conforme seja mais confortável para o/a informante. Dessa maneira, os encontros serão marcados ou presencialmente (observando os protocolos de segurança sanitária do Estado de Pernambuco), ou virtualmente/remotamente. No encontro, serão coletados todos os dados do formulário (ficha social e testes de percepção).

Para o estudo proposto, é possível que haja timidez do/a informante frente à gravação em vídeo do encontro, mas, para dirimir esse risco, o pesquisador buscará deixar o/a informante o mais tranquilo possível, informando-o/a acerca dos benefícios da pesquisa no plano linguístico, social e cultural. Além disso, em todas as etapas da coleta de dados, o pesquisador realizará as perguntas em Libras, estando sempre à disposição desses/as

informantes para sanar possíveis dúvidas.

Vale referirmos ainda que a proposta do projeto apresenta, pelo menos, três benefícios indiretos ao entrevistado, a saber: 1) linguístico, uma vez que contribuirá para o mapeamento linguístico da comunidade surda da Região Metropolitana do Recife, tendo em mente o trabalho não só com dados de produção (sinalizada), mas também de percepção por quatro grupos (homens heterossexuais; homens gays; mulheres heterossexuais; mulheres lésbicas); 2) social, por oferecer um panorama descritivo da influência de fatores extralinguísticos nas atitudes linguísticas, sobre sinais de gênero e sexualidade, considerando, especialmente, o contexto brasileiro das pessoas LGBT; e 3) cultural, já que será construído o perfil sociolinguístico da comunidade surda da Região Metropolitana do Recife, contribuindo, portanto, para o entendimento da identidade cultural de variedades pernambucanas.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação de voluntários/as, a não ser para o responsável pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações, informações pessoais e testes de percepção) ficarão armazenados em computador pessoal e pastas de arquivo, sob a responsabilidade do pesquisador, no endereço acima informado, pelo período mínimo de 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelo pesquisador (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFRPE, no endereço Rua Dom Manoel de Medeiros, s/nº, Dois Irmãos, Recife/PE, CEP 52171-900, 1º andar do Prédio Central da Reitoria da UFRPE (ao lado da Secretaria Geral dos Conselhos Superiores), telefone número (81) 3320-6638 e e-mail cep@ufrpe.br.

Bruno Veloso de Farias Ribeiro
(Pesquisador)

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
VOLUNTÁRIO(A)**

Eu, _____,
CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou tradução da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo *Heteronormatividade e variação lexical nos sinais em Libras*, como voluntário/a. Fui devidamente informado/a e esclarecido/a pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Impressão
digital
(opcional)

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do voluntário em participar.

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE C
FORMULÁRIO DE PESQUISA

SEÇÃO 1

Ficha Social

1. Qual a sua identidade de gênero e sexualidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Mulher lésbica
- Mulher heterossexual
- Homem gay
- Homem heterossexual

2. Faixa etária *

Marcar apenas uma oval.

- 18 - 29
- 30 - 49
- 50 acima

3. Escolaridade: *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino Superior completo
- Ensino Superior incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino Fundamental incompleto

SEÇÃO 2

Questionário de variantes

4. Aqui em Recife, a comunidade surda conhece quais sinais para representar essa imagem?
(AQUI RECIFE, SURD@S CONHECE SINAIS PRÓPRIO QUAL? PERGUNTA: 1, 2, 3, 4, 5 OU OUTRO?)

*



Fonte: The Noun Project; Pixabay (licença Creative Commons)

Marque todas que se aplicam.

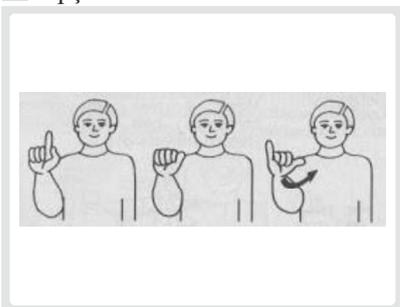
Opção 1



Opção 2



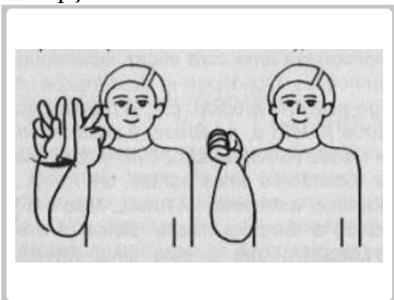
Opção 3



Opção 4



Opção 5

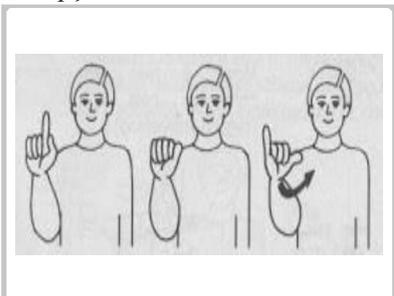


Outro:

**5. Você prefere utilizar qual(is) destes sinais?
(PREFERE VOCÊ 1, 2, 3, 4, 5 OU OUTRO SINAL GOSTA QUAL?) ***

Marque todas que se aplicam.

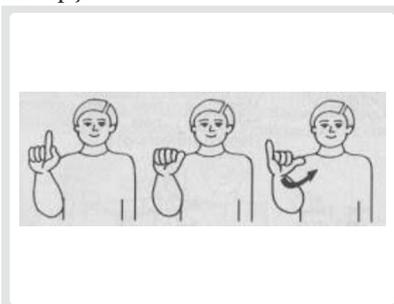
Opção 1



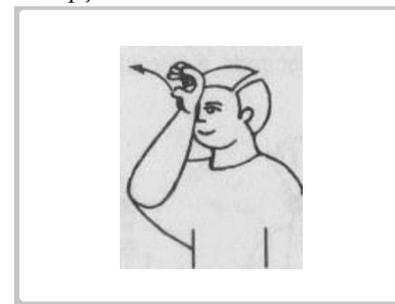
Opção 2



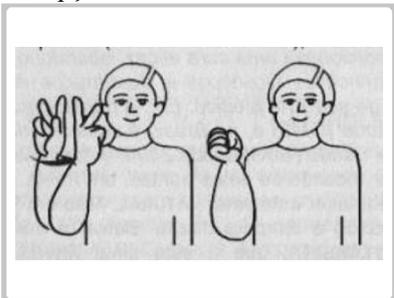
Opção 3



Opção 4



Opção 5



Outro

6. Aqui em Recife, a comunidade surda conhece quais sinais para representar essa imagem?
(AQUI RECIFE, SURD@S CONHECE SINAIS PRÓPRIO QUAL? PERGUNTA: 1, 2, 3, 4, 5 OU OUTRO?)

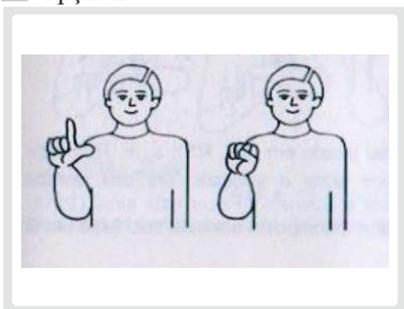
*



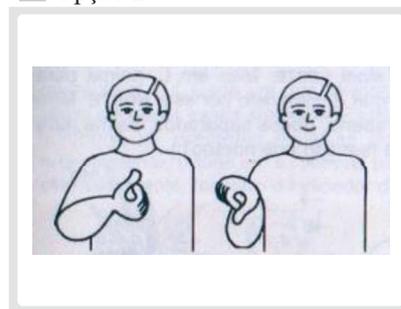
Fonte: The Noun Project; Pixabay (licença Creative Commons)

Marque todas que se aplicam.

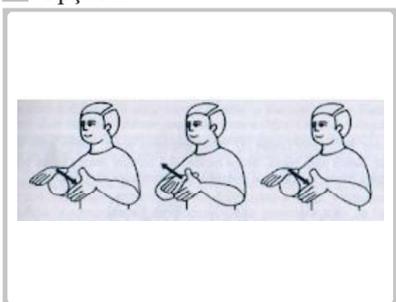
Opção 1



Opção 2



Opção 3



Opção 4



Opção 5

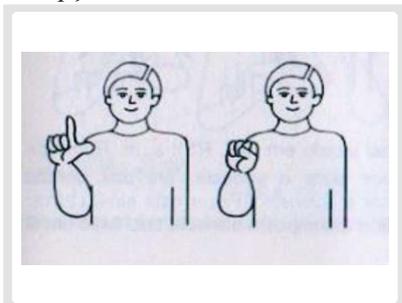


Outro:

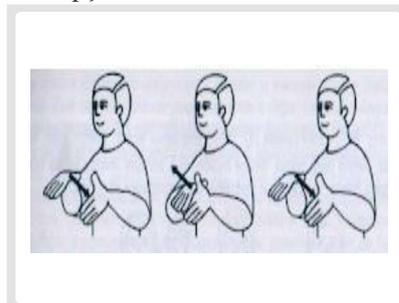
**7. Você prefere utilizar qual(is) destes sinais?
(PREFERE VOCÊ 1, 2, 3, 4, 5 OU OUTRO SINAL GOSTA QUAL?) ***

Marque todas que se aplicam.

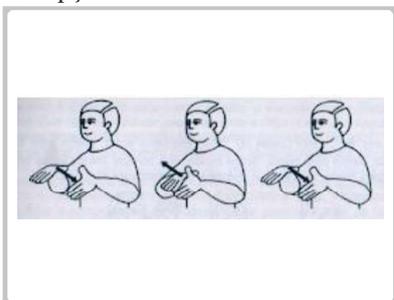
Opção 1



Opção 2



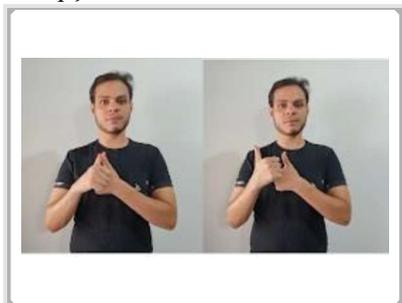
Opção 3



Opção 4



Opção 5



Outro:

8. Aqui em Recife, a comunidade surda conhece quais sinais para representar essa imagem?
 (AQUI RECIFE, SURD@S CONHECE SINAIS PRÓPRIO QUAL? PERGUNTA: 1, 2, 3, 4, 5 OU OUTRO?)

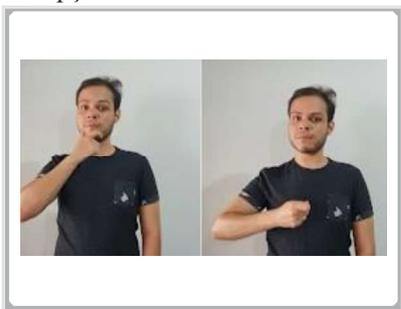
*



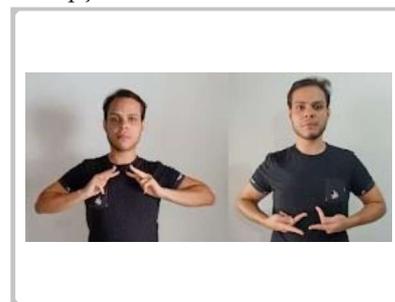
Fonte: The Noun Project; Pixabay (licença Creative Commons)

Marque todas que se aplicam.

Opção 1



Opção 2



Opção 3



Opção 4

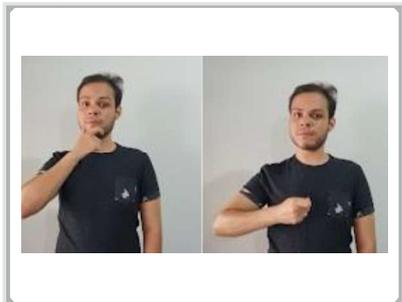


Outro:

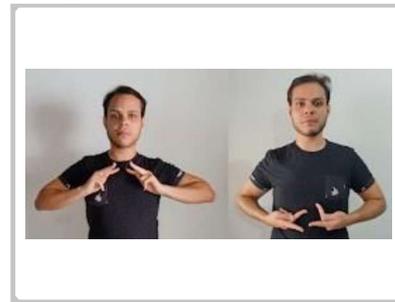
**9. Você prefere utilizar qual(is) destes sinais?
(PREFERE VOCÊ 1, 2, 3, 4, 5 OU OUTRO SINAL GOSTA QUAL?) ***

Marque todas que se aplicam.

Opção 1



Opção 2



Opção 3



Opção 4



Outro:

10. Aqui em Recife, a comunidade surda conhece quais sinais para representar essa imagem?
 (AQUI RECIFE, SURD@S CONHECE SINAIS PRÓPRIO QUAL? PERGUNTA: 1, 2, 3, 4, 5 OU OUTRO?)

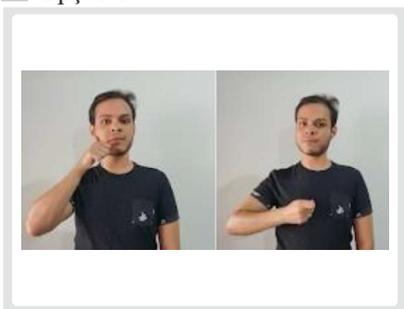
*



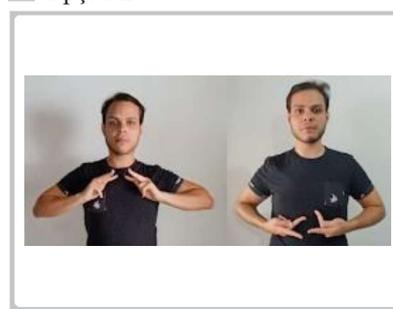
Fonte: The Noun Project; Pixabay (licença Creative Commons)

Marque todas que se aplicam.

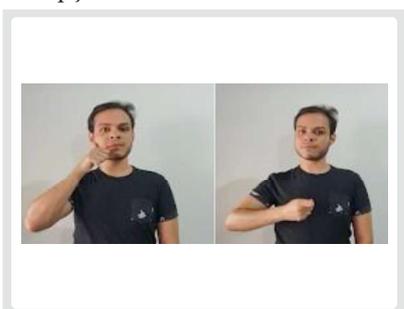
Opção 1



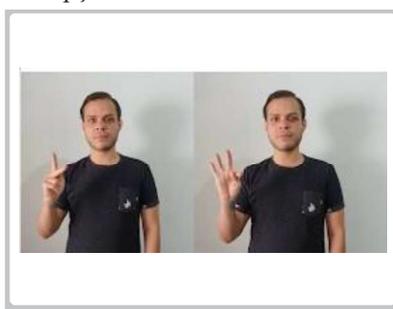
Opção 2



Opção 3



Opção 4

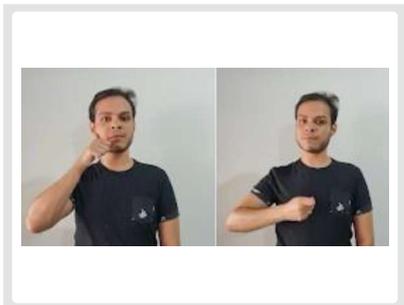


Outro:

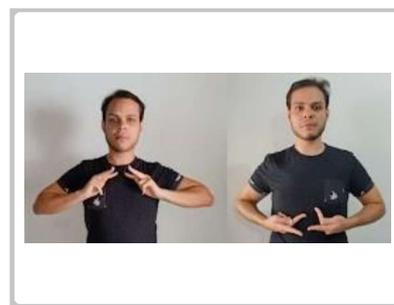
**11. Você prefere utilizar qual(is) destes sinais?
(PREFERE VOCÊ 1, 2, 3, 4, 5 OU OUTRO SINAL GOSTA QUAL?) ***

Marque todas que se aplicam.

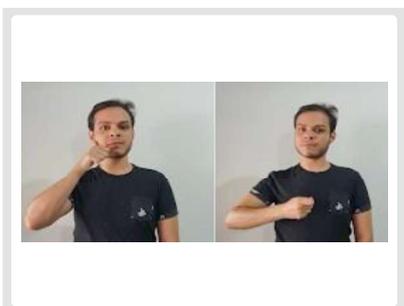
Opção 1



Opção 2



Opção 3



Opção 4

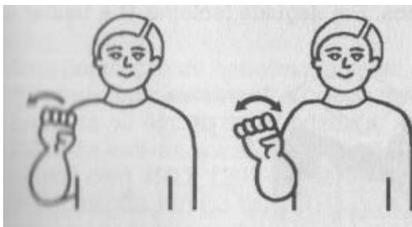


Outro:

SEÇÃO 3

Sinais Variável 1

12. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				

Não conheço este sinal

13. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



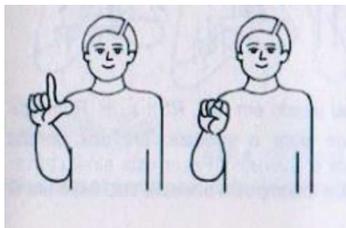
Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				



Não conheço este sinal

14. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				



Não conheço este sinal

15. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



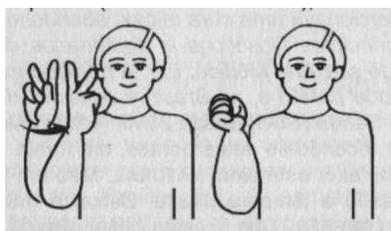
Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				



Não conheço este sinal

16. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				

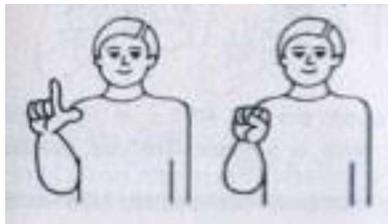


Não conheço este sinal

SEÇÃO 4

Sinais Variável 2

17. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?

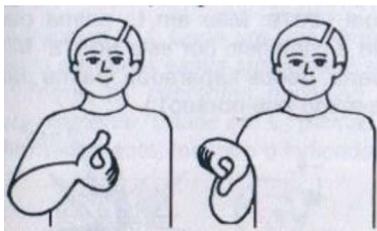


Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				

Não conheço este sinal

18. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				



Não conheço este sinal

19. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				



Não conheço este sinal

20. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				

Não conheço este sinal

21. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				

Não conheço este sinal

22. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				
<input type="radio"/> Não conheço este sinal					

SEÇÃO 5

Sinais Variável 3

23. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				

Não conheço este sinal

24. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				
<input type="radio"/> Não conheço este sinal					

25. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>				
“agradável”	<input type="radio"/>				
“bonito”	<input type="radio"/>				
“educado”	<input type="radio"/>				
“palavrão”	<input type="radio"/>				
“respeitoso”	<input type="radio"/>				
<input type="radio"/> Não conheço este sinal					

26. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
“agradável”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
“bonito”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
“educado”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
“palavrão”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
“respeitoso”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<input type="radio"/>	Não conheço este sinal				

27. Sobre este sinal, qual é a sua opinião?



Marcar apenas uma oval por linha.

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Indiferente	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
“afeminado”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
“agradável”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
“bonito”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
“educado”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
“palavrão”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
“respeitoso”	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<input type="radio"/>	Não conheço este sinal				